



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
CAMPUS CAJAZEIRAS
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS
PROFLETRAS**

SHEYLA MARIA LOPES DA COSTA

**A ARTE COMO INSTRUMENTO DE EXPRESSÃO DAS LINGUAGENS E
SUPORTE LÚDICO-DIDÁTICO NO ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA**

**CAJAZEIRAS-PB
2016**

SHEYLA MARIA LOPES DA COSTA

**A ARTE COMO INSTRUMENTO DE EXPRESSÃO DAS LINGUAGENS E
SUPORTE LÚDICO-DIDÁTICO NO ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS, da Universidade Federal de Campina Grande, Campus Cajazeiras, como requisito para obtenção do título de Mestra em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Onireves Monteiro de Castro.

**CAJAZEIRAS-PB
2016**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Josivan Coêlho dos Santos Vasconcelos - Bibliotecário CRB/15-764
Cajazeiras - Paraíba

C837a Costa, Sheyla Maria Lopes da.
A arte como instrumento de expressão das linguagens e suporte lúdico-
didático no ensino da língua portuguesa / Sheyla Maria Lopes da Costa. -
Cajazeiras, 2017.
114p.: il.
Bibliografia.

Orientador: Prof. Dr. Onireves Monteiro de Castro.
Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) UFCG/CFP, 2017.

1. Língua portuguesa. 2. Arte - suporte lúdico-didático. 3. Ensino
aprendizagem. 4. Leitura. 5. Escrita. I. Castro, Onireves Monteiro de. II.
Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de
Professores. IV. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU - 811.134.3(043)

SHEYLA MARIA LOPES DA COSTA

**A ARTE COMO INSTRUMENTO DE EXPRESSÃO DAS LINGUAGENS E
SUPORTE LÚDICO-DIDÁTICO NO ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA**

Orientador: Dr. Onireves Monteiro de Castro.

**Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras
– PROFLETRAS, da UFCG-PB, como requisito parcial para obtenção do
título de Mestra em Letras.**

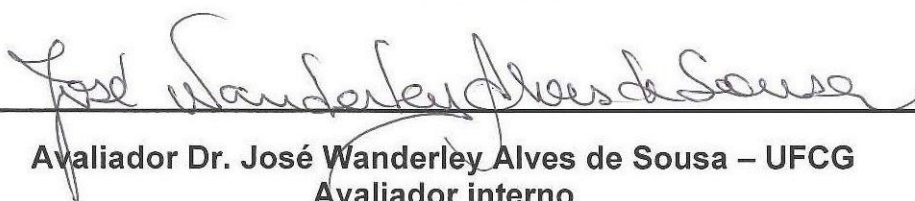
BANCA EXAMINADORA



**Dr. Onireves Monteiro de Castro – UFCG (Presidente)
Orientador**



**Dra. Maria Paula Jacinto Cordeiro - URCA
Avaliadora Convidada**



**Avaliador Dr. José Wanderley Alves de Sousa – UFCG
Avaliador interno**

**Profa. Dra. Maria de Luz Olegário – UFCG
Suplente**

Cajazeiras, 09 de dezembro de 2016.

*Dedico este trabalho
Aos meus pais, Lucélia Lopes, Carmelo
da Costa e minha tia Lucinha, que me ensinaram
cada um à sua maneira, sobre o difícil equilíbrio
entre a criação e a ação;
Aos grupos TRADANÇÁRIO e TPA
(Teatro Popular de Arte) que me instigaram a
buscar inspiração para a arte de viver nas raízes
da nossa cultura;
Aos meus amigos e colegas de labor
que juntos buscamos a tão sonhada educação
pública de qualidade;
Aos meus queridos alunos com quem
aprendo todos os dias.*

AGRADECIMENTOS

Ao Pai celestial, Jesus Cristo, meu mestre e amigo sempre presente, sem o qual nada teria feito nem tão pouco estaria aqui.

À minha família, aos meus verdadeiros inspiradores, meus pais, Lucélia e Carmelo – este, sempre varando madrugadas buscando aprimoramentos de conhecimentos junto comigo.

Ao meu orientador Prof. Onireves de Castro pela amizade e incentivo ao dizer que “eu faria” quando minhas expectativas estavam se frustrando, pela compreensão e por me transmitir segurança e tranquilidade na longa caminhada... Meu carinho e minha admiração.

Aos amigos que sempre compreenderam, contribuíram, estiveram sempre ao meu lado incentivando meus sonhos e em especial aos professores: Dilene Torres, Adriana Lúcia Ramos, Maria Anerísia e Marinez Menezes – esta pelo apoio quando precisei me afastar do trabalho para seguir rumo à Cajazeiras, para frequentar o PROFLETRAS.

Aos meus colegas de classe e demais mestrandos, pela amizade e companheirismo que recebi. Em especial: Maria do Socorro Marinho, Epitácio Lopes, Maria Nunes e Francisco Sérgio Bertoldo.

Aos Professores do Mestrado da UFCG pela competência e dedicação por uma educação transformadora.

Aos meus amados alunos que abraçam a minha causa e a transformam em nossa causa – razão da caminhada em busca da luz do saber.

*“Gosto de sentir a minha língua roçar a língua de Luís de Camões
Gosto de ser e de estar
E quero me dedicar a criar confusões de prosódias
E uma profusão de paródias
Que encurtem dores
E furtem cores como camaleões
Gosto do Pessoa na pessoa
Da rosa no Rosa
E sei que a poesia está para a prosa
Assim como o amor está para a amizade
E quem há de negar que esta lhe é superior?
E deixe os Portugais morrerem à míngua
Minha pátria é minha língua
Fala Mangueira! Fala!
Flor do Lácio Sambódromo Lusamérica latim em pó
O que quer
O que pode esta língua?”
Caetano Veloso*

“A arte dirá a palavra decisiva e de maior peso. Sem a nova arte não haverá o novo homem”.
Vygotsky

“Não é possível estar no mundo sem fazer história, sem por ela ser feito, sem fazer cultura, sem sonhar, sem cantar, sem pintar, sem esculpir, sem cuidar da terra, das águas, sem filosofar, sem pontos de aprender, sem ensinar”.
Paulo Freire

RESUMO

A presente dissertação tem como objetivo demonstrar que a Arte pode servir como suporte lúdico-didático no aprimoramento leitura/escrita da Língua Portuguesa e através de suas múltiplas linguagens ir além, podendo contribuir no ensino-aprendizagem como processo pedagógico inovador e interdisciplinar envolvendo as demais áreas de conhecimento. A partir de uma experiência prática educativa no Ensino Fundamental II, no Colégio Estadual Jutahy Magalhães – Juazeiro/BA, o estudo propõe formas de otimizar a aquisição de conhecimentos no domínio linguístico por meio de um trabalho multidisciplinar com alunos do 6º ao 9º ano. A pesquisa tem fundamentação teórica em estudos que reforçam a importância das expressões artísticas: Teatro, Dança, Música e Artes Visuais na melhor prática da Língua Mãe. Em sua dimensão metodológica caracteriza-se por ser de pesquisa-ação, com abordagem exploratória e qualitativa. Objetiva-se como resultado, uma mediação pedagógica no campo da leitura assimilativa de conhecimentos e de linguagens a partir de expressões artísticas. Essas atividades foram registradas em um DVD intitulado “*Linguartculando*”, sistematizadas com depoimentos de professores e alunos e com oficinas nas linguagens da arte, a fim de estimular a inspiração pedagógica de professores da rede básica de ensino. As ações colocam em evidência as artes e a Língua Portuguesa as quais apontam possibilidades de amadurecimento interpretativo do professor nas diversas dimensões do aprender que se constroem em sala de aula pelas mãos unidas de professores e seus alunos, gestores e comunidade.

Palavras-chaves: Arte. Língua Portuguesa. Ensino-aprendizagem. Articulação de conhecimentos. Mediação Pedagógica e Leitura.

ABSTRACT

To present dissertation has as objective it demonstrates that the Art can serve as ludic-didactic support in the perfect reading/writing of the Portuguese Language and through your multiple languages to go beyond, could contribute in the teaching-learning as innovative pedagogic process and interdisciplinary involving the other knowledge areas. Starting from an educational practical experience in the Fundamental Teaching II, in the State School Jutahy Magalhães - Juazeiro/BA, the study proposes forms of optimizing the acquisition of knowledge in the linguistic domain through a work multidisciplinary with students of the 6th to the 9th year. The research has theoretical fundamental in studies that reinforce the importance of the artistic expressions: Theater, Dances, Music and Visual Arts in Language Mother's best practice. In your methodological dimension it is characterized by being of research-action, with exploratory and qualitative approach. It is aimed at as result, a pedagogic mediation in the field of the assimilative reading of knowledge and of languages starting from artistic expressions. Those activities were registered in an entitled " DVD Linguartculando ", systematized with teachers' depositions and students and with workshops in the languages of the art, in order to stimulate the teachers' of the basic net of teaching pedagogic inspiration. The actions place in evidence the arts and the Portuguese Language which point possibilities of the teacher's interpretative ripening in the several dimensions of learning that are built in class room by the hands united of teachers and your students, managers and community.

Keywords: Art. Portuguese Language. Teaching-learning.knowledge Articulation. Pedagogic Mediation and Reading.

LISTA DE QUADROS E FIGURAS

1 QUADROS	
1.1 Quadro 1: Gêneros privilegiados para a prática de escuta e leitura de textos.....	41
1.2 Quadro2: Gêneros sugeridos para a prática de produção de textos orais e escritos.....	42
2 FIGURAS	
2.1 Figura 1: Alunos na aula de leitura mediada.....	18
2.2 Figura 2: Grupo de alunos em aula da campo.....	20
2.3 Figura 3: Alunos na aula de leitura interpretativa.....	30
2.4 Figura 4: Leitura interpretativa mediada.....	42
2.5 Figura 5: Leitura interpretativa mediada.....	59
2.6 Figura 6: Aula de leitura mediada e expressão oral.....	61
2.7 Figura 7: Aula de Gramática, variação e ensino-UFCEG.....	66
2.8 Figura 8 :Aula mediada visita ao teatro.....	68
2.9 Figura 9: Aula expositiva mediada linguagem da dança.....	70
2.10: Figura 10: Aula expositiva mediada linguagem da música.....	73
2.11: Figura 11: Aula expositiva mediada linguagem visual.....	75
2.12: Figuras do Anexo A.....	100

SUMÁRIO

	Pág.
1 INTRODUÇÃO.....	9
2 INSTRUMENTO DE PODER: REPENSANDO A LÍNGUA COMO OBJETO DE ENSINO.....	18
2.1 Refletindo a dimensão interacional da linguagem: a educação, o ensino de Língua Portuguesa, o professor e a sociedade.....	20
3 LEITURA: MEDIAÇÃO COMO PRÁXIS DA AÇÃO DO PROFESSOR.....	30
4 NAS ENTRELINHAS DA PALAVRA ENCONTRA-SE A ARTE	42
4.1 Qual o papel da arte para o mundo?	46
4.2 A importância do ensino da arte na escola e fora dela: uma visão dos parâmetros curriculares nacionais.....	48
4.3 O ensino da arte nas escolas do Brasil.....	51
4.4 As linguagens artísticas na escola e na formação dos professores.....	52
5 PERCURSO METODOLÓGICO.....	59
5.1 A escola como campo de pesquisa	60
5.2 Os interlocutores da pesquisa.....	62
5.3 Caminhos da ação pedagógica.....	65
5.4 Práticas que educam.....	67
5.4.1 Etapa I - Diagnóstico e análise das competências e habilidades linguísticas.....	68
5.4.2 Etapa II – Construção das práticas das linguagens e a descoberta das habilidades	69
6 AS LINGUAGENS ARTÍSTICAS NO COTIDIANO ESCOLAR.....	79
6.1 Trabalhando com a prática é que se estimula o desenvolvimento das habilidades.....	81

6.1.1 Dança – a importância dessa linguagem na vida e na escola.....	81
6.1.2 Música – A linguagem que transpõe os muros da escola.....	83
6.1.3 Teatro – escola cenário oportuno para as expressões da linguagem teatral.....	85
6.1.4 Artes visuais/plásticas – As paredes da escola são painéis para várias tintas e vários pincéis repletos de mãos.....	88
6.2 A Arte como ferramenta de aprendizado multidisciplinar.....	90
6.3 Como planejamos?.....	92
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	95
REFERÊNCIAS.....	99
ANEXOS	101

1 INTRODUÇÃO

Parafraseando o poeta Ferreira Gullar (1930-2016), este trabalho se fundamenta na ideia de que a arte existe porque só a vida não basta. Essa perspectiva leva-nos a imaginar que um mundo sem arte seria insípido e uma escola sem arte, impossível, pois esta é animadora pelo tom imprevisível, é descoberta, é uma invenção da vida.

A arte está presente nas manifestações humanas e está inerente ao processo da educação. Indubitavelmente, as linguagens da arte dinamizam a mente e o corpo do homem e o fazem extrapolar do cotidiano a uma nova realidade. A descoberta das expressões artísticas está atrelada à pluralidade de linguagens: verbais, não verbais, icônicas, gestuais, pois desde os primórdios da humanidade a arte representa nossa existência: outrora nas pedras, (pinturas rupestres) ora nos muros e nas paredes dos templos expressando a ubiquidade da ação humana no “mundo civilizado”. Portanto, aprofundar-se nas questões relativas ao ensino da Arte, como suporte - A ARTE COMO INSTRUMENTO DE EXPRESSÃO DAS LINGUAGENS E SUPORTE LÚDICO-DIDÁTICO NO ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA, toma-se a comunicabilidade/expressividade como unidade central. Isso sem dúvida é um compromisso de todos - principalmente do educador que vislumbra, através da leitura e escrita da língua mãe, contribuir para o desenvolvimento da subjetividade e aguçar os sentidos, quando se é permitido dialogar nesse contexto.

Para ratificar a premissa que a língua e a arte são indissociáveis quanto ao que concernem as relações de interação humana os PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais, MEC, 1998, p. 41):

Os sujeitos se apropriam dos conteúdos, transformando-os em conhecimentos próprios por meio da ação sobre eles mediada pela interação com o outro. Não é diferente no processo de aquisição e desenvolvimento da linguagem. É nas práticas sociais, em situações lingüisticamente significativas, que se dá a expansão da capacidade de uso da linguagem e a construção ativa de novas capacidades que possibilitam o domínio cada vez maior de diferentes padrões de fala e de escrita.

Inúmeros são os percalços e questões que desafiam os docentes da área de Arte e de Língua. Em primeiro lugar, há um impacto cultural a partir do qual se faz necessário um amadurecimento nas diferentes linguagens e em especial, na própria disciplina. A evolução no campo das pesquisas científicas nessa área é escassa para responder a problemas pontuais e muitos profissionais esperam “fórmulas

mágicas” e imediatistas para atingir resultados que só se conquistam de forma processual e dinâmica.

Em segundo lugar, sabemos que a disciplina Arte apresenta resquícios de momentos em que professores sem habilidade e nem aptidão para o ofício, ministravam aulas para complementação da sua carga horária semanal. A partir dessa atuação muitas vezes amadora e despreparada, a disciplina Arte nas escolas era lembrada durante as festinhas organizadas pelo calendário escolar ou nas horas de confeccionar “lembrancinhas” em datas comemorativas. Hoje, mesmo sendo obrigatória e indispensável na grade curricular, se resume em sala, às tarefas de desenhar e pintar, ao longo do percurso histórico da nossa prática, ou seja: aulas meramente mecânicas, sem alma, sem empatia e sem conteúdo. Destarte, sendo a disciplina também um canal de mediação da capacidade de criar, emocionar, flexibilizar o olhar, perceber com novas lentes, é necessário sensibilidade e significado. Atos mecânicos são isentos de significado. A arte será mediada quando o papel do professor em sala de aula for o “saber fazer” ou no mínimo, conhecer teorias das diferentes linguagens artísticas universais como a dança, o teatro, o cinema, as artes plásticas e a música e a sua própria língua.

Ao, utilizar os mecanismos das linguagens artísticas inerentes ao fazer e perenes no cotidiano humano, dinamiza-se e estimula-se a compreensão do conhecimento enciclopédico. Como interdisciplinaridade na Língua Portuguesa de forma lúdica, esta simbiose fará fluir o processo sistemático da leitura e da escrita.

O ato de ler significa muito mais do que decodificar as convenções de um código escrito: identificar, subjetivar, etc., se faz necessário para que o aprendiz adquira outras habilidades constitutivas da compreensão leitora.

Percebemos a proeminente necessidade da escola mudar o foco atual: deixar de considerar o ato de ler como atividade mecânica e de responsabilidade individual, para assumir a leitura como uma atividade em que alunos e professores sejam sujeitos ativos e colaboradores.

A linguagem, na compreensão de Marcuschi (2008), é assumida como atividade interativa eminentemente humana, cuja ocorrência se dá em contexto social sempre real e de forma colaborativa: o indivíduo atua e se constrói na relação com outro. Nessa compreensão, o sujeito ativo realiza um trabalho de exploração dos recursos formais e expressivos postos à sua disposição enquanto falante.

Em terceiro lugar, o professor precisa redescobrir o papel da arte e da Língua Materna na escola e o potencial de resultados positivos derivados da articulação de áreas de conhecimento trabalhadas conjuntamente, ao invés de fragmentadas, possibilitando que o educando, não apenas leia o que lhe é sugerido, mas, sinta-se instigado a ver o que está por trás da imagem: isso faz com que o aluno evolua seu olhar para um campo mais crítico e interpretativo que seja, precisamente, libertar-se do senso comum. A partir desses desafios e considerando que a arte é presente em nosso cotidiano, em quais amplitudes ela teria espaço no processo educativo?

De acordo com os PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais, MEC, 1998, p. 20):

O conhecimento da arte abre perspectivas para que o aluno tenha uma compreensão do mundo na qual a dimensão poética esteja presente: a arte ensina que nossas experiências geram um movimento de transformação permanente, que é preciso reordenar referências a cada momento, ser flexível. Isso significa que criar e conhecer são indissociáveis e a flexibilidade é condição fundamental para aprender.

A priori, se faz necessário que o professor faça um paralelo do que o aluno já possui em sua bagagem de conhecimentos com relação à arte. Didaticamente, mesmo que cada educador apresente uma linha própria na forma de trabalhar (não existem fórmulas para se ministrar a aula de arte), esse profissional deverá estar em constante descoberta, para fazer com que os seus alunos, conheçam mais, façam mais e convivam com a diversidade de possibilidade de percepções de mundo que são capazes de transformar vidas. As linguagens da arte como um todo, trazem uma carga emotiva, faz pensar, analisar e refletir como um vitral colorido. Tais elementos, detêm essa constante que além de aperfeiçoar o senso crítico do aluno, contribuem com a ampliação da percepção, instigando-o a compreender que quando falamos, dançamos, pintamos, dramatizamos, cantamos expressamos nossas ideias e refletimos sobre as mesmas. Neste escopo, as múltiplas linguagens da arte tendem a favorecer a aprendizagem por proporcionar maior dinâmica durante nosso processo cognitivo e poderiam ser exploradas em todos os setores da educação primária, que visam à formação intelectual do aluno.

Para Morin (2005), o progresso do conhecimento não pode ser tratado de forma unidimensional. Não há conhecimento sem criatividade. A imaginação criativa é o fundamento para que o homem possa questionar a realidade, traçar novas técnicas e evoluir em sociedade. A saída da inércia estabelecida por pensamentos dogmáticos só é possibilitada através da capacidade criadora da imaginação

humana. A busca pela verdade surge da incerteza, que por sua vez nasce do questionamento, que provém da imaginação criativa.

Os progressos do Conhecimento não podem ser identificados como a eliminação da ignorância. Estamos numa nuvem de desconhecimento e de incerteza produzida pelo conhecimento; podemos dizer que a produção dessa nuvem é um dos elementos do progresso, desde que o reconheçamos. Em outras palavras, conhecer é negociar, trabalhar, discutir, debater-se com o desconhecido que se reconstitui incessantemente, porque toda solução produz nova questão. (MORIN, 2005, p.104).

Motivados por essas reflexões e baseados no leque de possibilidades que a disciplina Arte nos aponta na ampliação da percepção dos nossos alunos, desenvolveu-se uma pesquisa pautada na importância da articulação entre as Linguagens da arte com outras disciplinas, considerando seu potencial integrador nas demais disciplinas do currículo escolar. Como instrumental linguístico complementar nos constitutivos disciplinares, a integração dessa modalidade e seus fios condutores na pesquisa aplicada, o cenário de aprendizagem se amplia.

Sendo a arte uma disciplina de caráter qualitativo e exploratório, a pesquisa, tem uma dimensão de experimentação para a consolidação da prática docente e para a (cri)ação na sala de aula, em favor da formação integral do aluno e contra a fragmentação que faz o saber perder o significado. Por meio de investigação de formas articuladas de promoção do saber, se direciona para a prática interdisciplinar das linguagens artísticas (dança, teatro, música e artes visuais/plásticas) com outras áreas e em específico, a Língua Portuguesa.

De acordo com os PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais, MEC, 1998, p. 41):

Ao tomar a língua materna como objeto de ensino, à dimensão de como os sujeitos aprendem e de como os sujeitos desenvolvem sua competência discursiva não pode ser perdida. O ensino de Língua Portuguesa deve se dar num espaço em que as práticas de uso da linguagem sejam compreendidas em sua dimensão histórica e em que a necessidade de análise e sistematização teórica dos conhecimentos linguísticos decorra dessas mesmas práticas.

Os quatro pilares da educação para o século XXI são tomados como inspiração para o estudo e as práticas propostas neste trabalho: aprendendo a conhecer (adquirir instrumentos de compreensão), aprendendo a fazer (para poder agir sobre o meio envolvente), aprendendo a viver juntos (cooperação com os outros em todas as atividades humanas) e finalmente aprendendo a ser (conceito principal que integra todos os anteriores).

Referindo-se a esses pilares, Celso Antunes (2013, p. 150) aponta que:

[...] devem imperar habilidades para se construir conhecimentos, exercitando os pensamentos, a atenção e a memória, selecionando informações que efetivamente possam ser contextualizadas com a realidade que se vive e capazes de serem expressas por linguagens diferentes.

Para que se aprenda a conhecer e a fazer, cabe aos professores à tarefa de:

[...] desvestir a escola de sua fisionomia de quartel e deixar de ser um disfarçado campo de competições para, aos poucos, ir se transformando em um verdadeiro centro de descoberta do outro e também um espaço estimulador de projetos solidários e cooperativos [...]. (ANTUNES, 2013, p 150).

Mas é sobre o aprender a ser que se ancora uma dimensão profunda que deve ser alcançada pela escola, na medida em que esse pressuposto aponta um caminho de formação holística e integral dos sujeitos educandos:

Aprender se torna a ideia de que todo ser humano deve ser preparado inteiramente – espírito e corpo, inteligência e sensibilidade, sentido estético e responsabilidade pessoal, ética e espiritualidade – para elaborar pensamentos autônomos e críticos e também para formular os próprios juízos de valor, de modo a poder decidir, por si mesmo, como agir em diferentes circunstâncias da vida. (ANTUNES, 2013, p 151).

Com essas dimensões conceituais estabelecidas, foi escolhido como cenário para o desenvolvimento da pesquisa o Colégio Estadual Jutahy Magalhães, localizado no bairro Piranga, município de Juazeiro da Bahia. O público alvo foram alunos de classes do 6º ao 9º anos do Ensino Fundamental II, formadas com um quantitativo entre 38 e 47 alunos por turma. A escolha do Colégio como campo de pesquisa, justifica-se por ser conhecido pela comunidade local, por desenvolver um trabalho diferenciado, apresentando bons resultados nas avaliações externas e nas atividades artísticas, representando o município nas atividades sócio educacionais em nível estadual.

Além disso, o referido Colégio é o local de trabalho da autora deste trabalho há 12 anos. Como professora, sempre se preocupou com as inúmeras dificuldades apresentadas por colegas professores e por parte dos alunos, já que em sua prática pedagógica, ministra aulas de Arte e Língua Portuguesa, coordena oito monitores do Programa Mais Educação (MEC) e vem realizando vários projetos didáticos envolvendo novas metodologias para a interdisciplinaridade nos processos do ensino aprendizagem, cujo programa disponibiliza oficinas de Letramento, Matemática, Dança, Teatro, Música (Banda) e Esportes, participando como finalista estadual nos Projetos Estruturantes e nos concursos de Bandas e Fanfarras – ambos eventos baianos.

A escolha do público-alvo justifica-se pelo fato de serem alunos de diferentes turmas e níveis nos quais, inicialmente, há uma ruptura nas constâncias do processo de ensino e na aquisição da aprendizagem do ensino fundamental I, que é sentida pela quebra da comodidade, advinda de uma nova realidade que caracteriza o ingresso no ensino fundamental II. Com um número maior de disciplinas e de professores por área de conhecimento, as relações interpessoais de alunos neste novo espaço de aprendizagem são nitidamente prejudicadas.

Neste aspecto é pertinente fazer um paralelo com as séries finais. Nas turmas de alunos do 9º ano, há notoriamente outra quebra de rotina em relação a que estes devam estar preparados para o ensino médio, simbolizadas por cobranças sobre definições de futuro profissional e sinalizadas como expectativa de êxito no Enem.

Diante desse cenário, é instigante compreender os motivos do rompimento da expressão espontânea, mesmo imatura (no 6º ano), que tem um caráter mais natural, lúdico, divertido e se estagna perceptivelmente no decorrer do processo de socialização e assentamento no ensino fundamental II; a aquisição de amplitude vocabular subsequente, se desenvolve de maneira muito formal, enfadonha, de forma inibidora ou até, “a grosso modo”, castradora. Já no nono ano, é desafiador para alunos verbalizar suas ideias: eles não se sentem predispostos, ou melhor, à vontade para se expressarem. Seria uma expectativa coerente esperar que os alunos, ao chegarem às séries terminais, tenham uma bagagem considerável de conhecimentos e de maturidade em relação à liberdade de expressão e do domínio crítico da utilização de suas capacidades – coisas que a Arte junto com a Língua Portuguesa, pode desenvolver e manter sem grandes esforços. Entretanto, isso não acontece naturalmente.

Pensando nessa formação mais integral do sujeito, para conhecer, fazer, viver com os outros e ser é possível tomar como ponto de partida a ideia de que todas as habilidades artísticas necessitam ser desenvolvidas com critérios bem definidos na escola, para que a formação desses alunos seja de fato integral e progressiva. Há uma gama de atividades na escola que na maioria das vezes são meros engodos e cumprimento de calendário sem uma proposta sólida, do tipo “verdadeiro faz de conta”.

Considerando esses aspectos e a importância de se estabelecer norteadores para o desenvolvimento das atividades, definimos que o objetivo geral desse estudo

é apontar elementos que permitam refletir como as múltiplas linguagens artísticas (teatro, dança, música e artes visuais), podem ser ministradas em articulação com a Língua Portuguesa, de forma a se constituírem como disciplinas que dinamizam o processo cognitivo e potencializam a aprendizagem do aluno.

O trabalho aponta como objetivos específicos:

- Discutir o ensino da Língua Portuguesa numa perspectiva crítico-criativa, a partir de usos de linguagens artísticas diversas;
- Promover um ambiente educacional prazeroso, no qual, as diversas linguagens artísticas possibilitem ao educando ler, refletir e interpretar, contribuindo assim para uma melhor aquisição de conhecimentos da Língua Portuguesa e construir seus próprios sentidos em relação ao mundo;
- Apresentar sob a forma de DVD em caderno pedagógico, propostas interdisciplinares de mediação da leitura a partir da utilização de linguagens artísticas diversas.

Para dar suporte teórico à pesquisa, buscou-se autores que se debruçaram no estudo da Língua materna e da Arte, mostrando sua importância e colaboração para a formação de uma educação mais plural, proposta por Stella Maris Bortoni-Ricardo (2012)¹ e Louis Porcher (1982)². Outros autores corroboram com a ação transformadora da arte como assevera Ana Mae Tavares Bastos Barbosa (2012)³ ou

¹ No Livro “Leitura e Mediação pedagógica” (2010), organizado por Stella Maris Bortoni-Ricardo estratégia de mediação pedagógica e questão referente: “O que fazer para levar os estudantes a entenderem os textos que leem e escrevem na escola e fora dela?” Cujo o foco não é a heterogeneidade linguística apenas, mas principalmente a heterogeneidade na cultura e na visão de mundo dos alunos que a escola recruta nos grupos sociais com pouca experiência de letramento, a maioria da população. O livro contribuir para a ensinagem (ensino e aprendizagem) da leitura e se insere numa lacuna pedagógica: o desenvolvimento de um acervo de estratégias mediacionais que implementem o conhecimento enciclopédico, necessário à compreensão durante a leitura e as dificuldades para acompanhar os currículos escolares, em todas as disciplinas. Essas dificuldades têm sido discutidas como resultantes das diferenças linguísticas entre as variedades que compõem o repertório desses alunos e a variedade empregada na transmissão sistemática de conhecimentos na escola e procura contribuir para que os professores possam enriquecer o ensino com a construção de uma pedagogia da leitura, muitas vezes inexistente em nossas salas de aula.

² No trabalho “Educação Artística – luxo ou necessidade” (1982), o autor apresenta uma fundamentação lúdica, compondo um painel em que são estudadas todas as atividades expressivas onde para cada área há uma proposta de como fazer a arte como atributo fundamental para a formação do indivíduo, sendo este o foco do trabalho aqui socializado.

³ No livro “Inquietação e mudanças no ensino da arte”(1994), a autora discute o tema de transformação no ensino da arte, atitudes e valores no ensino da arte, multipluriculturalidade, interdisciplinaridade e formação de professores de arte.

dimensionam o papel do professor nesse contexto como Paulo Freire (1992)⁴, há ainda autores que oferecem contribuições mais pontuais para este estudo, mas não se configuram como referências estruturantes da análise como os apontados acima.

Em sua dimensão metodológica, a pesquisa caracteriza-se fundamentalmente por seu caráter de pesquisa-ação, com abordagem exploratória e qualitativa. A perspectiva geral do trabalho é dimensionada na realização de oficinas que articularam seus conteúdos entre a Língua Portuguesa e as quatro principais linguagens artísticas, tendo como campo de intervenção uma escola da rede pública de ensino na Bahia. As atividades foram gravadas e editadas em DVD, com a participação em forma de entrevistas concedidas por diversos profissionais de educação. Esse produto objetiva apontar à comunidade acadêmica e interessada, as dimensões práticas das atividades interdisciplinares propostas nesse trabalho, contemplando os quatro pilares da educação para todos, nas dimensões do Aprender a: Conhecer – Artes visuais; Fazer – Dança; Conviver -Teatro; e Ser - Música.

Essa dissertação foi dividida em capítulos, sequenciada em aporte histórico e teórico, mecanismos metodológicos de produção de dados e análise reflexiva dos achados em observações e experiências nas oficinas realizadas na escola, além de apresentação de resultados e proposição de atividades registradas como um produto audiovisual em DVD para orientação de professores no exercício da metodologia de articulação de disciplinas defendido nesse trabalho.

O primeiro capítulo volta-se para um mapeamento histórico e crítico sobre a arte, perpassando pela sua evolução e importância mediadora na pedagogia do ensino da Língua Portuguesa através da leitura e escrita elencada no currículo escolar da educação pública brasileira e respaldada em fundamentos teóricos que delineiam o foco do estudo: os conceitos, proposições e finalidades da arte, sua importância para a formação do indivíduo crítico e reflexivo diante da linguagem plural de manifestações artísticas.

O segundo capítulo apresenta a metodologia e as ações processuais para fundamentar a importância da interdisciplinaridade da arte como instrumental

⁴ Em “Pedagogia da autonomia”, Paulo Freire (1997), oferece elementos para pensar o papel do professor de forma transformadora e humanizadora, com elementos teóricos e a possibilidade ampla de discussão de significados. Em “Medo e Ousadia” o papel político do professor na transformação e libertação de seus alunos se apresenta como uma provocação à ação.

linguístico complementar no currículo escolar e os aspectos que corroboram as articulações entre linguagens textuais e suportes artísticos que são ratificados pelos quatro pilares da educação para o século XXI. Neste capítulo é realizada uma descrição das etapas que deverão ser desenvolvidas ao longo do processo.

O terceiro capítulo propõe-se a descobrir ou redescobrir o papel do professor e a sua mediação como profissional na disciplina de Arte, considerando a sua importância como agente transformador no contexto social escolar em que esteja inserido e o compromisso da escola em apoiar o trabalho de professores de Arte, no tocante à contribuição interdisciplinar das suas linguagens.

Os resultados procuram propor instrumentos que favoreçam mudanças significativas e eficazes no domínio da Língua Portuguesa. Estima-se que os estudos da língua materna por meio do olhar das linguagens da arte aqui apresentadas possam criar a almejada ponte de convergência entre aluno e professor, para que este último encontre o amplo significado do seu trabalho e compreenda o que precisa fazer para estabelecer e o que poderá praticar em cada etapa do processo de ensino aprendizagem, principalmente no que se refere ao desenvolvimento de competências que lhe permita transposições entre a Língua Portuguesa e as linguagens artísticas.

2. INSTRUMENTO DE PODER: repensando a língua, como objeto de ensino.

“A pátria não é a raça, não é o meio, não é o conjunto dos aparelhos econômicos e políticos: é o idioma criado ou herdado pelo povo.”
Olavo Bilac



Figura 1: Alunos na aula de leitura mediada

Conceituado por Chomsky (1968) onde disserta que os filósofos gregos, antes de Cristo, já definiam o ser humano como um animal racional e social. Quer o consideremos um animal racional ou um animal social, estamos definindo-o como um animal que fala, pois tanto a racionalidade quanto a sociabilidade se fundamentam na linguagem. Assim, o mesmo, faz também arte, pois esta é um fazer estritamente humano e se faz antes mesmo do surgimento da escrita com o objetivo de representar uma organização ou época, utilizando-a como registro de supremacia perante seus contemporâneos. Compreendendo a priori a arte como expressão da linguagem, comprova-se que esta sempre foi um suporte para a construção do conhecimento, complementando o papel da língua como instrumento de poder.

A linguagem é a principal característica que distingue o ser humano das demais espécies. Noam Chomsky (1968, p.100), escreveu: Quando estudamos a linguagem humana, estamos nos aproximando do que alguns podem chamar de "essência humana", qualidades distintivas da mente que até onde sabemos, são exclusivas do homem. Destarte, analisando a aquisição das línguas, sob um aspecto técnico-analítico, os sistemas fundamentais de comunicação são: orais e complementarmente gráficos, compostos de símbolos com significados convencionalizados que ocorrem dentro de uma determinada comunidade ou cultura, estando a estes fatores, intrinsecamente ligados, entretanto, ao alcance de

todos de forma assimilativa. De forma semelhante, as línguas estão em constante, incontrolável e aleatória mutação; cada uma possui diferentes línguas entre si - características universais e fruto de uma língua padrão. Uma etnia social cria ou adequa o fenômeno linguístico às suas necessidades sociais e através da dinâmica da comunicação neste meio, surge a sua língua mãe.

Já que as línguas quanto à sua origem, são habilidades criadas por sociedades humanas, fruto da interação de seus membros e às suas funções, podem ser definidas como sistemas de representação cognitiva do universo através dos quais as pessoas constroem suas relações. É um reflexo criativo influenciado pela cultura de seus falantes. Fazendo tal paralelo com as linguagens artísticas indagamos: Para que aprendemos a falar? Pra quê aprendemos a lê? A escrever? A pintar? A dançar? A cantar? Com o simples objetivo de expressar nossos desejos e nos comunicar, fazendo ser compreendido e compreender o outro estabelecendo relações interpessoais e conseqüentemente a aprendizagem e isto de forma harmônica em uma teia social. Quando se aprende uma nova língua, adquire-se uma nova alma.

O principal instrumento de desenvolvimento cognitivo do ser humano é também atributo da língua. Como Vygotsky⁵ (1985) sustentou, existe uma profunda interdependência entre linguagem e pensamento, um fornecendo subsídios ao outro. Palavras que não representam uma ideia são como uma coisa morta, da mesma forma que uma ideia não incorporada em palavras não passa de uma sombra.

A língua materna é também conhecida como idioma materno, língua nativa ou primeira língua. Trata-se do primeiro idioma que aprende uma pessoa ou, por outras palavras, da língua que se fala num país e que é relativa aos naturais/nativos do mesmo. A língua mãe é, sem dúvida, aquela que se domina melhor, no sentido de uma valorização subjetiva que o indivíduo realiza relativamente às línguas que conhece. Também se trata da língua adquirida de forma natural, através da interação com o meio envolvente, sem intervenção pedagógica e sem uma reflexão linguística consciente.

⁵ Pensador importante em sua área e época foi pioneiro no conceito de que o desenvolvimento intelectual das crianças ocorre em função das interações sociais e condições de vida. Veio a ser descobertos pelos meios acadêmicos ocidentais muitos anos após a sua morte, que ocorreu em 1934.

Em geral, o idioma materno é aprendido através da família, em casa e o desenvolvimento dessa habilidade é imprescindível para a aprendizagem posterior, uma vez que constitui a base do pensamento. Por outro lado, uma destreza incompleta na língua materna dificulta a aprendizagem de segundas línguas. Segundo defendem as teorias de Noam Chomsky e de outros linguistas, ela pode ser aprendida até aos doze anos de idade. Uma vez superada essa etapa, as habilidades linguísticas do falante são distintas e qualquer língua aprendida, passará a ser considerada como uma segunda língua. Com base nessa argumentação a Língua Portuguesa precisa ser apreciada por seus falantes nativos ou não, de forma a codificar e decodificar seus sistemas linguísticos e suas estruturas gramaticais. Utilizando-a com o suporte lúdico das linguagens da arte, almeja-se com essa instrumentalização, aumentar a eficiência no processo de domínio e amadurecimento da língua materna, não só como objeto de poder e sim, como fundamento do ensino não abstrato, por conter mais significante e significados naturais abrangentes em todos os quadrantes do desenvolvimento social.

2.1. Refletindo a dimensão interacional da linguagem: a educação, o ensino de Língua Portuguesa, o professor e a sociedade.



Figura 2: Grupo de alunos visitando a EMPRAPA-PE. Aula de campo

Segundo Strogenski (2002, p 28) a educação (e conseqüentemente o ensino de língua materna) tende a passar (e precisa) por transformações porque a

sociedade está mudando num ritmo muito mais rápido daquele de algumas décadas atrás. Nesta situação, o ensino de língua é encarado por muitos como sendo apenas uma técnica a mais, já que, a partir de uma visão tecnicista muito em voga atualmente, este não se apresenta como um futuro gerador de recursos tão eficiente como aparentam, muito mais ostensivamente, as disciplinas ligadas à tecnologia ou ao mercado. Porém, a língua deve ser percebida como o meio com o qual a humanidade organiza a sociedade e, claro, a tecnologia e o mercado.

Refletindo nesse contexto, observamos que qualquer debate sobre o “ensino de língua materna” imediatamente remete a temas como aqueles referentes ao ensino de redação ou de gramática. No entanto, antes de se falar sobre o ensino, de um ou de outro aspecto da língua, é indispensável pensar-se a postura do professor frente ao problema que é ensinar. “Problema” até por uma questão de conceito, já que muitos discutem se de fato alguém “ensina” algo a outro alguém ou se é esse outro “alguém” que aprende alguma por si só, contando apenas com a interferência daquele primeiro “alguém”. Isso pode parecer apenas uma questão de retórica, mas em termos politicamente corretos a especificação do sujeito da ação é, no mínimo, uma atitude necessária.

Vamos, por uma questão de economia de tempo, sem querer, em nenhum momento, diminuir o papel de cada um no processo ensino/aprendizagem, assumir que de fato o professor ensina algo a alguém. Se for assim, então também teremos que assumir que o aluno aprende algo que é ensinado, aqui, pelo professor. No nosso caso, a língua.

Voltando um pouco ao título deste capítulo, e corroborando com o pensamento inequívoco de Noam Chomsky (1968), o qual seria apropriado também esclarecer que língua materna, *stricto sensu*, é a língua falada pela comunidade onde a pessoa nasce, ou seja, é a língua que a criança começa a aprender desde o nascimento e que praticamente vem a dominar ainda em idade pré-escolar; a língua materna de fato não é ensinada - pelo menos não formalmente. A criança a aprende por si só, ouvindo as outras pessoas falando e arriscando por conta própria. O adulto, no máximo a corrige quanto a algum uso que não seja comum no seu meio de fala. Note-se que essa “correção” em nada se assemelha à correção que é feita por um professor de português que toma a gramática normativa como parâmetro de língua “correta”. A correção feita pelo adulto toma o seu próprio conhecimento sobre

a língua (que normalmente é o conhecimento partilhado pela sua comunidade) como parâmetro de bem falar, dependendo de muitos fatores extralinguísticos, como sexo, classe social, localização geográfica, etc.

Contudo, se aceitarmos como verdadeiro (o que me parece indiscutível) que a criança aprende esta língua em 3 ou 4 anos, a ponto de poder se comunicar, contar histórias, cantar musiquinhas, brincar e jogar com seus colegas, negociando regras (em alguns jogos, muito complexas) e possíveis prêmios para os vencedores ou castigos para os perdedores, então, por outro lado, não poderemos aceitar como verdadeiro que seja esta mesma língua a que a criança é exposta durante oito ou mais anos e que não consegue dominar mesmo depois de tantos anos nos bancos escolares. Se for, então a escola a faz desaprender o que já sabia?

Segundo PERINI (1997, p.11):

“Saber gramática, ou mesmo saber português, é geralmente considerado privilégio de poucos. Raras pessoas se atrevem a dizer que conhecem a língua. Tendemos a achar, em vez, que falamos “de qualquer jeito”, sem regras definidas. Dois fatores principais contribuem para essa convicção: primeiro, o fato de que falamos com uma facilidade muito grande, de certo modo sem pensar (pelo menos, sem pensar na forma do que vamos dizer), e estamos acostumados a associar conhecimento a uma reflexão consciente, laboriosa e por vezes dolorosa. Segundo, o ensino escolar nos inculcou, durante longos anos, a ideia de que não conhecemos a nossa língua; repetidos fracassos em redações, exercícios e provas não fizeram nada para diminuir esse complexo”.

Analisando desse ponto específico, teremos que aceitar algo que não está funcionando como realmente deveria? Alguma coisa não está se encaixando na equação: ou a criança desaprende a língua materna já aprendida ou a escola ensina outra coisa e não a Língua Portuguesa. Devemos nos preocupar mais com essa metodologia aplicada em nossas salas de aulas, qual às vezes, transforma a língua a ser apreciada e admirada por todos em um “martírio” onde o professor mediador é caracterizado como um “algoz” do aluno, partindo do pressuposto que ele vai “massacrar” aquele que não falar ou escrever de acordo com os padrões convencionados.

Refletindo, sobre o objetivo em tela, acontecem as duas coisas: como a escola preocupa-se em ensinar algo que não faz parte da realidade linguística da criança, esta acaba por se confundir entre o que a escola considera língua e aquilo que ela conhecia como língua já antes de ingressar na escola. Observa-se que na maior parte dos casos, ela tenta assumir a língua da escola como sendo

essa LÍNGUA, a verdadeira, a culta, a bela, etc. (por incentivo do professor, naturalmente) e, ao mesmo tempo, às vezes inconscientemente, estigmatiza sua própria variante, reservando a “sua” língua para momentos descontraídos do dia-a-dia, para os amigos, para a família, ou seja, para a vida. Vida esta que parece não combinar com a língua ensinada na escola. Trazer para a sala de aula, aquilo que é vivenciado pelos falantes em seu cotidiano, como a exemplo, a música que “tá” tocando nas rádios, as propagandas que estão dispostas nas ruas, os espetáculos de dança e teatro que estão em cartaz na cidade, abre-se um leque de oportunidade para que o conhecimento linguístico e cultural seja plural e palpável, mesclando o conhecimento empírico com o formal, ou seja, agregando valores ora desprezados e dando uma verdadeira importância àquilo que de fato é significativo para o nosso aluno. Cabe ao professor/mediador fazer a “simbiose” de saberes:

Mas em nenhum momento sejamos ingênuos a ponto de pensar que a escola deveria ensinar outra modalidade senão a desta língua considerada “cultura” e “bela” citada anteriormente. Não se pode imaginar que cada escola privilegie a modalidade linguística do ambiente em que está inserida porque isso significaria um enorme risco de se aumentar ainda mais o abismo social que existe entre as diferentes camadas sociais do país. (SILVA, 1997, p.33)

Obviamente, se aceitarmos que a escola deva ser democrática e igualitária, então não caberia qualquer outro objeto de ensino de língua senão a norma culta ou norma de prestígio. O ideal do ensino de língua materna é que através deste todos os alunos que ingressam em uma escola, pública ou privada, em qualquer lugar do Brasil, obtivessem o mesmo grau de domínio da norma culta para que todos saíssem da escola em condições de igualdade, tendo que depender apenas de seu esforço para realizar as suas aspirações.

Afinal, a principal função da escola é a de educar e, em um país dito democrático, educar a todos da mesma maneira – no caso da língua, a mesma modalidade, oportunizando as mesmas chances de sucesso social. Também não devemos ser ingênuos e acreditar que isso aconteça em nosso país:

“A questão que se coloca, em face disso, é trágica, mas não é difícil de ser posta. A escola brasileira, ainda que pseudodemocratizada, no que diz respeito à língua materna, persegue, no geral, a tradição normativa prescritiva... A consequência disso para quem tenha algum verniz de formação linguística é óbvia: muitas e variadas falas, muitas e variadas normas chegam à escola e essa persegue ainda um ideal normativo tradicional. A grande maioria cala e tem que deixar a escola para lutar pela

sobrevivência quotidiana e continuará subalterno, na sociedade que se reproduz de geração a geração, deixando o poder e a voz com aqueles que, por herança, já os adquiriram.” (SILVA, 1997, p.33).

Infelizmente, nós sabemos que isso não acontece e distante de acontecer, porque o ensino no Brasil ainda funciona como um instrumento de dominação, de forma que ainda é possível falarmos em escola de ricos, escola de periferia, escola do interior, etc. e saber que não estamos apenas nos referindo à sua localização espacial, mas, principalmente, às diferenças estruturais que as moldam. Claro que existem exceções, lamentavelmente poucas, que devem ser lembradas e que normalmente são frutos de alguma iniciativa individual ou de um acaso e não como o resultado de um projeto social maior.

Compreendemos que o problema não está na delimitação do objeto de ensino, mas na forma como este objeto é abordado. O ensino de Língua Portuguesa deveria ser uma forma de complementação do conhecimento de língua que a criança traz de casa e não uma forma de oposição entre duas modalidades linguísticas que, em última análise são apenas isso: dois modos de se usar a mesma língua de acordo com aquilo que o sistema da língua permite, isto é, não são duas línguas diferentes (uma boa e outra ruim) como muitos puristas defendem. Logo, a questão não está exatamente no que se deve ensinar na escola. Deve-se ensinar a modalidade culta da língua, como? Ora, lendo, escrevendo, analisando, interpretando, compreendendo e por gravidade, aprender regras gramaticais, não todas em profusão como rege o ensino tradicional, mas assimilativamente, aquelas que auxiliem compreender textos. Mesclando isso aos mecanismos da mediação pedagógica, haverá facilidade na aquisição do conhecimento linguístico de uma forma lúdica, se metodologicamente for incorporado aos parâmetros interdisciplinares como interação de professor/mediador e de aluno/pesquisador. Assim, aulas de Língua Portuguesa não serão estigmatizadas como aulas das regras gramaticais e que estas, não podem ser um fim em si mesmo; elas devem ser vistas como um instrumento de reflexão sobre a linguagem, sobre a norma culta e outras normas – um meio.

“Uma das medidas para que esse grau de utilização efetiva da língua escrita possa ser atingido é escrever e ler constantemente, inclusive nas próprias aulas de português”. Ler e escrever não são tarefas extras que possam ser sugeridas aos alunos como lição de casa e atitude de vida, mas atividades essenciais ao ensino da língua. (POSSENTI, 1996, p.20).

Observamos dessa maneira que as aulas de Língua Portuguesa, não deveriam se limitar a estudos meramente teóricos de regras gramaticais, a exemplo, o ensino de redação não se obriga a privilegiar apenas os aspectos técnicos da produção textual, mas o desenvolvimento cognitivo do aluno, porque produzir um texto implica, em primeiro lugar, pensar e organizar este pensamento de forma que possa ser compartilhado por outros e, como proposta pedagógica, deve ser um processo pragmático (cotidiano) para o professor e para o redator, cujas atividades tornam-se essenciais para o desenvolvimento de ambos tanto na sala de aula quanto fora dela.

Destarte, analisando tal problemática, o professor, muitas vezes, não está preparado para ultrapassar os limites técnicos do texto porque, em sua mente, ele já possui vários modelos de textos bons ou ruins, tecnicamente falando e fazendo uma crítica à formação do professor. Outras vezes, o mesmo não possui preparo suficiente para julgar coerentemente o conteúdo do texto do aluno, que tem um conhecimento ainda em formação, assim como “uma arma” o professor tem em mãos a caneta vermelha que está sempre “preparada e apontada” para marcar o “erro”; caneta inquieta se o erro não se mostra, mas que deve estar lá, que precisa estar lá para tranquilizar o professor que não consegue reduzir a nota simplesmente porque não se trata de um texto bem elaborado ou com conteúdo superficial, já que isso acarretaria na recorrente reclamação do aluno: *“Por que minha nota está baixa se não tem nenhum erro?”*. Neste caso, a reclamação do aluno procede da mesma insegurança apresentada pelo professor: sem marcação com caneta vermelha, como reduzir a nota? A caneta vermelha é o instrumento através do qual o julgamento fica efetivado; além dela é só autoritarismo e, muitas vezes, explicações que nada explicam, evidenciando o despreparo pedagógico de professores que oram saem das universidades desconhecendo minimamente o seu papel de educador. Estão explícitos aqui outros questionamentos: será que as universidades estão cumprindo com seu papel na formação dos profissionais; em qual área (disciplina) está o foco; há de fato uma formação de professores, quais colocam no mercado de trabalho para formar novos cidadãos leitores ou será que as universidades estão sendo meramente balcões de reproduzir aquilo que já vem errado na base? Enfim, há certa incoerência na formação continuada e, sobretudo, no que de fato seja o papel do professor no compartilhar ideias e conhecimento em

coletividade para uma coletividade. Será que somos meros reprodutores do processo que está recheado de falhas pragmáticas, técnicas e financeiras e que apenas transfere a responsabilidade do vai passando a “BOLA” para o próximo que for administrar, se eximindo assim, da responsabilidade que cabe ao estado e que está prevista na Constituição Federal de 1988 onde assevera a qualidade do ensino público?

Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Com base nesses princípios fazemos outras indagações: Será que estamos recebendo nas escolas professores capacitados, gabaritados no devido exercício de ensinar a nossa língua? Mas o que confere ao professor esta aura mística de defensor da língua portuguesa? É como se a língua fosse uma virgem medieval: inocente e indefesa, sempre ameaçada por algum bárbaro (um falante com seu falar grotesco) pronto para violentá-la e que por isso, precisa a todo o momento da proteção de um *Sir* Lancelot ou de um *Sir* Pasquale que, ou com suas espadas ou com suas canetas vermelhas, emprestam sua honra e sua vida em prol do digno e inacabável serviço de protetores. Sem dúvida, foi à sociedade que, historicamente, atribuiu somente ao professor de português o dever de resguardar a língua portuguesa de possíveis ameaças dos terroristas da língua. Melhor que seja dos demais, o dever e a responsabilidade de interagir de forma mediadora na construção da língua para com seus alunos já que todos, falamos e escrevemos a língua portuguesa, pois este recurso é de público domínio, já que fazemos parte da mesma sociedade regida pelo mesmo código e regras, sejam elas gramáticas ou sociais. É possível, desde que o postulante adquira maior abrangência nos seus conhecimentos.

Um calouro de Letras ao ingressar no curso superior, leva consigo a expectativa de também ser cobrado depois de formado, a realizar o mesmo serviço de defesa da língua pura e, durante o curso, essa expectativa se transforma em angústia por perceber que o domínio desta língua não é tão fácil. Dependendo dos conteúdos estudados, o seu ensino afigura-se como secundário. Mas, se o domínio da língua padrão também for secundário para os seus futuros alunos, então ele será professor exatamente de quê? De redação? De texto? Ou de outra coisa? Alguns

modernos currículos de Letras projetam que ele seja um professor de algo que ele próprio não estudou durante a sua vida escolar.

Tudo bem! Formado, este aluno sai da faculdade cheio de ideias na cabeça, com vários conceitos emprestados da Linguística e da Sociolinguística, entra (quando consegue) no mercado de trabalho pronto para ser um professor diferente. Pronto para ser um inovador e, em seu primeiro contato com o coordenador da escola, recebe uma apostila ou um livro didático os quais deverão ser utilizados em suas aulas para que ele se “familiarize” com o material. E daí? O que fará esse professor recém-saído da faculdade que leva em sua bagagem alguns textos que defendem fatos interessantes, porém perturbadores, que contradizem a apostila, o livro didático, a coordenação e, principalmente, o senso comum? Entre o emprego e a dúvida sobre o conteúdo do que foi aprendido durante o curso, provavelmente ele escolherá a norma, a qual implica que, pelo menos durante parte de sua vida profissional (espera-se que ele amadureça), irá formar mais cidadãos com a mesma visão tradicionalista e preconceituosa a respeito da língua.

Talvez o seu ingresso no mundo profissional venha a ser diferente: quem sabe, não haja apostila e nem obrigatoriedade no uso do livro didático. Talvez até a coordenação compartilhe suas ideias inovadoras. Ótimo! Feliz, este suposto professor irá encarar os seus alunos com bastante liberdade para trabalhar conteúdos da forma que ele julgue mais acertada. Vai ver até um trabalho profundo com leitura e produção de texto. Pode ser que de fato seja assim, porém é muito possível que, após as primeiras aulas, ele seja chamado pela direção e questionado sobre quando ele “começará a trabalhar com língua portuguesa” ou, ainda, seja avisado que tem havido reclamações de pais preocupados com a falta de conteúdo nas aulas de português.

Quiçá, o questionamento seja mais direto e venha de seus próprios alunos, preocupados com os conteúdos gramaticais que podem vir a ser cobrados no vestibular, nos exames de seleção para ingresso no ensino médio ou no exame nacional do ensino médio - ENEM. (Sem esquecer, é claro, os famosos concursos públicos, muito gramatiquinhos) quais não estão sendo contemplados pela forma como o professor conduz a disciplina.

Temos de admitir que a pressão exercida, principalmente, pelo vestibular é muito grande dentro de qualquer comunidade. Os alunos do 3º ano do ensino médio

sentem-se muito angustiados com a proximidade deste concurso e tudo o que eles querem estudar está, de certa forma, ligado aos conteúdos que constam nos programas das provas. Isto quer dizer que eles querem ler livros de vestibular, estudar gramática (se os conteúdos gramaticais constarem nos programas), e praticar produção de texto de acordo com os modelos de redação adotados pelas universidades que lhes interessam.

O professor, enquanto ser social acaba por encontrar diversas dificuldades para ficar alheio ao processo social em que está inserido. Se seus alunos estão ansiosos com a proximidade de um exame que pode, de certa forma, determinar suas vidas, ele acaba também por se deixar envolver e passa a se sentir ansioso por auxiliá-los. Além dos alunos, da escola e dos pais dos alunos, o professor ainda precisa conviver com o estigma de ser um vigilante a serviço do bem falar em todos os ambientes por onde passa. Cada vez que ele declara a sua profissão, acaba por gerar certo desconforto em seus interlocutores que se sentem “vigiados” na sua maneira de falar, ao contrário do que aconteceria, por exemplo, com um professor de matemática, porque, afinal, as pessoas não fazem cálculos o tempo todo, mas falam todo tempo.

E como falam e sabem falar, parece que todos sentem de fato que a língua é uma propriedade social, ou seja, de todos. Por isso, talvez, tantos se julguem no direito de opinar sobre ela e de tentar defendê-la. Porém, o problema não é o fato de se opinar ou tentar esta defesa impossível, está na estagnação da norma da língua que foi eleita para ser adorada, uma modalidade que, em essência, tem muito pouco em comum com a riqueza e a variedade dos “vivos falares” do português brasileiro.

Neste contexto cabe ao professor/mediador de português ensinar a língua viva, uma língua que possa servir como instrumento básico de comunicação e compreensão de mundo e não apenas de episódios. Em última análise, o meio pelo qual a humanidade organiza a ciência, a tecnologia, a economia, o mercado de trabalho e, conseqüentemente, a sociedade. Assim, faz-se necessário um professor com capacidade de adaptação cada vez maior para poder atuar como elo entre o aluno e uma sociedade complexa, multifacetada e, acima de tudo, exigente. Essa ligação deve necessariamente passar pela linguagem e pela sua real importância em um mundo constituído essencialmente, através do discurso.

Observa que isso reside justamente na necessidade desse novo perfil de professor, cujo maior desafio é isso já se observa em alguns atuais cursos de Letras, que não se limitam apenas à formação tecnicista (que privilegia o estudo das estruturas morfosintáticas e científicas específicas da área – padrão importante que deve ser reconhecido como fundamental no desempenho da Linguística para formação da atual geração de professores), não obstante, esse fator não impede que possamos ultrapassar seus limites, relacionando-o cada vez mais à formação dos profissionais de Letras com áreas afins, como a Sociologia, a Antropologia, a Psicologia, a Filosofia e sobretudo na ARTE, entre outras, com o objetivo de formar um profissional humanisticamente mais preparado para enfrentar desafios de um outro tipo de sala de aula e consciente do que deverá fazer.

3. LEITURA: MEDIAÇÃO COMO PRÁXIS DA AÇÃO DO PROFESSOR.

“Mediar o desenvolvimento da leitura é exercitar a compreensão do aluno transformando-o de leitor principiante em leitor ativo”.
Vera Aparecida de Lucas Freitas (2012, p.68).



Figura 3: Alunos na aula de leitura interpretativa

Onde e como se encontram? A leitura, comprovadamente, não é uma das operações cognitivas mais simples de fazer, pois consiste em um conjunto de habilidades desde a motora até as mais complexas cognitivas, i.e, para Fernández (1992) o ato de ler parte desde as ações oculares, compreendendo o domínio do léxico, as estruturas sintáticas gerais da língua, e principalmente os objetivos de leitura a serem alcançados, entre outras.

A leitura é tema recorrente em contextos que demandam a construção de novos conceitos, por isso requer uma participação ativa dos sujeitos na vida social, considerando que vivemos em uma sociedade letrada e necessitamos a todo o momento de informações que nos ajudem a desempenhar bem nossas atividades. Uma postura mais ativa do professor em relação ao ensino da leitura exige conhecimentos e procedimentos didáticos que se harmonizem em prol do desenvolvimento dessa leitura, delimitando assim o seu papel como o de mediador dessa prática. E essa mediação exige grande interação com o aluno e o texto. Inicialmente, segundo Bortoni-Ricardo (2003), o termo mediação adveio da Psicologia de Vygotsky (1998) sobre a zona de desenvolvimento real e proximal tendo nos signos o principal mediador para o desenvolvimento das funções superiores.

Pimentel (2007) acrescenta que esse processo de fornecimento de ajuda contribui para a reestruturação das funções psíquicas que constituem o processo de aprendizagem, favorecendo o acesso a um nível superior de desenvolvimento cognitivo. Ainda para tratar da ação do professor na promoção do desenvolvimento da leitura, Bortoni-Ricardo, Machado e Castanheira (2010) referem-se à leitura tutorial como aquela em que o professor assume a condição de mediador fazendo as intervenções necessárias para que o aluno atinja a compreensão leitora. Seja como for é consenso na posição desses autores o fato de que a ação do professor é indispensável na promoção do desenvolvimento da compreensão leitora.

E como apoio a tal mediação, pegamos como exemplo o termo que tem sido usado como as condutas que os adultos realizam a fim de que a criança possa transcender suas capacidades atuais e desenvolver suas potencialidades, é chamado de *andaimés*, como tem sido usado por Bortoni-Ricardo (2004) na literatura brasileira. Assim é uma escada o processo cognitivo da aquisição da leitura e da escrita, onde estas ativam outros mecanismos que influenciarão na autonomia cognitiva. Se forem as primeiras mediações de forma correta, se introduzirá uma gradual evolução cognitiva no estudante até ao ponto dele trabalhar sozinho, sendo o protagonista da própria ação de conhecer/aprender.

Com isso, o professor Paulo Juarez Rueda Strogenski, Mestre em Linguística pela UFPR, afirma que a escola como instância legitimadora de promoção do desenvolvimento deste ensino com vistas à inserção do indivíduo na sociedade atual, tem encontrado dificuldades em assumir a mediação da leitura como uma atividade de primeira ordem na dinâmica do ensino. Visto que esta prática exige do professor não somente atuação mais eficaz em sala de aula, mas um conhecimento sistematizado de um conjunto de fundamentos que constituem a prática pedagógica de ensino da leitura, os quais representam procedimentos didáticos e metodológicos que se harmonizam em prol do desenvolvimento da ação de ler. Delimitando assim, o papel do professor como mediador dessa tarefa, objetiva-o a refletir a sua prática pedagógica do ensino da leitura na sala de aula. Uma das fundamentações teórica que corroboram com esse trabalho é o Projeto “Leitura Mediação Pedagógica” (2009), coordenado pela professora Stella Maris Bortoni-Ricardo, pesquisadora da UnB/CNPq, cuja metodologia adotada é dos Protocolos Interacionais (Bortoni-Ricardo et alli, 2010) e a partir deles se faz uma reflexão dos procedimentos

didáticos e aspectos instrucionais que o professor necessita dominar ao adotar a mediação para o desenvolvimento das habilidades necessárias à compreensão leitora dos alunos.

Estabelecemos como parâmetro, o desenvolvimento da leitura de textos de conhecimentos enciclopédicos com vistas a aprender novos conhecimentos a partir de textos do Livro Didático, pois, o Projeto de Mediação da Leitura tem como perfil o aluno da educação básica com experiência de letramento predominantemente oral. Daí, realizar uma sequência didática que favoreça o trabalho do professor com este perfil de aluno, sabendo que o livro didático, muitas vezes, é a única via de acesso aos conhecimentos historicamente construídos. Com essa ação, defendemos que todo professor deva atuar como mediador de leitura, haja vista os alunos desenvolverem habilidades cognitivas de leitura e tornarem-se autônomos no ato de ler para aprender. Cabe então salientar que o trabalho de interdisciplinaridade, seja fundamental para uma ação de apoio mediado, para que todos os trabalhos que foquem a leitura e a escrita em quaisquer áreas do conhecimento sejam mediados de forma coletiva fazendo uma ponte aqui nessa proposta, com as disciplinas de Arte como suporte para a Língua Portuguesa. Assim, temos como exemplo:

1. *Leitura: uma questão de ação e concepção.* Há diferentes formas de compreender o ato de ler. Kleimam (2004) afirma que a partir da década de 1970, o modelo de leitura amplia a participação do leitor, uma vez que o diferencia do leitor na perspectiva do Behaviorismo, cujo perfil consistia em processar o material gráfico verbal à medida que ia sendo lido, da sílaba à palavra, da palavra ao grupo de palavras etc. O modelo de leitor que surge a partir da segunda década de 1970 tem como vertente teórica a abordagem psicossocial da Linguística Textual. Neste momento, coincidem os estudos da leitura e os estudos sobre o texto. Para Kleiman, a ruptura efetiva sobre o perfil do leitor e, por conseguinte, na atividade de leitura, aconteceu a partir da década de 1990, com a emergência dos estudos do letramento, que passaram a subsidiar teoricamente a pesquisa sobre a leitura na Linguística Aplicada.

Nesse modelo, o trabalho com a leitura considera-a como prática social e pressupõe o desenvolvimento de capacidades no leitor que o possibilite a interagir com diferentes gêneros textuais, contínuos e não contínuos pertencentes a múltiplos domínios discursivos e o torne capaz de usar a leitura como instrumento para

continuar aprendendo. Considera-se, portanto, nesse modelo, um leitor situado histórico e socialmente. Neste sentido, a leitura passou de uma atividade meramente de decodificação, ou centrada unicamente no leitor, para uma atividade de compreensão, envolvendo texto, autor, leitor. É esta concepção de leitura tomada neste trabalho que, segundo Kleiman (2004), é vista como prática social e predomina nos estudos da Linguística Textual, fortemente subsidiada pelos estudos do letramento. Nessa concepção, a interação entre o aluno e o professor, no momento da leitura, é crucial porque é essa ação que possibilita ao aluno entender não só o que está na superfície do texto, mas também o implícito.

A ação de leitura do texto e das relações que o permeiam é ao mesmo tempo uma ação de leitura do mundo pelo texto, porque na produção textual estão embutidas as marcas do sujeito produtor e de sua relação com o mundo, por isso, a negação de que a leitura seja uma ação individual é sim uma tríade autor-texto-leitor (KOCH, 2009). Essa visão passa a ser ampliada com a ação mediadora do professor, diante da leitura do aluno. Ele (o professor) se insere como mais um elemento do processo de leitura, representado assim: autor-texto-mediador-leitor. Embora, para efeito didático, os elementos estejam organizados dessa forma, não pressupõe uma interação linear. Entretanto para o professor tornar-se sujeito ativo e colaborador no processo do desenvolvimento da leitura do aluno e contribuir para estreitar o grande hiato existente entre a realidade do aluno de repertório predominantemente oral e o livro didático, instrumento portador do conhecimento científico é preciso estar disposto e imbuído deste papel que requer fundamentos teóricos estruturantes para tomada de decisões estratégicas e imprescindíveis ao desenvolvimento do sujeito leitor.

O professor, na verdade, precisa compreender as possibilidades e caminhos de diferentes métodos e materiais, conhecer o leitor em desenvolvimento, o que já foi superado e o que necessita superar, além de compreender como o leitor deve aprender a ler, caso contrário, ele ou ela não poderá tomar decisões sobre métodos ou estratégias que deve usar.

2. *Compreensão da leitura enquanto prática social*: possibilita ao sujeito desenvolver-se melhor e situar-se socialmente, conforme as circunstâncias lhe exigem. Neste sentido, não dá para ater-se, unicamente, na macroestrutura do texto,

sem considerar o seu conteúdo e a produção de inferências geradas a partir da interação do leitor com os demais leitores, além do professor mediador.

3. *Concepção da linguagem enquanto processo de interação*: concebe a língua como um processo de interação humana em um dado contexto sócio histórico e ideológico, em que o indivíduo realiza ações por meio da linguagem, agindo e atuando sobre o interlocutor. Tal concepção reconhece um sujeito ativo em sua produção linguística, que realiza um trabalho resultado da exploração, dos recursos formais e expressivos que a língua coloca à disposição do falante. Nesta perspectiva não se concebe a língua como um sistema fechado e, portanto, o trabalho pedagógico visa possibilitar aos alunos o contato com diversos textos/contextos em que a linguagem se faz necessário, para que o aluno aprenda a adequá-la às diversas situações que encontra em seu dia-a-dia. Em decorrência desse trabalho, aparece nos textos a heterogeneidade de vozes, que não reproduzem simplesmente a palavra dita pela escola ou as palavras alheias, mas a palavra do próprio aluno.

O papel do professor é ser um interlocutor, encarando o aluno como sujeito de seu discurso, questionando, sugerindo, provocando reações, exigindo explicações sobre as informações ausentes no texto, refutando, polemizando, concordando e negociando sentidos mediante as pistas deixadas no texto. Tudo isso, para que o texto alcance o efeito de sentido proposto pelo autor. O texto não é visto como um produto, mas como um processo, como um trabalho que deve ser explorado, valorizado e vinculado aos usos sociais, isto é, segundo Mascuschi (2008) como um evento comunicativo em que convergem ações linguísticas, sociais e cognitivas.

4. *Estratégias Sociocognitivas*: apontadas por Koch (2009), para quem a estratégia é definida como “uma instrução global para cada escolha a ser feita no curso da ação” (KOCH, 2002: 50). Assim as estratégias que o sujeito mobiliza, no ato da leitura, para realização do processamento textual, envolvem três grandes sistemas de conhecimentos: o conhecimento linguístico, o conhecimento enciclopédico e o conhecimento interacional. O conhecimento enciclopédico corresponde ao capital cultural do sujeito, ao conhecimento prévio do leitor sobre o que lê, enquanto que o conhecimento linguístico refere-se ao que se conhece a cerca da gramática, do léxico, dos meios coesivos que são importantes para o entendimento do texto. Já o conhecimento interacional envolve as formas como este

sujeito interage por meio da linguagem. Diz respeito ao seu conhecimento sobre as diversas formas de interação mediadas pela linguagem.

É importante salientar neste ponto, as contribuições das Estratégias de Leitura proposta por Solé (1998, p. 69) que defende o ensino como condição para o ato de leitura e o uso de estratégias didáticas como procedimentos de caráter elevado, os quais envolvem a presença de objetivos a serem realizados e o planejamento das ações que são desencadeadas para atingi-los, assim como sua avaliação e possível mudança. Segundo a autora, “Se as estratégias de leitura são procedimentos e os procedimentos são conteúdos de ensino, então é preciso ensinar estratégias para a compreensão dos textos”.

O conhecimento do mundo (enciclopédico) é reconhecidamente um dos fatores que interagem no processo da produção de sentidos de textos, ou seja, esta dissertação busca apoiar-se em pressupostos cognitivos interdisciplinares que visem compreender melhor a natureza do conhecimento do mundo (holístico) que o leitor possui arquivado na memória e de sua relação com pluralidade de leituras. Resultando da inter-relação de processos cognitivos e interacionais, o processo da leitura se apoia em grande parte no conhecimento de mundo do leitor. Um fator que pode facilitar a leitura é a disponibilidade na estrutura cognitiva de quem ler ideias com apoio relevante, estáveis, claras e suficientemente genéricas, permitindo, no entanto, a discriminação de conceitos.

Ao final desse trabalho teórico-pragmático são feitas ponderações a respeito da prática da atividade de leitura em sala de aula e fora dela, de acordo com as perspectivas teóricas abordadas, dando um suporte para a produção e instigando o professor/mediador para novas buscas.

Assim, os sujeitos se apropriam dos conteúdos, transformando-os em conhecimento próprio, por meio da ação sobre eles mediada pela interação com o outro. Não é diferente no processo de aquisição e desenvolvimento da linguagem. É nas práticas sociais, em situações linguisticamente significativas, que se dá a expansão da capacidade de uso da linguagem e a construção ativa de novas habilidades que possibilitam o domínio cada vez maior de diferentes padrões de fala e de escrita. Ao tomar a língua materna como objeto de ensino, à dimensão de como os sujeitos aprendem e como os sujeitos desenvolvem sua competência discursiva, esta apropriação não pode ser perdida.

O ensino de Língua Portuguesa deve se dar num espaço em que as práticas de uso da linguagem sejam compreendidas em sua dimensão histórica e em que a necessidade de análise e sistematização teórica dos conhecimentos linguísticos decorra dessas mesmas práticas. Entretanto, as práticas de linguagem que ocorrem no espaço escolar diferem das demais porque devem, necessariamente, tomar as dimensões discursiva e pragmática da linguagem como objeto de reflexão, de maneira explícita e organizada, de modo a construir, progressivamente, categorias explicativas de seu funcionamento. Ainda que a reflexão seja constitutiva da atividade discursiva, no espaço escolar reveste-se de maior importância, pois é na prática da reflexão sobre a língua e linguagem que se pode dar a construção de instrumentos que permitirão ao sujeito o desenvolvimento da competência discursiva para falar, escutar, ler e escrever de forma plena, nas diversas situações de interação.

No caso do ensino de Língua Portuguesa, considerar a condição afetiva, cognitiva e social da criança e do adolescente, implica colocar a possibilidade de um fazer reflexivo, em que não apenas se opera concretamente com o vernáculo, também se busca construir um saber sobre a língua e a linguagem e sobre os modos como as opiniões, valores e saberes são veiculados nos discursos orais e escritos. Tal possibilidade ganha particular importância na medida em que o acesso a textos escritos mais complexos, com padrões linguísticos mais distanciados daqueles da oralidade cotidiana e com sistemas de referência mais distantes do senso comum das atividades da vida diária, impõe a necessidade de percepção da diversidade do fenômeno linguístico e dos valores constituídos em torno das formas de expressão.

Para a criança e o adolescente considerando-se que, a necessidade fundamental que se coloca é a da reconstituição de sua identidade na direção da construção de sua autonomia e que, para tanto é indispensável o conhecimento de novas formas de enxergar e interpretar os problemas que enfrenta, o trabalho de reflexão deve permitir-lhe tanto o reconhecimento de sua linguagem e de seu lugar no mundo quanto à percepção das outras formas de organização do discurso, particularmente daquelas manifestas nos textos escritos. Assim, seria um equívoco, desconsiderar as condições de crianças e adolescentes, suas expectativas e interesses, sua forma de expressão, enfim, seus universos imediatos, seriam

igualmente graves os enfoques exclusiva ou privilegiadamente contrários a essas condições e mesmo que haja toda uma produção cultural, que vai de músicas a roupas, voltada para esse público, o papel da escola, no entanto, diferentemente de outros agentes sociais é o de permitir que o sujeito supere sua condição imediata.

Nesse sentido, a mediação do professor, cumpre o papel fundamental de organizar ações que possibilitem ao aluno o contato crítico e reflexivo com o diferente e o desvelamento de implícitos nas práticas de linguagem, inclusive sobre aspectos não percebidos inicialmente pelo grupo de intenções, valores, preconceitos que veiculam explicitação de mecanismos de desqualificação de posições articulados ao conhecimento dos recursos discursivos e linguísticos. Ao título de proposta mediada, a prática de escuta de textos orais e leitura de textos escritos para crianças e adolescentes antes da apresentação dos conteúdos propriamente ditos, e que é essencial para prender a atenção do aluno de forma lúdica e prazerosa, pois a leitura de textos será apresentada, não privilegiado alguns gêneros textuais, mas trabalhando a pluralidade desses gêneros que estão presentes em nosso cotidiano e não percebemos. Por exemplo: reestruturar a tabela abaixo mesclando as linguagens artísticas como suporte de apresentação para cada gênero. Em função das especificidades colocadas pelo processo de alfabetização nas séries iniciais, no documento de Língua Portuguesa para o primeiro e o segundo ciclo, optou-se por separar os conteúdos em duas relações no quadro demonstrativo a seguir:

GÊNEROS PRIVILEGIADOS PARA A PRÁTICA DE ESCUTA E LEITURA DE TEXTOS	
LINGUAGEM ORAL	LINGUAGEM ESCRITA
LITERÁRIOS	LITERÁRIOS
Cordel, causos, dramático, canção e textos similares;	Conto, novela, romance, crônica, poema e texto dramático;
DE IMPRENSA	DE IMPRENSA
Comentário, radiofônico, entrevista, depoimento e debate;	Notícia, editorial, artigo, reportagem, carta do leitor, entrevista, charge e tira;
DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA	DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA
Exposição, • seminário, • debate e palestra.	Verbete enciclopédico (nota/artigo) • relatório de experiências • didático (textos, enunciados de questões) e artigo.
PUBLICIDADE	PUBLICIDADE
Propaganda	Propaganda

Quadro1: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/portugues.pdf/PAG>p.54.

GÊNEROS SUGERIDOS PARA A PRÁTICA DE PRODUÇÃO DE TEXTOS ORAIS E ESCRITOS	
LINGUAGEM ORAL	LINGUAGEM ESCRITA
LITERÁRIOS	LITERÁRIOS
Canção, textos dramáticos;	Crônica, • conto, • poema;
DE IMPRENSA	DE IMPRENSA
Notícia, entrevista, • debate depoimento;	Notícia, • artigo, • carta do leitor e entrevista;
DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA	DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA
Exposição, • seminário, • debate.	Relatório de experiências, • esquema e resumo de artigos ou verbetes de enciclopédia.

Quadro2: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/portugues.pdf/PAG> p.57.

No caso de Língua Portuguesa, além dos aspectos já apontados, são decisivas para a aprendizagem as imagens que os alunos constituem sobre a relação que o professor estabelece com a própria linguagem, por este ter experiência mais ampla com a linguagem, principalmente se for de fato, usuário da escrita, tendo boa relação com a leitura e gostando verdadeiramente de escrever, o professor pode se constituir como uma referência para o aluno. Além de ser quem ensina os conteúdos é quem ensina a maneira de como se relacionar com o texto e relacionar um texto com outro e obter o valor que a linguagem tem para si. Nesse aspecto, levando em conta o grau de independência do aluno para determinadas tarefas, o professor pode selecionar também situações didáticas adequadas que permitam ao aluno, ora exercitar-se na leitura de tipos de texto para os quais já tenha construído uma competência, ora empenhar-se no desenvolvimento de novas estratégias para poder ler textos menos familiares, o que demandará maior interferência do professor. Tais atividades podem ocorrer com maiores ou menores frequências, em função dos objetivos de ensino-aprendizagem que o professor almeje alcançar.

Vivenciando situações diversas de leitura e instigando o aluno à prática autônoma da leitura que envolve a oportunidade de poder ler diversos textos como exemplo um gênero da tabela acima, de forma a utilizar a linguagem teatral. O professor deixará à criatividade do leitor fazer as transmutações de gênero, mediante a interação que este terá com o texto, propondo uma leitura, a priori silenciosa, para os textos quais ele já tenha desenvolvido certa proficiência. Propondo leituras com crescente independência de mediação o aluno aumentará a

confiança que tem em si como leitor, encorajando-se para aceitar desafios mais complexos.

Além das atividades de leitura realizadas pelos alunos e coordenadas pelo professor, há as que podem ser realizadas basicamente pelo professor. É o caso da leitura compartilhada de livros em capítulos que possibilita ao aluno o acesso a textos longos (e às vezes difíceis) que, por sua qualidade e beleza, podem vir a encantá-lo, coisa que, talvez, sozinho não o fizesse. A leitura em voz alta feita pelo professor não é prática comum na escola E, quanto mais avançam as séries, mais incomum se torna e não deveria acontecer, pois, muitas vezes, são os alunos maiores os mais carentes de bons modelos de leitores.

Com essa premissa, se estabelece assim a leitura colaborativa que é uma atividade em que o professor lê um texto com a classe e, durante a leitura, questiona os alunos sobre os índices linguísticos que dão sustentação aos sentidos atribuídos. É uma excelente estratégia didática para o trabalho de formação de leitores, principalmente para o tratamento dos textos que se distanciem muito do nível de autonomia dos alunos. É particularmente importante que os alunos envolvidos na atividade possam explicitar os procedimentos que utilizam para atribuir sentido ao texto: como e por quais pistas linguísticas lhes foi possível realizar tais ou quais inferências, antecipar determinados acontecimentos, validar antecipações feitas, etc. A possibilidade de interrogar o texto, a diferenciação entre realidade e ficção, a identificação de elementos que veiculem preconceitos e de recursos persuasivos, a interpretação de sentido figurado e a inferência sobre a intenção do autor, são alguns dos aspectos dos conteúdos relacionados à compreensão de textos, para os quais a leitura colaborativa tem muito a contribuir. A compreensão crítica depende em grande medida desses procedimentos.

São situações didáticas, aqui propostas com regularidade, adequadas para desenvolver o comportamento do leitor, ou seja, atitudes e procedimentos que os leitores assíduos desenvolvem a partir da prática de leitura: formação de critérios para selecionar o material a ser lido, rastreamento da obra de escritores preferidos etc. Neste caso, o objetivo explícito é a leitura em si é a criação de oportunidades para a constituição de padrões de gosto pessoal.

Nessas atividades de leitura, pode-se, temporariamente, eleger um gênero específico, um determinado autor ou um tema de interesse. A partir daí, os alunos

escolhem o que desejam ler tomam emprestado o livro (do acervo de classe ou da biblioteca da escola) para ler em casa e, no dia combinado, parte deles relata suas impressões, em forma de seminário, entrevista, palestra, mesa redonda, comentando de alguma forma o que vivenciou em casa com a leitura escolhida, o que pensou sugerir outros títulos do mesmo autor, tema ou tipo. Dependendo do gênero selecionado, alguns alunos podem preparar, com antecedência, a leitura e o professor deve permitir que, também os alunos escolham suas leituras. Fora da escola, os leitores escolhem o que leem. É preciso trabalhar a componente livre da leitura, caso contrário, ao sair da escola, os livros ficarão para trás.

A escola deve organizar-se em torno de uma política de formação de leitores, envolvendo toda a comunidade escolar não só em ocasiões de cunho acadêmico, mas também, para aprimoramento da língua e preservação do seu acervo cultural. Para isso é fundamental um projeto abrangente e interdisciplinar em todo o trabalho escolar em torno da leitura, até porque todo professor, não apenas o de Língua Portuguesa é também um professor de leitura. De forma efetiva, se faz necessária uma análise crítica de questões apresentadas na escola e fora dela, mediante a proficiência da língua materna para que de forma articulada, se dirimam conflitos e interdisciplinarmente, aparem-se arestas no ensino da Língua Portuguesa em escolas públicas.

A característica básica dessa pesquisa-ação é prover objetivos compartilhados por todos os envolvidos, que se expressem num produto final em função do qual, todos trabalhem de forma colaborativa em prol de uma aprendizagem coletiva no âmbito escolar e social. Além disso, essas propostas e seguem permitem dispor do tempo de forma flexível, usando-o numa cronologia programada, que ofereça o tamanho necessário para se conquistar os objetivos ora elencados, o qual pode demandar alguns dias ou alguns meses. Quando essas ações exigirem longa duração, se terá a vantagem adicional de permitir aos alunos maior envolvimento no planejamento de atividades, aprendendo controlar o tempo, dividir e redimensionar tarefas, avaliar resultados e em função do plano inicial e a lidar com responsabilidades.

Estes projetos favorecem assim, um necessário compromisso do aluno com sua própria aprendizagem, pois contribuem muito mais para o engajamento do aluno nas tarefas como um todo, do que quando essas são definidas apenas pelo

professor. São situações em que as atividades de escuta, leitura e produção de textos orais e escritos, bem como as de análise linguística, podem se inter-relacionarem de forma contextualizada, pois quase sempre, envolvem tarefas que articulam essas diferentes práticas nas quais faz sentido, por exemplo: ler para escrever, escrever para ler, decorar para representar ou recitar, escrever para não esquecer, ler em voz alta, falar para analisar depois, etc.

A pesquisa pragmática traz um produto em audiovisual (DVD) que apresenta como trabalhar as propostas de leitura de forma interdisciplinar com as linguagens artísticas: Teatro, Dança, Música e Artes Visuais, qual, foi produzido em sala de aula por meio de oficinas com alunos e convidados/parceiro dentre eles: músicos, poetas, artistas plásticos e diretores de teatro. Promovendo visitaçã o ao teatro, eventos culturais, exposição de trabalhos, coletânea de textos de um mesmo gênero, etc. Essas atividades lúdicas devem ser compreendidas e avaliadas como conjunto de ações organizadas com a finalidade de obter informações sobre o que o aluno aprendeu, de que forma e em quais condições. Para tanto, será preciso elaborar um conjunto de procedimentos investigativos que possibilitem ajustes e uma melhor orientação na intervenção pedagógica para tornar possível o ensino e uma aprendizagem de melhor qualidade.

O Trabalho aqui sugerido é de um lado, como instrumento de precisão que possibilita o professor analisar criticamente sua prática educativa e, para o aluno, a possibilidade de saber sobre seus avanços, dificuldades e descoberta de habilidades Partindo desta premissa, estes parâmetros deverão ocorrer durante todo o processo de ensino e aprendizagem e não apenas em momentos específicos caracterizados como fechamento de grandes etapas inseridas e articulada de forma interdisciplinar para o fortalecimento da aquisição do conhecimento da nossa Língua Portuguesa.

4. NAS ENTRELINHAS DA PALAVRA ENCONTRA-SE A ARTE

“A arte diz o indizível; exprime o inexprimível, traduz o intraduzível.”
Leonardo da Vinci



Figura 4: Leitura interpretativa

mediada

A arte é uma forma de o ser humano expressar suas emoções, sua história e sua cultura através de alguns valores estéticos, como beleza, harmonia, equilíbrio. Uma viagem no tempo, transitando entre as diversas concepções de arte na história levará a inúmeras e complexas respostas, pois o campo (das linguagens da Arte) é vasto e os significados são profundos.

Representada de várias formas, a arte pode ser expressa na música, na escultura, na pintura, no cinema, na dança, entre outras possibilidades e é por meio dessas habilidades artísticas que se faz possível criar, pois com estas, as pessoas podem demonstrar o que sentem e esta expressão pode ser chamada de comunicação. A expressão humana desde os primórdios é carregada de emoções e tais emoções têm significantes e significados.

Uma das facetas da arte é “mexer” na cronologia e fazer sua essência se tornar importante no uso das suas múltiplas linguagens, o passado se faz presente em nosso cotidiano, assim como o futuro torna-se um hoje, pela permeabilidade atemporal da arte, tornando-a universal, atemporal e de todos. Para a arte não há barreiras, ela atravessa o tempo e nos permite registrar o momento para que no futuro, possamos reviver o passado, ou seja, através do cinema, da poesia, da

música, da representação, da dança, da escultura, da palavra etc. Essas linguagens se apresentam como possibilidades criativas e dentre elas está o poder de compartilhar ideias com outras pessoas e culturas, o que a caracteriza como um bem social para as gerações futuras.

Segundo o historiador e crítico literário Alfredo Bosi (2000, p.12):

A arte é um fazer: É um conjunto de atos pelos quais se muda a forma, se transforma a matéria oferecida pela natureza e pela cultura. Nesse sentido, qualquer atividade humana, desde que conduzida regularmente a um fim, pode chamar-se artística.

Assim, a linguagem da arte é um dos vários instrumentos de aquisição do conhecimento, ainda que seja passada entre gerações de uma forma empírica. É uma linguagem que contém uma propriedade muito eficiente do ser humano de se comunicar e estabelecer relações interpessoais, que nos faz compreender o mundo. Uma das suas formas mais contundentes de expressão é por meio da língua falada, escrita, ouvida e interpretada em suas várias dimensões de usos e expressividades, o que nos capacita para compreender o universo de símbolos que nos rodeiam. Destaca-se a fala em sua característica individual e cultural, que aliada às linguagens artísticas, torna-se mais abrangente ao expressar nossas vivências culturais da época ou contar uma vivida outrora. Temos um leque de conceitos que nos possibilita argumentar que arte é uma atividade da ação humana completa. A arte pode ser considerada uma expressão do cognitivo e afetivo de cada um, por ser ela também, uma releitura da realidade.

Para fazer da arte um elemento vital da própria existência, nada melhor que as palavras preconizadas por Ernst Fisher (1973, p.45), ao falar sobre “a necessidade da arte”. A função da arte não é a de passar por portas abertas, mas é a de abrir as portas fechadas. O ponto crucial para uma análise mais profunda sobre a Arte como reveladora não só de beleza, mas sim de consciência crítica, é a percepção que a cada dia, a vida se torna mais complexa e ao mesmo tempo mecanizada por condicionamentos prontos. Mesmo dependentes, cada vez mais uns dos outros, esquecemos-nos do que não é mensurável, que nos une e nos completam como seres humanos porque paradoxalmente temos nos construído sob a ilusão do individualismo. Mesmo dotados de inteligência para compreender que no espírito coletivo, a fé, o amor e a paz são os anseios primordiais do homem deste

século, ao perceber-se capaz de dominar a ciência e a tecnologia, estabelece um afastamento imediato dos seus semelhantes.

Fisher (1983, p. 21) destaca que desde o início dos tempos, na luta contra a complexidade e a mecanização humana está a arte. Em seu ponto de vista, a arte é elemento da vida espiritual de todos os povos, em todas as épocas. Configurando-se como a atividade que exprime cultura, sensibilidade e tradição, condicionada pelo seu tempo e representando a humanidade segundo ideias e aspirações, necessidades e esperanças, a linguagem da Arte permite às comunidades explodirem seu poder criativo em várias manifestações. Para Fisher (1983, p. 51), a função é:

A função da arte não está apenas no fato de estimular o homem a conhecer e mudar o mundo, mas também por seu caráter mágico, pela magia que lhe é inerente. Desprovida desse resíduo de magia provindo de sua natureza original, a arte deixa de ser arte. Infere-se que a arte é tão antiga quanto o homem, e este, por princípio, um mago. Foi utilizando ferramentas que o homem se fez homem, produziu-se a si mesmo. Simultaneamente, o homem e a ferramenta passaram a existir, indissolúvelmente ligados um ao outro. O homem possui razão e mão, e foi à mão que libertou a razão humana e produziu consciência própria do homem. A eficiência é muito mais antiga do que o propósito; a mão é uma descobridora há mais tempo que o cérebro (Basta observar uma criança desfazendo um nó: ela não pensa, limita-se a experimentar. Só paulatinamente, a partir da experiência das mãos, é que vem a compreensão de como se fez o nó e do melhor modo de desfazê-lo).

Assim, o fazer artístico é uma realidade social. A sociedade precisa do artista, uma vez que este fazer instrumentaliza o homem a compreender a realidade e mais ainda, a suportá-la ou ainda melhor, a transformá-la, tornando-a mais humana.

A linguagem da arte poderá levar o homem de um estado de fragmentação a um estado de ser íntegro e total. Face à essa realidade, podem-se comprovar os milagres produzidos em jovens da escola, quando adquirem o domínio de instrumentos musicais: melhoram até na forma de se comunicarem. É importante também, frisar aqui que muitos autores lidos ao longo dessa atividade, colocaram a tecnologia como forte resistência à arte ou vice-versa. Neste aspecto há discordância porque as máquinas também foram feitas com arte e como essa propriedade é exclusivamente humana, dá-se como exemplo: um sofisticado instrumento musical eletrônico só produzirá melodias se for executado por um humano que domine a linguagem da ARTE musical.

Enquanto a comunicação é um fazer humano e se dá por meio da fala, da escrita ou de outros signos convencionais a *linguagem* é o meio para que se efetive este processo comunicativo. Portanto, linguagem é o sistema através do qual o

homem comunica suas ideias e sentimentos, podendo se referir tanto à capacidade especificamente humana para aquisição e utilização de sistemas complexos de comunicação, quanto a uma instância específica de criar esse complexo sistema de comunicação.

Quem estuda a linguagem é considerado um linguista. E quem produz arte é considerado um artista, e se a função da arte está intrinsecamente ligada ao ato de transmitir ideias, sentimentos e de comunicar-se, esta é também uma linguagem. Assim, nessa sistematização comunicativa e cognitiva, matura-se que o processo de conhecimento abrange todas as formas de manifestação da linguagem em qualquer um dos seus sentidos. Sabemos, no entanto, que esse processo de apropriar-se da linguagem é instintivo, inerente à linguagem do cotidiano: o homem faz uso da linguagem verbal e não-verbal para se comunicar.

A linguagem verbal integra a fala e a escrita (diálogo, informações no rádio, televisão ou imprensa, etc.). Todos os outros recursos de comunicação como imagens, desenhos, símbolos, músicas, gestos, tom de voz, etc., fazem parte da linguagem não-verbal. A linguagem corporal é um tipo de linguagem não-verbal, pois determinados movimentos corporais, podem transmitir mensagens e intenções. Dentro dessa categoria existe a linguagem gestual, um sistema de gestos e movimentos cujo significado se fixa por convenção, e é usada na comunicação de pessoas com deficiências na fala e/ou audição.

As linguagens artificiais (que são criadas para servirem a um fim específico, por exemplo, a lógica matemática ou a informática) também são designadas por linguagens formais. Linguagem é a habilidade que os seres humanos têm para produzir, desenvolver e compreender a língua e outras manifestações, como a pintura, a música e a dança. Já a língua é um conjunto organizado de elementos (sons e gestos) que possibilitam a comunicação. Ela surge em sociedade, e todos os grupos humanos desenvolvem sistemas com esse fim.

Diante disso, identificar as linguagens artísticas como instrumento de comunicação e socialização, aguça o senso crítico do educando, podendo este também representar um descontentamento político ou social através da arte em diversas linguagens, possibilitando modificar a realidade e projetar novas visões e cores no mundo.

As linguagens artísticas dividem-se em: Artes Visuais, Artes Cênicas (Teatro e Dança) e Música. Como as manifestações artísticas surgem naturalmente em qualquer contexto cultural, compreende-se que a comunicação é a forma como as pessoas se relacionam entre si, trocando experiências sendo, através das linguagens artísticas o meio mais eficaz, mais lúdico e prazeroso que só esta variável tem o poder.

4.1 Qual o papel da arte para o mundo?

A história do homem, nas ideias de Porcher (1982), é marcada pela coexistência de múltiplas culturas. Essa variedade é muito importante, pois, observando as práticas e as tradições de outros povos, somos levados a refletir sobre a coletividade a que pertencemos. Afinal, será que são gratuitas as diferentes formas de organizar a vida social, de conceber e expressar a realidade?

Neste contexto englobam-se a língua, as ideias de um grupo, as crenças, os costumes, os códigos, as instituições, as ferramentas, a religião, a ciência. Tudo é organizado em normas que caracteriza para cada seguimento social distinto, formado por uma ampla diversidade. Como um canteiro de obras num universo de costumes compartilhados é experimentado aquilo que se adéqua melhor a um determinado seguimento. Essa movimentação é trazida pela arte e por meio dela que poderemos expressar as nossas diferenças culturais. A cultura, portanto é o que torna a vida humana possível no mundo. Ela é ao mesmo tempo, um produto já elaborado pelas gerações que nos precederam em um processo contínuo de adaptação aos novos modos de vida, novos problemas, novas necessidades. E, nesse processo, a arte, por não ter utilidade prática imediata, é um campo privilegiado de experimentações, de crítica, até mesmo de denúncia a práticas sociais ultrapassadas. Por meio das obras de arte, é possível vislumbrar outros valores importantes para a vida humana em um sentido global.

Os povos pré-históricos, antes de conhecer a escrita, já produziam obras de arte. Os homens das cavernas faziam figuras nas paredes, representando os animais e pessoas da época.

Segundo, Marilena Chauí (200, p.57):

Podemos perceber nas pinturas rupestres reproduções de lutas entre homens e ataques a animais. Para que o homo sapiens tivesse condições de desenhar essas cenas, ele teve que passar pelo processo imaginativo. A imaginação quando age de maneira reprodutora, reflete algo que de fato aconteceu ou algum

objeto que existe. Essas pinturas de ações humanas, então, podem significar reproduções de acontecimentos passados que estavam na memória do criador da arte.

A arte é, dessa forma, uma criação humana de valores estéticos que sintetizam as suas emoções, sua história, seus sentimentos e a sua cultura. Pode ser um conjunto de procedimentos utilizado para a criação de uma obra e no qual aplicamos nossos conhecimentos. Fazendo-nos repensar nossos posicionamentos sócio-culturais e artísticos e buscar a análise dos objetos de arte em percurso histórico, pois de alguma forma a arte como também a língua interfere na sociedade e ao mesmo tempo, recebe influências do meio onde está inserida, pois ambas tem um objetivo que é o de comunicar com o outro.

Segundo Louis Porcher (1982, p. 23):

Existem, por exemplo, as limitações da língua, independentes dos indivíduos e da sociedade. A língua, enquanto sistema funciona de acordo com normas que são as suas leis. Afirmamos que existe mistificação quando se quer que o aluno se expresse livremente sem saber, antes, utilizar essas leis. As limitações às quais se devem dar prioridade são, portanto aquelas inerentes ao objeto a ser ensinado.

Compreendemos, portanto, que devemos de certo modo, entender que o que se ensina é para que o outro flua, no sentido de dar os meios para que o outro possa se expressar com liberdade. Nessa linha de raciocínio, a arte como facilitadora do aprender, se faz necessária a todos, já que a mesma é inerente ao ser desde o início de sua trajetória no mundo, fato que corrobora a explícita observação do autor que ainda apresenta outras propostas para esta análise a qual, tem como objetivo único; poder abrir o gueto no qual se acha atualmente – e há tanto tempo – aprisionado, o despertar artístico do aluno da escola primária. E é por este caminho, que a instituição escolar vai trilhar numa verdadeira democratização com vistas ao acesso de um universo cultural até agora reservado às antropofagias da classe dominante.

Sabemos que ainda existem crianças e adolescentes que nunca foram a um cinema, museu, teatro, shows de músicas, galeria de arte ou simplesmente sair de casa para ver algo como uma experiência de sensibilização para a descoberta.

Neste sentido, a iniciação artística representa o espaço em que se joga a cartada decisiva da escola primária. Ela nos fornecerá uma espécie de pedra de toque a partir da qual poderemos julgar se o modo é válido na realidade de renovação efetivamente empreendida. E é no domínio das artes que a nossa

sociedade de consumo se olha, com maior clareza, no espelho que ela propõe às gerações que ingressam na existência (PORCHER, 1982).

Os questionamentos e as análises aqui percorridas nos levam a refletir sobre os tempos das sociedades tradicionais, onde as questões referentes a meio ambiente não tinham sentido, pois à medida que o homem foi se ajustando aos novos paradigmas sociais, foi também se modificando de forma um tanto esmagadora, à qual se familiarizou. O trabalho humano transforma os objetos para atender suas necessidades de forma imediata; as ferramentas prolongam os membros do corpo; as moradias são feitas de blocos de concreto que se integram de maneira devastadora aos espaços naturais; os comportamentos culturais vão se moldando para dar espaço a novos códigos estabelecidos pelas novas gerações.

Dentro dessa generalizada crise referencial, o surgimento da feiura em massa, consequência da produção em série, do predomínio do princípio da rentabilidade, do fato de as populações terem sido arrancadas dos antigos equilíbrios e modos de existência, torna-se uma característica geral da vida. A Beleza refugia-se nos museus, espaços que lhes são reservados e tornam-se assuntos dos profissionais de arte e de estatais sem critérios definidos, é consumida em lugares fechados e em horários fixos, da mesma maneira como a natureza é transformada em parques de lazer para os exaustos habitantes da cidade, ávidos de regenerações periódicas: enquanto isso, a vida cotidiana fica condenada à miséria sensorial, à cacofonia industrial, aos excessos publicitários, à saturação de estímulos insignificantes (PORCHER, 1982, p 27).

Mesmo consciente do conceito que torna a Arte uma coisa rara e cara para as classes mais pobres, consideramos importante ressaltar aqui o mérito da arte nas grandes transformações, antes de todo um contexto expresso de inutilidades muito úteis, existir. O maior legado que o fazer humano deixa para a arte é criá-la e recriá-la, imaginando-a de várias formas, cores e traços, o que é belo para um, pode ser feio para outro, mas se tornaria sem graça se a vida não oportunizasse a feiúra de rosas e a beleza de cadáveres. Os mágicos que demonstraram em seus shows, faíscas saindo das mãos, eram muito aplaudidos criavam uma beleza ilusória para o deleite público, talvez com o simples propósito de ludibriar ou “mascarar” a realidade da vida, talvez para atizar a imaginação, esse outro mundo de histórias e lendas que suscita outros olhares e compreensões refinadas e profundas. É neste ponto que a arte e suas múltiplas linguagens representam com maestria o seu papel.

4.2 A importância do ensino da arte na escola e fora dela: uma visão dos parâmetros curriculares nacionais

Como instituição social, a escola está intimamente ligada às transformações sociais que acontecem no mundo cotidiano. Com a evolução e a dinâmica da própria sociedade do século XXI, houve uma quebra de paradigma em relação às classes sociais e conseqüentemente, uma maior aceitação do meio social do aluno, modificando as propostas pedagógicas das instituições de ensino, reelaborando as diretrizes e seus próprios currículos para haver consonância com os ditames da sociedade atual.

A escola coadunando com tal evolução e tentando cumprir com a função social do estado democrático de direito, começa a compreender que está no papel de objetivar o desenvolvimento cognitivo, atrelando a este o desenvolvimento interpessoal dos sujeitos que dela usufruem, sejam eles o aluno, a comunidade, os profissionais e a própria sociedade, posicionando-se como acolhedora desses bens culturais intrinsecamente ligados, através de uma língua.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação, de 1996, corrobora com a ideia expressa no parágrafo anterior, nos mostrando de forma clara e induzindo a uma reflexão crítica no que se refere ao objetivo de ações educativas, proporcionado através de um domínio mais dinâmico da língua materna.

Art. 1º A Educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais (LDB, LEI Nº 9.394/96)

A didática para a Arte mesmo sofrendo mudanças cruciais, objetiva apenas, as ações de ensinar a desenhar ou pintar. E assim, por não oferecer propostas mais articuladas de aprendizagem plural que atendam as dimensões do momento atual e que favoreçam uma visão holística de arte na escola de forma prazerosa, focada numa posição crítica, emancipatória, autônoma e coerente para a formação do aluno, não obterá resultados significativos.

Contudo, na atual conjuntura, o ensino de Arte pode ser diversificado, não sendo voltado apenas para desenho Geométrico ou Artes Plásticas, mas, também, para outras linguagens artísticas como a dança, a música e o teatro, que muito enriquecem a formação dos educandos, graças inclusive, à riqueza vocabular da sua língua materna. Por exemplo: a música e a dança desenvolvem no aluno a concentração e a coordenação motora; o teatro promove um relacionamento melhor com os demais colegas de classe, professores e familiares, fazendo com que o

rendimento escolar dos alunos possa melhorar também, além de promover um melhor domínio da língua vernácula.

Por não ser considerada uma disciplina, a Educação Artística não tinha o "poder" de reprovar nenhum aluno e fazia com que os mesmos não tivessem interesse pela mesma, fazendo com que ela fosse vista como aulinha de desenho e o professor visto como organizador de festas e eventos na escola. Com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB no. 9.394/96 (1996, p. 9), revogam-se as disposições anteriores e a Arte passa a ser considerada disciplina obrigatória na educação básica conforme o pressuposto a seguir:

Art. 26. Os currículos da educação infantil, do ensino fundamental e do ensino médio devem ter base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e em cada estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e dos educandos. (Redação dada pela Lei nº 12.796, de 2013).

§ 2o O ensino da arte, especialmente em suas expressões regionais, constituirá componente curricular obrigatório nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos. (Redação dada pela Lei nº 12.287, de 2010).

Esta ação traça uma diretriz para Arte no ensino nacional constitutiva do componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, visando o desenvolvimento cultural dos alunos.

Segundo Ferraz et al. (1993), nas aulas de Arte devem ser trabalhados o mundo do educando, propiciando-lhe contato com as obras de arte, desenvolvendo atividades onde o mesmo possa experimentar novas situações, podendo compreender e assimilar mais facilmente o mundo cultural e estético. Compete ao professor, um contínuo trabalho de verificação e acompanhamento em seus processos de elaborar, assimilar e expressar os novos conhecimentos de arte e de educação escolar para os aprendizes em Arte ao longo do curso. Atualmente, o ensino de Arte está voltado para as linguagens de Música, Dança, Teatro (Artes Cênicas) e Artes Plásticas.

Em 2008, com a aprovação da Lei Federal nº 11.769, o ensino de música passou a ser obrigatório, devendo ser ministrado por professor com licenciatura plena em Música, tendo os sistemas de ensino, três anos para se adequarem às mudanças. (Boletim Arte na Escola n. 57)

Todas as culturas possuem sua identidade, sua particularidade e estas são respeitadas como patrimônio que é repassado de geração em geração como um espelho - refletindo a sua essência. É aí onde está o papel e a importância da arte,

que além de modificar o ambiente, modifica também os agentes que exercem o seu papel social atingem seus reais objetivos.

4.3 O ensino da arte nas escolas do Brasil

Nos últimos 120 anos, a disciplina de Arte no Brasil evoluiu de acordo com o momento histórico e as correntes pedagógicas vigentes. Fazendo um breve relato desse processo para se situar no momento que configura a atual realidade, objetivamos compreender em que patamar se encontra de fato o ensino da disciplina Arte no Brasil.

No período que compreende 1890 a 1930 temos uma visão acadêmica. A arte é estudada só nas academias de belas-artes e nos conservatórios de música. Nas escolas regulares, há apenas as cadeiras de Desenhos (cópia e geometria voltada para a qualificação industrial), Ginástica (disciplina corporal e higiene) e Música (solfejo e decodificação de partituras). Entre 1930 e 1947 a ênfase é dada aos trabalhos manuais. Desenhos e pinturas são feitos para decorar cadernos e festas escolares. Trabalhos manuais como tricô, crochê e bordados são ensinados às mulheres nos liceus de artes e ofícios (destinados à formação de mão-de-obra para a indústria). Neste período, o ensino assume funções utilitárias. Em música, Villa-Lobos institui o canto orfeônico, com predomínio da teoria e memorização de peças de caráter folclórico e cívico.

A liberdade de criação é o ponto central da discussão sobre arte no período que compreende 1948 a 1960. Surge o movimento escolinha de Arte, influenciado pela Escola Nova. Elas desenvolvem a autoexpressão de crianças e adolescentes. Com ênfase na liberdade de criação, qualquer orientação é considerada interferência na criatividade. O projeto pedagógico de Anísio Teixeira (1900-1971) e Darcy Ribeiro (1922-1997) marca um período que compreende entre 1960 a 1970, e a Universidade de Brasília estabelece o primeiro curso de formação de professores na área. A proposta é baseada na interdisciplinaridade, profundamente ligada ao trabalho nos ateliês de artes plásticas e a experimentações no campo da música. Artistas e titulares de qualquer matéria podem ensinar os conteúdos ligados à área.

As preocupações com o Currículo escolar de 1971 a 1973 marcam as definições das atividades de Educação Artística, que passa a ser obrigatória em escolas primárias e secundárias, mas não tem o status de disciplina: é considerada atividade educativa. Aparentemente é a única matéria que faz relações entre o

trabalho criativo e as humanidades. Professores desenvolvem atividades musicais, plásticas e corporais privilegiando a reprodução de modelos e técnicas e a execução de tarefas de acordo com um planejamento desvinculado da realidade do aluno.

No início dos anos 80 são criados os cursos de arte-educação nas universidades federais. O currículo é o mesmo para todas no país. O curso pretende formar em dois anos, professores capazes de ensinar: dança, música, teatro, artes visuais e desenho geométrico da 1ª a 8ª séries e no antigo 2º grau. Em meados do mesmo período a tecnologia invade a sala de aula e entra em cena o uso de recursos tecnológicos (TV, videocassete, aparelhos de som), meios audiovisuais (projeções, transparências) e do livro didático nas aulas de Arte. Infelizmente, predomina o receituário de técnicas. O período é marcado pela organização política dos arte-educadores e pela criação do fortalecimento das associações de professores e pesquisadores. Torna-se popular a Proposta Triangular de Ana Mae Barbosa (1987), que propõe é um ensino baseado em ações de produção; apreciação e reflexão continuativas e interligadas.

Na década seguinte, tem-se um período de “educação nos museus”, que investem na criação de setores educativos, coordenados por profissionais com habilitação em Arte. Nesses espaços, professores recebem formação em encontros com curadores, artistas, críticos de arte e mediadores (os guias) antes de levar seus alunos para visitar exposições e em 2000 a 2006 cresce o desenvolvimento de projetos em arte-educação promovidos por associações, organizações não governamentais e instituições privadas ou mistas, como o Sesc, o Senai, o Senac e o Sebrae.

Atendendo as expectativas do século XXI os investimentos na cultura local, nas redes estaduais de ensino e no Mato Grosso do Sul torna-se obrigatório o ensino de Arte e as Culturas regionais no currículo de todas as escolas do estado. São capacitados 500 professores e 259 mil alunos são beneficiados com a medida, pioneira no Brasil.

4.4 As linguagens artísticas na escola e na formação dos professores

Diante dos elementos apontados acima, sobre a evolução do ensino de artes no Brasil, cabe fazer algumas perguntas que nos remetem ao cotidiano do professor, à prática diária de suas ações educativas e do lugar concretamente definido do

ensino de artes no panorama que caracteriza temporal e espacialmente no delineamento deste trabalho.

Sabe-se que o papel do educador na disciplina de arte é trazer para o foco das suas aulas uma proposta na qual se trabalhe conteúdos programáticos de forma interativa, dialogando com as outras linguagens, pautando-se, como princípio basilar, no conhecimento de mundo de forma crítica, criativa e como suporte metodológico-didático.

Utilizar-se sem timidez, do elemento estimulante que é a ludicidade é uma regra, pois esta convida de maneira colaborativa, os alunos a se envolverem com o processo de ensino aprendizagem. Dessa forma, cabe ao profissional da área planejar de forma interdisciplinar, os multiletramentos que a disciplina Arte dispõe em seu leque de conteúdos, fazendo pontes, links com os conhecimentos de mundo. Nesse contexto, é necessário que o educador conheça o espaço onde está inserido para habilitá-lo à sua ação e à apropriação dos alunos, e convidando-os a expor suas habilidades ou até mesmo descobri-las.

Neste patamar, o educador necessita ter a sensibilidade de observar o aluno na construção do conhecimento. Assim, poderemos perceber como o discente se propõe ao estudo das linguagens artísticas presentes no cotidiano escolar. E já que a arte é uma ciência abrangente e como não se fixa em um só ponto, pois, retrata o interior de cada pessoa, buscando sempre avançar onde as demais áreas não chegam, é uma matéria que nunca deveria ser monótona.

Esses elementos fazem da arte, uma disciplina na qual o educador que “planeja” precisa concatenar informações do senso comum, com conteúdos didáticos, articulações com outras áreas do saber, tomando como esteio de sua ação o desenvolvimento do senso crítico do aluno, transformando os resultados de suas aulas em conhecimentos plurais. Ao se observar que um simples pegar de pincel pode transcender para conhecimentos sistemáticos de matemática (geometria), de linguagem (expressão visual) de geografia (a noção de espaço e tempo) em história (da evolução dos tempos), ciências (química das misturas das cores), compreenderemos que a arte tem uma visão holística, integral, onde um simples misturar de tintas traz inúmeros aportes de uma aprendizagem, obtendo-se uma profusão de possibilidades de aprendizagem a partir de uma única ação artística.

Tentar responder às questões da prática que vêm sendo vivenciados em sala pelos docentes sobre os gêneros textuais e sua articulação com a arte é um desafio constante, por exemplo. Como diversificar o tratamento de textos em artes? Como articular linguagens diversas como instrumento de aprimoramento do próprio idioma? Com um poema declamado? Em uma leitura dramatizada? Parece e é simples, mas exige energia criativa, diálogo com os outros atores da escola, reciprocidades... É nesse contexto que o professor deve trabalhar, com a clareza de planejamento que produz aulas capazes de promover aprendizagem significativa e que realmente atenda aos objetivos de formação na educação básica. Daí se questionará também, qual será o papel do professor ao propor o melhor para ser trabalhado em sala. Considerando o que aponta Bridi, Araújo e Motim (2014) é crucial considerar os conhecimentos anteriores dos alunos, suas bases culturais, sua realidade social para que formem novos conceitos de forma significativa.

Uma vez que se admite a existência de uma realidade concreta, externa aos indivíduos, a construção de conhecimento deve estar próxima a esta realidade, pois o conhecimento ocorre internamente, na medida em que o aluno tende a criar uma realidade individual, percebendo-a apoiada em valores, crenças e ideias do grupo social do qual faz parte. A organização espiralada dos conteúdos na formulação dos programas precisa ser observada, de modo que o aluno não só adquira e assimile informações, mas reelabore e redimensione os conceitos frente à realidade estudada. (BRIDI, ARAUJO, MOTIM, 2014, P. 66)

Isso não quer dizer que outras realidades não devam ser apresentadas, pelo contrário. Mas implica em considerar o ponto de partida do aluno, para construir a partir daí. Nesse sentido a organização espiralada⁶ dos conteúdos sugere conexões entre dimensões mais amplas dos saberes – possivelmente explorando os pontos de cruzamento entre áreas do conhecimento – e dimensões mais precisas de conteúdos específicos de uma e outra área.

Devemos considerar, contudo, que também há problemas de formação dos professores, o que também não deixa de ser de informação da própria instituição escolar.

Cabe à escola ensinar o aluno a utilizar a linguagem oral no planejamento e realização de apresentações públicas: realização de entrevistas, debates, seminários, apresentações teatrais etc. Trata-se de propor situações didáticas nas quais essas atividades façam sentido de fato, pois é descabido treinar um nível mais formal da fala, tomado como mais apropriado para todas as situações. (PCN, 1996, p. 25)

⁶ 1. subir em forma de espiral. 2. adquirir forma de espiral.

Esse tópico refere-se ao fazer compreender que a conjuntura do “saber ler”, interfere diretamente na construção do conhecimento, independentemente da área do saber humano. Nesse aspecto, podemos ver uma relação paradoxal: de um lado, a interação entre professores e alunos ao aproximarem-se cada vez mais uns dos outros, mormente, em função de condições comunicativas reais entre ambos. Esta linha de comunicação às vezes é desconsiderada no âmbito escolar, pois, o aluno, ainda acredita que o papel do professor seja falar e o seu seja ouvir calado a fala do professor, sem o direito de relacionar seus conhecimentos empíricos aos conhecimentos escolares.

Este tipo de ensino leva o aluno a se manter apático, ignorado e desconsiderado em suas possibilidades de expressão, muitas vezes negando-lhes o falar e o direito de ser ouvido. Isso gera à vezes indisciplina na escola, entre outros problemas. Entretanto, uma proposta para esses questionamentos seria planejar de forma interdisciplinar, anexando o potencial técnico que os conteúdos da disciplina Arte podem compartilhar com as demais áreas, dando-lhes mais uma possível reflexão. Partindo do que já existe, esse aprimoramento pode mudar todo um fazer pedagógico, estimulando a construção conjunta do saber, inclusive com a participação dos alunos no planejamento.

Ainda nessa linha pedagógica, o foco nessa questão indica que a função do professor no processo de ensino-aprendizagem está retomando o seu lugar e buscando contornos mais precisos. A formação do professor para todos os níveis de ensino tem sido um dos pontos mais discutidos atualmente. Esse processo de retomada de uma identidade profissional que estava de alguma maneira perdida tem provocado reflexões sobre a prática pedagógica em busca de um maior domínio das ações educativas. Estamos, portanto, diante de uma situação reflexiva. É preciso cuidar da formação do sujeito/professor formador. É preciso “aprender a aprender e a ensinar”, ou seja, o problema do distanciamento hierárquico está entre quem faz Arte (o artista) e quem ensina Arte. O professor estabelece uma dicotomia entre o fazer e o ensinar Arte entre a produção e a reflexão sobre o conhecimento gerado neste processo, achando que isso não vai resolver o problema da formação dos professores, nem tão pouco das escolas que precisam de profissionais ecléticos e competentes para ministrar a disciplina.

Barbosa (1998, p. 171) destaca alguns pontos para se pensar na formação do professor de Arte. Segundo a autora, os cursos de formação de professores de Arte devem encarar o desafio de propiciar aos seus alunos, uma imersão na linguagem artística e ao mesmo tempo uma reflexão crítica e contextual das questões relativas aos conhecimentos implicados no processo. Não é uma tarefa fácil. Para Barbosa (1998, p. 171), entende-se que:

O conhecimento artístico e estético historicamente acumulado tangencia várias outras áreas de conhecimento. A estrutura do currículo de um curso desta natureza, por exemplo, poderia pressupor uma mobilidade do aluno de acordo com um projeto a ser desenvolvido diante das especificidades de algumas linhas de pesquisas oferecidas. A inter-relação de conhecimentos de diferentes áreas levaria o aluno, futuro professor, a vivenciar a interdisciplinaridade em seu processo. Seria aconselhável também, que a pesquisa fosse o método de investigação privilegiado. Pois é preciso desenvolver no professor a sua faceta de pesquisador, aquele que sabe buscar, relacionar e elaborar os conhecimentos.

Assim sendo, faz parte do processo de educação em Arte à compreensão e a identificação das várias camadas culturais que se sobrepõem e se movimentam de maneira hierárquica tanto na constituição do sujeito, quanto na coletividade. É preciso compreender dos alunos: como eles entendem como crescem e se relacionam com o meio social e cultural? Como estabelecem a comunicação e como desenvolvem as linguagens e as expressões? Enfim, como aprendem?

Para o professor de qualquer disciplina é indispensável saber que o conhecimento de Arte está no cotidiano e a sua importância na aprendizagem é fundamental, sendo a expressão do cognitivo e afetivo de cada um. Nessa linha de raciocínio, é possível e necessário, se pensar estrategicamente - perspectivando uma realidade ambiciosa para ser atingida: a noção de que é dever da escola enquanto organização, associar ideias, pois esta é a mediadora da aprendizagem, relativa tanto ao seu mundo interno (escola tanto do ponto de vista de suas concepções sobre educação, quanto do ponto de vista do gerenciamento dos seus espaços de circulação e relações) quanto ao externo (referente ao mundo a que se liga em nível local, regional, nacional e global). Porque é, no espaço escolar, onde o aprender a desenhar, pintar, dançar, representar, criar formas e fenômenos sonoros da realidade, a criança elabora e estabelece o seu próprio universo afetivo-cognitivo, fixando relações de diálogo por conta de uma aprendizagem significativa.

Qual professor já se perguntou quando aprendeu a pintar? Ou quando se pegou dançando? Assim, pergunta-se e percebe-se que devemos iniciar atividades

artísticas na educação, pois vê-se que a criança já as realiza desde que nasce. O indivíduo é um ser social - não está isolado. Quando o professor de qualquer área do conhecimento é vocacionado ao ofício docente e planeja suas aulas imbricadas com as diversas linguagens artísticas: poesia, recital, desenho, pintura e música, estas desenvolvem uma visão integral do papel do educador e, com este olhar diferenciado, surgem metodologias dinâmicas que despertam no aluno uma aprendizagem prazerosa no sustentáculo da arte.

Como forma de expressão genuína, uma linguagem é universal quando impregnada de identidade, provoca para, o fazer e o agir. Provoca o corpo, provoca a mente. Tira da letargia. Levar o aluno a se descobrir, faz com que ele consiga fluir mais rápido na aprendizagem que é a característica da sua própria idade.

Toda essa diagnose se fundamenta na atuação do professor, este não precisa ser um músico, um artista, mas ele precisa ter o “olhar”, pois é quem melhor conhece o seu aluno (quando percebe que esse conhecer é fundamental para sua própria atuação), é ele o mentor intelectual neste processo, mesmo que muitas vezes, ignore o aluno desconhecendo suas potencialidades.

Mas afinal, será que tudo é de responsabilidade do professor? Corroborando com o que o texto traz sobre esse olhar sensível, pode-se dizer que o diálogo deverá estar presente em todas as esferas da escola, mesmo que de forma hierarquizada, a gestão deverá viabilizar recursos: materiais e humanos para estas atividades artísticas na escola e para a formação continuada dos professores de todas as áreas do conhecimento, pois sendo a arte interdisciplinar, somente através de oficinas práticas que garantam uma preparação teórica e metodológica nas suas diversas linguagens, isso será efetivado. A partir daí, a escola necessita acompanhar o planejamento pedagógico para saber se este está voltado para o interesse do aluno, dentro do ensino aprendizagem.

Compreende-se que o papel pedagógico é “a alma” da aprendizagem dentro do espaço escolar, onde o coordenador precisa ser dinâmico para orientá-los nesse processo e que no momento de estudo pedagógico, faz-se necessário estimular a capacidade do professor para que esse consiga estimular talentos, desenvolver capacidades e afinar habilidades em sala de aula. Como? Orientando, dando sugestões, criando estratégias que facilitem conhecer o perfil de cada turma, para

não atuar como professores “assassinos” intelectuais ou “castradores” do bem cultural intrínseco em cada educando.

Toda essa preparação coletiva fluirá com o *feedback* do trabalho planejado com resultados em ações significativas preparadas de forma lúdica e prazerosa para ambos – professores e alunos. Nessa perspectiva, contemplam-se as “ações do aprender” que são elencadas pelos os quatro pilares da Educação para o século XXI, baseados nos fundamentos da educação relatados para UNESCO- Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura cujos princípios são: aprender a ser, conhecer, fazer e conviver para dar a cada aluno possibilidades de se desenvolver em sua plenitude, estabelecendo uma relação efetiva do ensino de Língua Portuguesa e utilizando a Arte como instrumental lúdico-didático para a concretização do que aqui se propõe.

5 PERCURSO METODOLÓGICO

A arte não vive num puro terreno da afetividade imediata. Ela requer, tanto para o criador quanto para o consumidor, a posse de um certo número de ferramentas intelectuais e técnicas que nenhuma espontaneidade permite dispensar. (PORCHER, 1982, p.22)

Esta pesquisa pode ser classificada com base nas seguintes definições: 1 - Qualitativa: na medida em que visa trabalhar os processos de construção do conhecimento cognitivo, afetivo e psicomotor dos alunos, utilizando-se de instrumentos de produção de dados fundamentados em técnicas de entrevistas informais abertas e observação participante; 2 - Exploratória: pois visa esclarecer conceitos e ideias sobre o ensino de artes com o objetivo de proporcionar uma visão geral, de tipo aproximativo da realidade de escolas públicas e das possibilidades de articulação entre áreas de conhecimento; 3 – Pesquisa-ação com recurso da observação participante: essa classificação considera o nosso envolvimento no estudo e as possibilidades de aplicações dos resultados da pesquisa.

Cada etapa a pesquisa foi desenvolvida seguindo os parâmetros da interdisciplinaridade, propondo um trabalho pedagógico colaborativo e dialógico entre áreas curriculares, já que a proposta tem o condão de desenvolver as múltiplas linguagens que são estudadas no contexto escolar de forma prática e lúdica no que diz respeito ao envolvimento do educando, tornando-os passíveis de aplicar estes saberes em outras demandas sociais.

Foi o caráter prático dessa pesquisa que conduziu à realização de um processo interativo e colaborativo com as disciplinas de Arte e Língua Portuguesa no Ensino Fundamental II, contando com parcerias dos professores que em suas turmas lecionam as referidas disciplinas na área de linguagens.

Aplicando a ideia em um cenário real - “a escola”, o caráter concreto da pesquisa foi o fator preponderante para seu êxito, pois, o trabalho interdisciplinar faz a diferença para cada sujeito envolvido nas atividades propostas, tornando-se palpável a sua contribuição para a formação desses sujeitos. Buscou-se assim, obter resultados que possibilitassem aos sujeitos alunos, o protagonismo da ação individual no progresso de cada um no que se refere às dimensões intelectual, psicomotora, afetiva e coletiva.

5.1 A escola como campo de pesquisa



Figura 5: Leitura interpretativa mediada

É no Colégio Estadual Jutahy Magalhães que se dão as relações de produção de dados nessa pesquisa. A escolha dessa instituição de ensino já foi explicitada na introdução dessa dissertação, contudo é fundamental fazer um mapa descritivo do cenário onde se efetivou a pesquisa, elencando seus sujeitos e tendo uma visão geográfica, política e social em que está inserida e como se contextualiza nas práticas educativas.

O colégio está localizado no Bairro Piranga, na cidade de Juazeiro, sertão da Bahia, fazendo divisa com o estado de Pernambuco por meio de limite fluvial com a cidade de Petrolina (PE). A administração regional é gerenciada pelo Núcleo Regional de Educação - NRE-10 do Estado da Bahia.

O Colégio Estadual Jutahy Magalhães, foi fundado nos anos 50 e passou a ser reconhecido como Escola Estadual de Piranga. Assim permaneceu até 1971 quando ascendeu a Grupo Escolar Jutahy Magalhães onde funcionava o antigo curso primário (atualmente Ensino Fundamental I). Em 1988, teve início o Primeiro Grau Maior, hoje o Ensino Fundamental II, nascendo neste ato, o atual Colégio Estadual Jutahy Magalhães.

Atualmente, o colégio atende com o Ensino Fundamental a 1.284 alunos e possui duas extensões: uma no Distrito de Lagoa do Salitre e outra no Distrito de Abóbora. A equipe escolar é composta por um corpo docente de 60 professores e gerenciado por 22 profissionais compreendidos entre gestão executiva, apoio técnico e atuação pedagógica. A escola oferece à comunidade juazeirense as

seguintes modalidades de educação: Ensino Fundamental II, Ensino Médio e Educação de Jovens e Adultos. A escola funciona em três turnos e disponibiliza uma estrutura física razoável, com 11 salas, pátio, cozinha, almoxarifado, laboratório de informática sem acesso a internet, praticamente desativado (servindo como almoxarifado), uma sala que está dividida para atender à secretaria e adaptada com livros como biblioteca, quadra de esporte, sala de professores e setor administrativo. Em relação aos recursos humanos, dos 60 professores, 38 estão lotados na sede, sendo estes: 32 efetivos e 06 contratados. Possui 01 diretor, 02 vice-diretores, 01 professor com disponibilidade de 09 aulas para fazer o papel de articulador de área, 01 secretário e 03 auxiliares de secretaria.

A comunidade atendida pela a escola é oriunda de bairros periféricos que circundam a escola, cuja maioria é de baixa renda e que dependem da Bolsa Família. Em virtude disso, a escola para muitos, tem sentido de refúgio, um lugar para se “merendar”, ou até mesmo o único lugar de acesso à informação, à tecnologia, à cultura e lazer, pois alguns desses alunos nem conhecem o rio São Francisco ou o centro da cidade. Isso leva a gestão e os docentes a investirem em projetos didáticos como “Parada Obrigatória”, reforço escolar e atividades extracurriculares de ciências, cultura, esporte e lazer com foco na aprendizagem, possibilitando ao educando um conhecimento mais abrangente para além dos muros da escola.

Na sua longa caminhada, a escola muito contribuiu para o desenvolvimento da educação de Juazeiro, principalmente nas atividades sociais, esportivas e culturais que se desenvolvem na comunidade do bairro Piranga. Mas os desafios são muitos - especialmente as metas estabelecidas pelo próprio sistema, no tocante ao ensino-aprendizagem. Tanto nas relações interpessoais quanto nas atividades cognitivas que requerem um trabalho coletivo e eficiente para atender as demandas da sociedade e os padrões de educação seletiva que são medidas através das avaliações externas de aprendizagem. Nesse contexto, percebe-se que necessita de uma metodologia eficaz e efetiva na prática, além da que até então foi aplicada na escola.

Analisando o presente cenário, as habilidades de conhecimento e produção de sentido fazem o diferencial no processo de ensino-aprendizagem, ou seja: percebe-se que as dificuldades dos alunos não estão sendo sanadas com as

práticas de ensino cansativas de outrora, pois o costume leva à comodidade e esta leva a estagnação. É notório nos encontros, os professores reclamarem sobre as mesmas coisas: “que aquele menino não tem jeito ou que não larga o celular”. Assim, a proposta de se trabalhar coletivamente com acesso à informação de forma lúdica volta-se para a noção de que é no trabalho coletivo que se produzirão valores, cujos resultados poderão ser positivos, pelo menos na participação ativa dos discentes no processo de aprendizagem, de forma a reduzir as possibilidades de fracasso.

Diante disto, na realização da pesquisa, foi observada de forma minuciosa, a necessidade dos alunos de um processo de atividades práticas utilizando as linguagens artísticas com as seguintes finalidades: promover a circulação de cultura na escola, contribuir para a formação de público no campo das artes e desenvolver a formação integral de crianças e jovens como meio motivador e transformador da realidade atual, cujos resultados servirão como experiências exitosas para a prática - em sala de aula e fora dela.

5.2 Os interlocutores da pesquisa

“A arte pode vencer a natureza, desde que o artista deixe nela a sua marca.”
Michelangelo



Figura 6: Aula de leitura mediada e expressão oral.

O trabalho deverá concretizar conceitos abstratos em outras disciplinas para facilitar a sua compreensão pelo aluno. Estas ações serão fundamentais, para conduzir a um aprendizado amplo e consistente.

A pesquisa foi realizada com turmas de alunos do 6º ao 9º ano do Ensino fundamental II, no período que compreende o início do ano letivo, em meados de março, até o final de outubro, com alunos pertencentes ao turno vespertino, em virtude destes apresentarem mais dificuldades referentes à aprendizagem e a convivência (relações interpessoais), relatadas nas reuniões pelos professores. As turmas têm entre 38 e 47 alunos e as professoras de Arte e Língua Portuguesa das referidas turmas colaboraram com a proposta de integrar a disciplina Arte como interface na Língua materna. Os professores são os mesmos, ou seja, quem ministra arte em uma turma, na outra ministra Língua Portuguesa. Dessa forma, pode-se fazer um link das práticas de leitura com as habilidades artísticas que serão fundamentais para o êxito do trabalho coletivo o qual é relatado nas etapas da metodologia.

Os protagonistas desse estudo são alunos na faixa etária entre 10 e 16 anos, residindo em comunidades de distancia variável do colégio e provenientes dos bairros: Piranga I, Codevasf, Caixa D'água, Quidé, Alto do Cocá, Pedra do Lorde, Malhada da Areia e Alto da Maravilha. Algumas dessas localidades são bem distantes, mas pelo respaldo da qualidade do ensino, do cuidado com as relações interpessoais e dos bons resultados que o Colégio obtém é grande a procura de vagas para se estudar nessa UE.

Esses alunos são provenientes de Escolas Públicas Municipais e de alguns distritos de Juazeiro. São turmas heterogêneas - tanto no tocante aos níveis de aprendizagem (que exige um reforço individual para tentar equilibrar as dificuldades apresentadas) quanto na faixa etária, pois alguns alunos já são repetentes, isso provando um real e considerável desinteresse em frequentar as aulas regulares e algumas até adjetivadas pelos mesmos de “chatas” e cansativas.

A ideia central foi expor para os alunos o que seria feito a partir daquele ponto momento em que as disciplinas de Arte e Língua Portuguesa começaram a ser trabalhadas de forma articulada. Então, os próprios alunos deram o norte da pesquisa relatando que vinham para escola, mas tinham aulas que eles não gostavam e principalmente, referindo-se as de Português e de Matemática. Durante os questionamentos, a professora pediu ideias de como eles gostariam que fossem as aulas, a ideia era fazê-los se perceber como protagonistas de sua aprendizagem,

atuando em todas as etapas do processo do planejamento à execução das atividades.

A princípio, foi aplicado o exercício de *brainstorm*⁷, e por meio deste, obteve-se respostas que vieram de forma espontânea: que eles pudessem brincar, conversar, cantar..., relatando, ainda, que não gostavam de ficar quietos na sala, sentados o tempo todo. Alguns disseram “e agora que nem recreio tem mais?”. Outros que a aula que eles mais gostavam era a de Arte porque eles podiam pegar os cadernos e desenhar, sem estar o tempo todo, preocupados com tudo que ia “cair” na prova. Com essa observação dos alunos todos começaram a argumentar sobre “fulano sabe desenhar”, “beltrano sabe tocar”..., Com o objetivo de conhecer mais os alunos, foi se dando espaço para eles discutirem sobre o real valor das aulas. Por meio das propostas dos alunos, a professora percebeu que eles não estavam se negando a fazer o que era pra ser feito nas outras aulas; eles só queriam expressar o que eles já sabiam e que não eram vistos. Compreendemos que a relação de aprendizagem estabelecida de forma lúdica e participativa tem mais “significado” para eles. Esse processo foi repetido nas turmas do 6º e 9º ano nas quais foram verificadas as mesmas observações: que nas aulas de Arte se “sentiam mais livres”, e que “tudo na escola era forçado”, “ninguém perguntava o que realmente eles gostavam”, que “tudo tem que ser prova” e que tinham professores “que nem o nome *do caba* [sic] sabia”, entre outras respostas.

Alguns alunos responderam negativamente à possibilidade de articulação da Arte com a Língua Portuguesa, dizendo “que Arte era besteira” e que não gostavam de nada, estavam vindo para a escola porque eram obrigados. Observando isso, percebemos que há uma heterogeneidade nos discursos, porém isso era esperado, já que não há uma homogeneidade entre os tipos de inteligências, habilidades artísticas e linguísticas (vocabular). Consideramos que é preciso conhecer esses alunos de forma que a sensibilidade do professor, seja uma “*carta na manga*” para a quebra de preconceitos estabelecidos, típicos de alunos que “pertencem a galera do fundão”, atuando para que não sejam ceifados do cotidiano da sala de aula. Saber o nome de cada aluno é o primeiro passo no aprender a conhecer o outro.

⁷ **Brainstorming** significa **tempestade cerebral** ou **tempestade de ideias**. É uma expressão inglesa formada pela junção das palavras “*brain*”, que significa cérebro, intelecto e “*storm*”, que significa tempestade.

Tomamos aqui as referências de Antunes (2014) sobre a importância de sair da centralização do ensinar para a centralização no aprender, o que nos leva fatalmente a perceber os alunos em sua singularidade que se reforça na percepção de que há inteligências múltiplas responsáveis pela heterogeneização da participação discente em sala de aula, ao mesmo tempo em que encontramos elementos para nos certificar que a passividade do aluno se opõe à sua aprendizagem e no que diz respeito à sala de aula, “é preciso valorizar métodos centralizados nos interesses e nas necessidades físicas, cognitivas, emocionais e sociais dos alunos” (ANTUNES, 2014, p. 20).

Diante do exposto, percebeu-se que os alunos foram receptivos quando indagados e que, mesmo não querendo ler de forma tradicional nas aulas de Português para não se esporem perante a turma, de forma espontânea, se prontificaram a fazer isto, para dizer como se sentem e como gostariam de participar da aprendizagem, já que serão os protagonistas da ação.

As percepções que tivemos neste primeiro momento foram tão inspiradoras quanto às palavras de Tolstoi (1951, p.65):

É nessa capacidade dos homens para se deixarem contagiar pelos sentimentos dos outros homens que se baseia a atividade da arte. Os sentimentos, dos mais variados, muito fortes e muito fracos, muito significativos e muito insignificantes, muito maus e muito bons só constituem o objeto da arte se contagiam o leitor, o ouvinte, o espectador.

5.3 Caminhos da ação pedagógica

Neste tópico, desenvolvemos uma contextualização sobre a trajetória percorrida por nós sob a forma de relato de experiências e trajetória docente, norteando e delineando os caminhos trilhados para chegar à proposta apresentada.

Sempre gostamos da criação, de descortinar a imaginação de um mundo fantástico, onde as cores, os tons, as brincadeiras de roda e tudo que envolvesse: dança, música, figurinos, teatro, pintura e qualquer coisa que se relacionasse às linguagens das artes. Participamos de quadrilhas, desfiles cívicos, e realizamos programas infantis quando crianças. Contudo, ao nos depararmos com uma situação que envolvesse a leitura, travávamos. Encontramos então na linguagem cênica, uma forma de desbloquear a deficiência linguística da época. Ainda no Magistério, “gostávamos de viver no limite”. Compreendemos, pelos caminhos trilhados, porque

a criatividade vem assim, que não se elabora criatividade: ela surge sem aviso - é como um passe de mágica.

Iniciamos na prática docente em salas de alfabetização sentindo prazer ao ver uma criança descobrir um mundo além de massinhas e brinquedos, o mundo fantástico das histórias, principalmente as fábulas, e quando começamos a contar as historinhas para os alunos pequenos, percebemos que era possível ensinar brincando. Começamos então a trabalhar com a linguagem visual por meio de: desenhos, capinhas dos cadernos todas caprichadas, pinturas e recortes coloridos. Quando em sala de aula, contávamos histórias para as crianças, verificamos que estas aprendiam muito mais quando a professora gesticulava e percebe-se, como o aporte da expressividade e a leitura teatralizada eram indispensáveis para a compreensão de pequenos textos.

Um episódio marcante comprovou tal afirmação: uma aluna da Educação Infantil, ainda em processo de alfabetização, contando uma história com o livro nas mãos - dando as ênfases necessárias enquanto todos os coleguinhas prestavam atenção – fomos surpreendidos ao ver que a aluna estava imitando sua professora e que a imitação faz parte do aprendizado e que seria mais fácil ensinar desta forma, descobrimos ser essa uma das melhores maneiras de transmitir conhecimentos e fazer o aluno aprender mais facilmente do que com atividades costumeiras da sala de aula.

Nos anos 90, na faculdade, nossa professora de Literatura serviu como fonte de inspiração, quando falava de Mário de Andrade (1894 - 1945) “O papa do Modernismo” e todos (adultos) riam e prestavam ainda mais atenção, quando ela subia numa mesa e começava a declamar os poemas de Florbela Espanca (1894 – 1930), de Carlos Drummond (1902 – 1987), de Vinícius de Moraes (1913 – 1980), dentre outros tão inspiradores. O despertar para aquele aprendizado estava sendo motivado porque envolvia uma linguagem artística, inovadora.

Atualmente, residimos na cidade de Petrolina-PE, e atuamos na Rede Estadual de Ensino em Juazeiro-BA, fazendo parte do corpo efetivo exercendo (há 14 anos) a função docente no Ensino Fundamental II – 6º e 9º anos, ministrando as disciplinas de Língua Portuguesa e Arte, respectivamente. Atuamos de forma comprometida, procurando inovar a prática em sala de aula e abraçando as oportunidades por meio do PROFLETRAS como uma luz para desenvolver a

qualidade do nosso trabalho, aprendendo sempre com os incentivos e as orientações dos mestres.

No exercício da função, percebendo as dificuldades dos alunos no tocante a leitura e a escrita, constatamos que uma base seria fundamental no desenvolvimento do ensino-aprendizagem. Em um trabalho voltado ao imbricamento de gêneros textuais às linguagens artísticas, comprovamos as dificuldades previamente encontradas.



Figura 7: Aula de Gramática, variação e ensino - UFCG

De posse destes dados e com a colaboração da instituição, promovemos na prática a inserção da arte em oficinas de Letramento, Teatro, Dança, Música, e Artes Visuais as quais foram propostas para os alunos em horários alternativos. Pelos resultados obtidos, ficou patente que é possível fazer um trabalho interdisciplinar, pois a interação com os sujeitos da pesquisa comprovou que a assimilação de conhecimentos se dá de forma dinâmica, usando a interface artística na didática da língua materna.

Essa capacidade poderá transpor os muros da escola porque o aluno precisa se sentir parte do todo no qual ele é protagonista. Pretende-se torná-lo consciente que a nossa prática, mesmo estando mais voltada para a oralidade do que para a escrita, fluirá também, através das suas ramificações com as linguagens do teatro, da dança, das artes visuais e da música, pois só a arte pela dinâmica que ela traz, dá essa profundidade de assimilação. Assim, a intimidade com a arte se confunde com o nosso exercício laboral e profissional, pois “deliciar-se com a arte da palavra interpretada é um refúgio profético que justifica a nossa proposta”.

5.4 Práticas que educam

A metodologia aplicada é mais uma reflexão possível a partir do que já existe e foi dividida em etapas: a primeira partiu do processo de observação de grupos de alunos das séries analisadas, considerando que só por meio de uma diagnose do

contexto inserido, se obtém os pontos básicos e estruturais do projeto. A análise minuciosa é fundamental e muito importante, visto que alguns estudiosos a tomam não apenas como uma estratégia no conjunto de investigação, mas como um método, para a compreensão da realidade analisada.

A segunda etapa aconteceu através da aplicação de atividades para analisar o nível de habilidades artísticas (teatro, dança, música e artes visuais), a bagagem vocabular e a capacidade artístico-comunicativa intrínsecas dos alunos, tendo em vista que, a maioria desses, detém várias formas de preconceitos e dificuldades de expressar suas opiniões. Esse fator justifica a não participação em determinadas atividades artísticas em grupo, ou seja: até uma simples leitura pode ser um suplício para um *aluno que não* desenvolveu a capacidade de compreender o que leu e expressar isso com suas próprias palavras. Com essas atividades, verificamos em que nível de aprendizagem, maturidade vocabular e em que grau de leitura cada aluno encontra-se. E, ao se observar pontualmente algumas dessas dificuldades, resquícios de uma alfabetização com falhas, se faz necessário utilizar outras variáveis que possam quebrar essa letargia.

A seguir apresentamos a descrição das etapas de produção de desenvolvimento das ações que contemplam o escopo empírico deste trabalho:

5.4.1 Etapa I - Diagnóstico e análise das competências e habilidades linguísticas

Através do processo de observação dos grupos de alunos das séries estudadas, foram constatadas as dificuldades no tocante à leitura e escrita e em especial, nas relações interpessoais relatadas pelos discentes, que dificultam a afinidade dos mesmos com a disciplina. Outro ponto em análise foi a cobrança de forma inibidora e coercitiva, que inviabiliza a aprendizagem daquilo que é feito por obrigação. Ao inovar as práticas pedagógicas até então isoladas e (iguais), esperamos mais eficiência e eficácia na aprendizagem.

Durante as aulas, percebemos em nossa atuação na disciplina de Arte, que os recursos desse campo poderiam ajudar os alunos na disciplina de Língua Portuguesa, principalmente na questão da oralidade, ao se utilizar as linguagens artísticas como suporte lúdico – didático para o desenvolvimento da língua materna como meio transformador. Comprovadamente, torna a aprendizagem prazerosa e lúdica e ajuda a aprimorar a habilidade oral e escrita, em alunos que não “gostam de

ler”, ainda mais se a leitura for transmutada, pois a essência está presente em todas as suas formas de expressão. Basta um olhar sensível do professor, para definir como fazer isso acontecer de uma forma prática. Nesse contexto, a professora elenca as insatisfações dos alunos e, com base nessas informações, são produzidas atividades com o intuito de desenvolver competências e habilidades lingüísticas, para que essas possam ser ampliadas e utilizadas plenamente em diferentes práticas sociais e culturais. Pelo fato da arte ser um elemento facilitador da leitura em sala de aula, esta passa a ser prazerosa e descontraída. Isso constrói um movimento de contínua relação entre passado, presente e futuro, fruto dos efeitos do teatro, da dança, da música e das artes visuais.

Para isso, nas aulas de Arte você perceberá que teoria e prática caminharão juntas, pois o objetivo de seu estudo não se restringe ao domínio dos fazeres artísticos, mas também da compreensão dos conteúdos necessários à sua apreciação e expressão (PORCHER, 1982, p. 22).

5.4.2 Etapa II – Construção das práticas das linguagens e a descoberta das habilidades.

a) Linguagem do Teatro



Figura 8: Aula mediada visita ao teatro

Após realizada a diagnose, identificamos as turmas em que a maioria dos alunos não gostam de ler ou não participam de atividades formais. É dirigindo-se a esse público que se delinea o foco e a primeira investida: a Linguagem do Teatro.

No primeiro momento a ideia foi explicar sobre: o conceito de artes cênicas, as origens do teatro, os estilos teatrais, os profissionais que trabalham durante os

espetáculos (dentro e fora de cena), as diferentes estruturas arquitetônicas dos teatros, entre elas a arena, italiano e elisabetano.

No segundo momento e como primeira atividade lúdica para as turmas, marcamos uma visita ao teatro, em um sábado letivo, para assistir ao espetáculo intitulado “A REVOLTA DOS BRINQUEDOS, que estava em cartaz no teatro do SESC da cidade vizinha, Petrolina. Antes de iniciar o trajeto, a professora assumiu a função de guia orientando um pouco mais sobre o que estava por vir e distribui um questionário previamente elaborado referente ao espetáculo e que aborda questões, tais como: Quais os personagens? Com qual personagem você se identificou? O que é sonoplastia? A visita ao teatro trouxe que conhecimento para você? O conhecimento adquirido no teatro servirá para a vida? Esse questionário deverá ser discutido nas aulas posteriores.

“A REVOLTA DOS BRINQUEDOS” de Pedro Veiga (1949) e Pernambuco de Oliveira (1949) é uma peça infantil de ação ágil e inteligente, que dosa humor leve e irônico com preciosos ensinamentos de *bondade, amizade e justiça*. É a história de uma menina malcriada que maltrata seus brinquedos, quebrando-os. Um dia eles ganham vida e decidem dar um castigo a ela, pois sofreram demais com sua tirania. Entretanto, com a chegada da fada do bem mostrando que o perdão é uma forma de transformação, a menina acaba se conscientizando das suas maldades e arrependendo-se dos seus erros, sendo assim perdoada por seus brinquedos.

Ao final do espetáculo percebemos que para muitos, essa linguagem era nova e bonita e para outros era conhecida, pois já tinham assistido a outras peças teatrais devido ao poder aquisitivo diferenciado que os permitia desfrutar desse tipo de entretenimento.

Na aula seguinte de Língua Portuguesa o questionário foi retomado para discussão coletiva e também foram feitas outras perguntas mais voltadas à interpretação, tais como: personagens, enredo, elenco, música, fala, texto e contexto e o que eles compreenderam, ou seja, foi estruturado todo um repertório que instigou os alunos a falarem oralmente sobre o que assistiram. Ainda na aula a turma foi dividida em 5 (cinco) grupos os quais receberam textos de fábulas de La Fontaine (1692) que versam sobre temas que transmitem virtudes ou defeitos para posteriormente serem ensaiados e apresentados como “esquetes teatrais” nas aulas de Artes.

Durante as aulas de Arte os textos foram aprimorados e ensaiados objetivando desenvolver a oralidade. No contexto da produção artística, houve maior envolvimento dos alunos. Para o encerramento das atividades foi realizada as apresentações dos esquetes teatrais para a turma.

Percebemos que as duas disciplinas trabalharam de forma interdisciplinar e comungaram sobre um mesmo ponto - a linguagem da comunicação. Quando as professoras sugeriram uma atividade em que se produzissem peças ou dramatizações, os alunos puderam se articular e se estimularam em fazer leituras experimentando diversos textos, não só de peças teatrais, mas outras narrativas. O importante foi observar os resultados positivos ao longo dessas aulas, como por exemplo: a evolução vocabular (palavras desconhecidas que começaram a fazer parte das conversas nas aulas) e o desenvolvimento da oralidade entre os alunos.

b) Linguagem da Dança



Figura 9: Aula expositiva mediada linguagem da dança

O trabalhar com o texto na dança é um grande aprendizado, visto que a história da dança, também é história de espaços cênicos onde a escola representa o maior deles. Com isso, os trabalhos foram iniciados quando a professora de Língua Portuguesa levou para a sala de aula, letras de músicas como: O Canto das Três Raças composta por Mauro Duarte e Paulo César Pinheiro interpretada por Clara Nunes e Monte Castelo de Renato Russo a fim de trabalhar a interpretação e a oralidade com os alunos. Esses textos/músicas abordam temáticas sociais e sentimentais respectivamente. A proposta fez amadurecer as questões de gêneros

textuais que se transmutam, fazendo um paralelo com as linguagens da arte através da dança.

Com base nisso, a professora de Arte fez uma proposta à turma e perguntou quem gostaria de participar do DANCE⁸. Alguns alunos propuseram-se a participar do projeto e assim, começaram os ensaios para a montagem do espetáculo em turno oposto utilizando-se das músicas trabalhadas nas aulas de Língua Portuguesa.

Nos primeiros ensaios a professora refez a leitura das letras das músicas Monte Castelo e O Canto das Três Raças lançando novas discussões como: os ritmos que existem em nosso país, qual a importância de se trabalhar a multiculturalidade dos ritmos, bem como incorporar outros gêneros musicais pouco vivenciados pelos alunos, a exemplo da música clássica. Partindo-se dessas duas vertentes decidiu-se montar dois espetáculos utilizando a linguagem da dança com as características peculiares de cada música.

Nos ensaios subsequentes foi feita a escolha de outras músicas que seriam acrescentadas e formariam os *pout pourri* para a trilha musical dos espetáculos de dança. Nesses também foram ensinadas as técnicas das expressões corporais e faciais, explicando e exemplificando que o corpo fala - que nós somos seres linguísticos e temos a capacidade de nos comunicar de diversas formas (exemplo: cegos, surdos, mudos). Os envolvidos mostraram através das expressões, o que entenderam sobre os textos. Após essa etapa, trabalhou-se a melodia das músicas e, nesse ínterim, foi pedido ao grupo que fizesse uma leitura coreográfica das mesmas. Dentre as várias técnicas utilizadas nos ensaios, a professora levou duas músicas internacionais de um grupo que não pertence a geração dos alunos e um samba, para que pudessem perceber o ritmo, a sonoridade e também a mensagem transmitida pelas músicas, fato que possibilitou ampliar o repertório musical fazendo-se uma releitura dos ritmos baianos. A partir daí começamos a montar as coreografias. O vocabulário específico da área foi trabalhado; como por exemplo: lateralidade, espaço, som, plano alto, plano baixo, confiança. Trabalhou-se a concepção de grupo, corroborando a utilização das técnicas de mediação e adequação da comunicação expressiva.

O *feedback* das aulas foi obtido pela observação da produção do grupo e do compromisso nos ensaios demonstrando um interesse gratuito de querer fazer o

⁸DANCE – Mostra de Dança Estudantil. Modalidade dos Projetos Estruturantes do Estado da Bahia.

melhor a cada trabalho, de se superarem. O mais emocionante nesse processo, foi ver a dedicação dos alunos dançando e se comunicando livremente. É importante ressaltar, que essas atividades propostas ao grupo, criaram até horários e espaços requisitados na escola para os ensaios.

A concepção das maquiagens e os figurinos foi elaborada após todo o processo coreográfico. Ainda aconteceram ensaios gerais na casa da professora para a gravação do material audiovisual que faria parte da inscrição nos projetos. Criou-se o nome para o grupo *BELART* e para os dois espetáculos produzidos: *Multiculturalidade Rítmica* baseada na música *Monte Castelo* e *NegraCor* em *O Canto das Três Raças* que ainda incorpora uma apresentação oral do poema de Victoria Santa Cruz – Negra.

O espetáculo *Multiculturalidade Rítmica* foi apresentado na Universidade Federal do Vale do São Francisco - UNIVASF e na Universidade Estadual da Bahia - UNEB e foi classificado para representar o Núcleo Regional de Educação - NRE-10 na final dos Projetos Estruturantes em Salvador. Já o espetáculo *NegraCor* foi apresentado na abertura dos jogos escolares, em encontros de formação de professores e em vários eventos na cidade de Juazeiro. Ambos foram também prestigiados pela própria comunidade escolar e levaram o nome do UE para além dos muros da escola.

Compreendemos com essa atividade que o espaço escolar precisa ser aberto para as possibilidades e que novas oportunidades devam ser abraçadas. Por fim, estudando a dança, sua história, a questão corporal e adquirindo autonomia para pesquisar, comprovamos que a dança é uma das artes mais antigas e sempre estará presente em todas as culturas. Assim, o aluno faz conexões entre conhecimentos ao adquirir a percepção desses espaços e os movimentos que os compõem (principalmente os da sala de aula), aprendendo muito mais sobre relações humanas, políticas e culturais, o presente e passado e nossa relação com a vida desde os tempos primitivos para, compreender o hoje e as influências folclóricas que formaram a nossa cultura.

c) Linguagem da Música

O trabalho com a linguagem musical foi instigador, pois foi por meio dessa atividade, que se estabeleceram relações mais íntimas com a turma. Inicialmente a professora de Arte utilizou o livro



Figura 10: Aula expositiva mediada linguagem da música

do aluno fazendo a leitura dos textos de referência teórica sobre música, origens da música e parâmetros de som (altura, intensidade, duração e timbre), respondendo os exercícios escritos e identificando o gosto musical dos alunos e suas influências, os alunos que tocam algum instrumento e aqueles que gostam de cantar. Mediante as respostas, outros questionamentos foram feitos sobre a música, sua importância, o que essa representa num processo de conhecimento, sobre as ideias que constituíram os saberes musicais desses alunos, passando inclusive pelo levantamento de suas referências musicais da infância. Para finalizar a atividade a professora solicitou que os alunos fizessem silêncio e fechassem os olhos por alguns instantes. Em seguida pediu que fizessem uma descrição oral dos sons ouvidos. Os mesmos perceberam que até mesmo no silêncio há som. A professora então explicou que grande parte da aprendizagem se dá por meio do ouvir e que essa é a forma mais primitiva de se conceber conhecimento.

No segundo momento a professora convidou estudantes de música do Instituto Federal de Pernambucano – IF Sertão para uma parceria, levando assim a comunidade artística para dentro dos muros da escola, fazendo uma ponte de conhecimento holístico sobre a linguagem musical. Então, tanto a professora quanto os estudantes do Instituto Federal de Pernambuco - IF realizaram exercícios teóricos e práticos com a turma, tais como: técnicas de respiração, identificação da mão como uma partitura, as travas-línguas, apresentação e manuseio dos instrumentos de percussão e sopro, dentre outros. Dessa forma procurou-se aumentar o

repertório vocabular musical dos alunos, conhecer os símbolos que representam as notas musicas, fazendo um paralelo com os símbolos gráficos da nossa escrita (o alfabeto), e ainda perceber que a comunicação para ser efetiva precisa de um emissor, um receptor e um canal por meio do qual se processe a ação comunicativa. De forma pragmática dando continuidade aos exercícios foi utilizada a música de Chico Buarque (1977) “Minha canção”, identificando por meio da leitura da música, os tons e as notas musicas, exemplificando os elementos como: timbre, intensidade, altura e duração. Com isso trabalhou-se a percepção cognitiva na leitura do ouvir, a escrita significativa fundamentada na percepção sonora do espaço, bem como a leitura interpretativa da música.

Após essa sequência, dividiu-se a turma em grupos de vozes femininas e masculinas para que simulasse um coral com a utilização da música “Minha Canção” que tinha como objetivo: apropriar-se do texto lido, recriando-o, e transmutando-o em uma nova linguagem - musical.

Essa atividade foi reproduzida com os alunos dos 6º anos e com eles foi montado o coral do colégio. Esse mesmo coral foi inscrito em outro Projeto Estruturante “ENCANTE”⁹ e participou da regional do Núcleo Regional de Educação da Bahia – NRE-10, em novembro de 2016, logrando o 4º lugar.

Essas atividades implicaram num fator além do conhecimento dos gêneros textuais e suas nuances, mas o desenvolvimento das habilidades ora desconhecidas. A arte é apresentada na forma de comunicação mais conhecida: a música. As propostas desenvolveram nos alunos novas habilidades para que eles entendessem a complexidade que a arte exige para se produzir obras renomadas a partir de um texto: melodia, harmonia, ritmo, compasso, tempo etc. Com esse estímulo, os alunos passaram a assimilar mais facilmente essas referências de cunho sensível e que em última instância os levaram a perceber que o conhecimento do e sobre o mundo pode ser acessado de diferentes formas, não apenas a partir de um contexto de passividade e sim de atuação como expectador da própria aprendizagem.

A ideia também foi estimular suas funções cognitivas a partir de conexões que implicam numa aprendizagem significativa, caracterizada pela possibilidade real de articulação entre saberes que eles trazem de sua própria história pessoal e os

⁹ ENCANTE – Encontro de Canto Coral. Modalidade dos Projetos Estruturantes do Estado da Bahia.

conteúdos da escola, aguçando outras conexões para: ouvir de forma ativa e compreender o que se está ouvindo; falar de forma não automática, escutando e sentindo a própria fala; desenvolver a linguagem em todos os seus aspectos psicomotor, cognitivo, afetivo e com senso de coletividade

d) Linguagem Visuais /Plásticas



Figura 11: Aula expositiva mediada linguagem visual

A linguagem visual/plástica focada na pintura e na escultura como meio de comunicação tem potencial de promover no aluno capacidades interpretativas de ideias representadas artisticamente ou por normas no convívio social.

Nas aulas de Língua Portuguesa a professora levou para a sala de aula conceitos sobre as esculturas e pinturas produzidas durante o período das Vanguardas e na Semana de Arte Moderna, explanando sobre a importância das artes no momento sociocultural de 1922 em nosso país. Em paralelo, a professora de Arte solicitou aos alunos uma pesquisa de campo com a produção de vídeos – utilizando a linguagem audiovisual – sobre as esculturas existentes nas praças da cidade de Juazeiro-BA, com intuito de conhecer as obras locais e os seus respectivos autores. Posteriormente foi feita a apresentação dos vídeos produzidos pelos alunos com debates na sala de aula. Importantes resultados foram auferidos com essa atividade extraclasse no âmbito da linguística e escrita dos participantes, como relatório da experiência dos alunos na atividade, cobrada em aula posterior de Língua Portuguesa.

Essa atividade procurou mostrar que as formas mais primitivas de comunicação são as pinturas e as esculturas que antecederam a escrita e que representam a identidade cultural de um povo.

Partindo do exposto as professoras de Língua Portuguesa e Arte em um processo interdisciplinar discutiram com os alunos do 9º ano sobre a realização de oficinas artísticas de pintura e escultura. Os mesmos abraçaram a proposta e se dispuseram a participar de todas as etapas. Foi pedido ainda que trouxessem no dia da oficina materiais para confecção de telas e máscaras.

Sabendo que o trabalho com essa linguagem desenvolve a coordenação motora, as atividades trabalhadas foram direcionadas para a pintura e a plástica, pois ambas focam o senso lógico da percepção global.

Antes do início das oficinas idealizamos a montagem do cenário: nas paredes do colégio foram afixados painéis ilustrativos contendo o tema das oficinas: *AS MÃOS*¹⁰; na sala de aula foram dispostos nas paredes, quadros com obras clássicas de autores renomados como Leonardo da Vinci (1497) e Gustav Klimt (1907) para observação e leitura interpretativa dos alunos, bem como, também foram expostos figurinos, adereços e portfólios confeccionados manualmente com intuito de estimular a criatividade na produção plástica.

A fim de sensibilizar a turma para o início dos trabalhos foi pedido aos alunos que cantassem a música “Aquarela” de Toquinho, a qual já havia sido trabalhada de forma interpretativa em aulas anteriores. Para isso utilizaram o livro didático no acompanhamento da letra da música.

Em seguida foi realizada pelos alunos a visitação do espaço c enico com leitura das imagens fixadas nas paredes da sala de aula e observa o cuidadosa dos materiais expostos, bem como a est tica, as texturas, as cores, as formas, os objetos e os materiais empregados na confec o dos mesmos.

Após a visita o fez-se a dinâmica “O ACORDAR DAS MÃOS” e a entrega de envelopes com indica o para a forma o de grupos. A dinâmica justifica-se pela intencionalidade e subjetividade do conhecer/fazer através das mãos.

Com a montagem dos grupos foram entregues pastas contendo um roteiro escrito: o texto instrucional para confec o das telas e das máscaras e um questionário para interpreta o oral sobre o exposto. Para a interpreta o oral foi utilizada uma dinâmica em que um grupo realizava a pergunta para que o outro respondesse.

¹⁰ As Mãos – Tema atribuído ao produto audiovisual - DVD-Linguartculando.

Concluída a etapa anterior, a professora, seguindo as orientações do texto instrucional previamente entregue aos alunos, exemplificou a maneira como se deveria confeccionar as telas e quais materiais seriam utilizados.

Os alunos então iniciaram a confecção das telas utilizando as mãos com objetivo de forma uma flor em que cada mão representaria uma pétala. O desenho escolhido justifica-se pela simbologia do nascer. Posteriormente foi feita a exposição das telas na própria sala de aula compondo o cenário.

Em seguida a professora fez uma breve explanação sobre escultura/máscara como elemento cênico e os tipos de materiais que seriam utilizados na construção das mesmas.

Os alunos confeccionaram as máscaras conforme o texto instrucional e utilizaram da criatividade para os adornos e a decoração. Logo após, foi feita a exposição das máscaras formando uma galeria junto com as telas já expostas.

As oficinas propostas tiveram como objetivo problematizar o conceito de arte e seus diferentes significados e funções em culturas de épocas diversas propondo uma reflexão sobre a presença da arte no cotidiano do aluno. Apresentou as linguagens artísticas e suas características específicas dentro da pintura e escultura desenvolvendo assim a atenção, concentração, habilidades motoras e interpretativas, bem como o produzir colaborativamente no fazer com as mãos.

6 AS LINGUAGENS ARTÍSTICAS NO COTIDIANO ESCOLAR

Dentre todas as áreas do conhecimento, compreendemos que a Arte como disciplina é a mais plural, pois permeia e perpassa nos campos da História, da Geografia, da Ciência, da Matemática, da Língua Portuguesa, da Filosofia, da Sociologia, da Educação Física e tantos outros conhecimentos que não estão no currículo escolar. Como linguagem, dialoga com outros conhecimentos, inclusive consigo mesma, considerando suas diversas formas de expressão. Articulando-se com outras disciplinas da grade curricular poderá fazer transformações significativas nas seguintes áreas:

1 – Em Educação Física, a Dança melhora a capacidade de coordenação motora fixando sincronismo entre mente e corpo – relevante para futuros profissionais do esporte, pilotos, operadores de máquinas etc.;

2 – Na Matemática e na Física, a arte plástica desenvolve a capacidade do raciocínio em três dimensões e será útil para futuros arquitetos, projetistas e afins;

3 – Com a Prática da Pintura, o aluno se adentrará com mais facilidade nas áreas da química e suas variáveis e fixará conceitos básicos quando possível profissional na indústria de forma geral;

4 – O Teatro, a Música e o Canto, darão ao aprendente, oportunidades de fixar com prazer, a História e a Geografia, ao despertar sua acuidade no falar português. Isso o direcionará sem dúvida, para o saber ler, escrever e falar corretamente a sua língua materna e assim, ser um bom profissional em qualquer área do conhecimento humano.

Considerando as possíveis articulações entre a arte e outras disciplinas, a primeira questão a ser discutida diz respeito ao que vem a ser interdisciplinaridade. Segundo Fazenda (1993, p. 41), interdisciplinaridade “é o ponto de encontro entre o movimento de renovação de atitude aos problemas de ensino e pesquisa e a aceleração do conhecimento científico”. Partindo desse pressuposto e considerando o enfoque que estabelecemos neste trabalho em relação à atuação do professor na promoção da aprendizagem de seus alunos, esta conceituação de partida é oportuna na medida em que suscita a dimensão de ruptura com o isolamento da abordagem disciplinar e convida para o movimento de renovação de atitude. Para Silva (2008, p. 5),

O espaço onde se realiza a renovação dos quadros e a aceleração do conhecimento é no intercâmbio pedagógico. Na compreensão do espaço desse intercâmbio, só será possível ocorrer a interdisciplinaridade se realmente sua prática evidenciar-se através de uma troca conjunta entre as pessoas e as áreas do conhecimento para obterem melhores resultados no ensino e na pesquisa, na formação de profissionais mais competentes e mais humanos, capazes de compreenderem melhor a si mesmos e aos outros, a ponto de perceber e transformar o mundo em que vivem. Para existir interdisciplinaridade é preciso que ocorra uma ação mútua e de troca entre as diversas áreas do conhecimento.

É preciso tornar palpável, a essência do que é interdisciplinar para se poder compreender em que contexto a Arte irá interagir conjuntamente com as diversas áreas da linguagem nativa e quais serão as contribuições da mesma para começar a se pensar na construção de um conhecimento global, plural e interdisciplinar. Um ponto importante é que não existe uma definição única para interdisciplinaridade. Ela nasce das atitudes das pessoas frente às questões do conhecimento, e são estes valores arraigados que transformam as atitudes em fazeres, ou seja, começa com os sujeitos envolvidos na educação.

O currículo não se produz e nem conduz a nada isoladamente: temos que levar em conta os sujeitos que constroem e que ministram as disciplinas, as quais, não devem ser pensadas de forma isolada, pelo contrário: alunos, professores, gestores, coordenação pedagógica, todos precisam estar envolvidos no processo educacional com o objetivo único e explícito, pois, sem encontro, não há interdisciplinaridade. A escola precisa de diálogo porque quase tudo hoje está fragmentado, esfacelado ou estratificado e por isso, este movimento exige a necessidade de aprender a nos conhecermos enquanto docentes, aprender a conhecer os papéis que desempenhamos e a conviver com os outros e aí reside o “compartilhar”, implicando que qualquer pequeno conhecimento com o outro adquirido, será como eco que reverbera dos espaços isolados de cada sala de aula.

Assim, os questionamentos abrem caminhos em busca de se construir uma ação afetiva, dentro e fora da sala de aula. Num movimento onde se agreguem vários campos do conhecimento às linguagens artísticas. Nesse sincronismo, se advém à maleabilidade de permear, unir e penetrar de forma lúdica em diversas disciplinas para se obter melhores resultados, por meio do trabalho colaborativo surge as habilidades até então aflorada, pois, às vezes é do inusitado, do espontâneo e disruptivo que nasce a arte.

A proposta aqui se delinea no que Heckhausen (apud FAZENDA, 1993), chama de interdisciplinaridade auxiliar caracterizada por uma atuação disciplinar com uso de outra para ministrar os seus conteúdos.

É importante analisar quais linguagens artísticas se comungam e se complementam para integrar atividades em que emane o desenvolvimento cognitivo, psicomotor e afetivo das linguagens comunicativas.

Mas por onde começar? É o que muitos professores se perguntam. Sabemos que o caminho é longo e as mudanças necessárias para se trabalhar linguagens artísticas no espaço escolar são complexas por inúmeros fatores. No entanto, desde o advento dos PCN (1998) o texto é um suporte para os professores que ministram suas aulas, porém precisam ser lidos, relidos e discutidos.

6.1 Trabalhando com a prática é que se estimula o desenvolvimento das habilidades

O título acima nos direciona à descoberta das habilidades. E como praticá-la? É possível? Sim, mas para isso o professor precisa conhecer minimamente as técnicas para que a conexão estabelecida entre conteúdos disciplinares ganhe um sentido e se transforme em conhecimento prático. Assim, iniciaremos com um breve comentário sobre as linguagens vivenciadas no âmbito escolar respaldado no aporte teórico de Louis Porcher (1982) demonstrando que ensinar uma técnica é aliá-la a sensibilidade e o resultado será a práxis.

6.1.1 Dança – a importância dessa linguagem na vida e na escola

Quais são os tipos de dança vivenciados na escola? Essa é uma pergunta que precisa ser feita. Não podemos é cruzar os braços e achar que esta linguagem não educa e nem transforma o contexto social para aquele que faz. Só como exemplo, a Rússia não aparece quase no cenário das grandes conquistas tecnológicas, no entanto admiram, executam e respeitam o Balé Bolshoi.

Porcher (1982, p, 161) afirma que a dança é, antes de tudo, uma expressão. O autor descreve dança em três tópicos: A dança na vida, a dança na arte e a dança como meio de educação. A dança é uma das três principais artes cênicas da Antiguidade, ao lado do teatro e da música. Mesmo antes de nascer, já somos sensíveis aos ritmos, aos sons ritmados da música. A criança vai crescendo e adaptando seus movimentos através dos ritmos que a conduzem a andar. Nessa

evolução são criados os estilos. A dança é também um fato social e enquanto fato social, ela reflete os desejos, as alegrias, as esperanças, os receios e as adorações de um grupo dentro de uma determinada época ou de um determinado período dessa época sendo, portanto, uma linguagem corpórea cheia de significados e sentimentos.

Como base nisso, há várias indagações dentre elas... Quem nunca dançou? Todos têm uma noção de ritmo, que pode ser traduzida através de gestos, movimentos ou deslocamentos no espaço. Existe, pois, no trabalho rítmico, uma abordagem vivenciada do contínuo espacial-temporal e ao se preparar a sua própria seleção de ritmos para utilização na escola, onde deve estar atento para a qualidade dos sons, da sua variedade e da sua riqueza poética.

A dança como meio de educação não deve formar exibicionistas, nem esses rígidos arquétipos, pretensiosos e ridículos, cuja leveza seja uma manifestação, mas é também, expressar alguma coisa que o engaje totalmente. Porém, é necessário um trabalho metódico, minucioso, contínuo. É preciso sem dúvida começar um processo empírico consciente a caminho de numerosos achados que os elementos desta linguagem nos trazem.

A dança é uma matéria de coesão e harmonia, é um fenômeno social, ocasião de encontro entre seres humanos. A dança oferece a possibilidade de levar crianças e jovens na escola a possibilidades que convergem para uma criação coletiva onde cada uma delas encontra margem para expressar-se.

Segundo Porcher (1982, p.164), a dança atual dispõe de um vocabulário corporal rico, violento, dinâmico, inspirado pela vida atual no seu aspecto mais efervescente e mais contraditório. Para o autor, a dança faz parte da vida como elemento cultural e está historicamente, inserida no folclore e nas manifestações populares do contexto social.

Tudo aquilo que é trazido por uma determinada época no desfecho da dialética entre aquilo que fecunda e aquilo que é fecundado necessidade de consumir características claramente positivas; ela contesta um tipo de relação à dança moderna liberou o corpo ao utilizar não apenas as pernas, mas também os braços, o tórax, os ombros, os quadris e a cabeça. (PORCHER, 1982, p.165).

O autor ainda nos mostra a importância da dança em outras vertentes que são vivenciadas no plano respiratório, psíquico e técnico, este último ao dimensionar vivências entre movimento e tempo, entre espaço e ritmo, sobre a geometria e a

mecânica corporal, abrindo novos caminhos para as possibilidades de expressão do corpo humano. O peso do corpo, a inteligência, a sensibilidade ou a imaginação, vão motivar atitudes, ou seja, comportamentos novos que estarão impregnados da estética escolhida e terão suas próprias características.

6.1.2 Musica – A linguagem que transpõe os muros da escola

Conhecer e compreender a música como uma produção cultural supõe também a criação de contextos significativos para a conversa sobre os conceitos e a história da linguagem musical – nas diferentes culturas, no decorrer do tempo – e sobre seus produtores – compositor, intérprete (instrumentalista ou cantor), maestro disc-jóquei, etc., muitos deles habitantes do universo da criança. Assim, a estrutura da linguagem musical e seus elementos constitutivos (sinais e signos sonoros, modos, melodias, ritmos, tonalidades, séries), oferece a possibilidade de ler e produzir formas sonoras presentes no universo da criança desde a sua concepção. Começam com as batidas ritmadas do coração da mamãe que é música de acalento para o bebê, a respiração e a voz e o que todos esses sons irão fazer para a sua formação quando em situações diversas deles precisarem, pois, esses sons guardados aparecerão de forma instintiva para se adaptarem à nova forma de sentir e ouvir a linguagem. Portanto, música é uma das linguagens que permite a comunicabilidade e estabelece o diálogo consigo mesmo e com o outro.

O modo de ser da linguagem musical tem como matérias-primas sons e silêncios articulados em pensamentos musicais. Porcher (1982) delinea a relações que a música tem com as pessoas da seguinte forma quanto à música de consumo:

Professores apenas tolerados pelos alunos e pelos outros docentes no ensino secundário, alunos feitos à imagem de seus pais. O que pode fazer a escola, o que pode fazer a educação musical diante dessa situação? Os professores são também, do mesmo modo como os seus alunos, consumidores, igualmente submetidos às sugestões da mídia. Eis porque, em matéria das artes como nas outras, a mediocridade é um fenômeno global, a educação escolar é não só efeito, mas também causa da incultura social.

Face ao panorama descrito no texto, consideramos que música pode ser trazida para a escola como um recurso facilitador que dialoga com o seu tempo e com o seu papel na sociedade, pois cada geração tem a sua história musical que direciona a posição social na qual está inserida. A música como consumo, sobrevive pouco tempo, mas a música de "boa qualidade" nos direciona a uma transcendência do senso comum para o senso crítico. E é no espaço da escola que a vivência da

música pode se dar de uma forma que rompe com a indústria cultural de massas, ou ajuda a entender o papel da indústria cultural, na produção dos nossos gostos e nas nossas definições de consumo. Ainda nesse contexto, Porcher (1982, p 68) relata sobre um consenso antimusical: Do tipo “a música não serve pra nada”. Estas são restrições mentais que traduzem uma imagem estreitamente elitizada e superficial da cultura, privilegiando apenas, e por ignorância, a cultura verbal, aquela que se presta à explicação de textos, ao comentário de ideias, e “parece” ser a única a possuir uma afinidade de origem com a inteligência.

Segundo Merriam (1964, apud HUMMES, 2004, p. 18-19) há categorias principais que caracterizam as funções sociais da música, entre elas destacamos aquelas que atuam, no nosso entendimento, como importantes coadjuvantes na cena escolar:

Função de expressão emocional: relacionada a liberação dos sentimentos, das ideias reveladas ou não reveladas na fala das pessoas. Além de ser uma oportunidade de alívio, de resolução de conflitos, de manifestação da criatividade. [...]

Função de comunicação: refere-se ao fato de a música comunicar algo, moldada nos termos da cultura da qual ela faz parte. [...] Nos textos musicais ela emprega, comunica informações diretamente àqueles que entendem a linguagem que está sendo expressa. [...]

Função de representação simbólica: a música funciona em todas as sociedades como símbolo de representação de outras coisas, ela pode cumprir essa função por suas letras, por emoções que sugerem ou pela fusão dos vários elementos que a compõem. [...]

Função de contribuição para a continuidade e estabilidade da cultura: se a música permite expressão emocional, ela fornece um prazer estético, diverte, comunica, obtém respostas físicas, conduz conformidade às normas sociais, valida instituições sociais e ritos religiosos, e é claro que também contribui para a continuidade e estabilidade da cultura. A música é, em um sentido, uma atividade de expressão de valores, um caminho por onde o coração de uma cultura é exposto sem muitos daqueles mecanismos protetores que cercam outras atividades culturais que dividem suas funções com a música. Como veículo da história, mito e lenda, ela aponta a continuidade da cultura; ao transmitir educação, ela controla os membros errantes da sociedade, dizendo o que é certo, contribuindo para a estabilidade da cultura. [...]

Função de contribuição para a integração da sociedade: de certa forma essa função também está contemplada no item anterior, pois, ao promover um ponto de solidariedade, ao redor do qual os membros da sociedade se congregam, a música funciona como integradora dessa sociedade. A música, então, fornece um ponto de convergência no qual os membros da sociedade se reúnem para participar de atividades que exigem cooperação e coordenação do grupo.

Apesar da importância dos elementos acima, há uma racionalização latente sobre o papel menos importante da música nas escolas e o discurso pedagógico está ameaçado de ter pouco peso quando se trata de convencer a opinião, em particular à dos educadores - de que a música é um inestimável benefício para a

formação, o desenvolvimento, o equilíbrio da personalidade da criança e do adolescente. Mais do que formar o ouvido, trata-se, com efeito, de permitir à criança a integração do seu esquema corporal, o domínio do gesto, a noção do movimento, a intercomunicação entre os espaços interior e exterior, a apropriação de si mesma e a sua adaptação ao que está a sua volta.

Para a escola é importante que se faça como na pedagogia de um idioma quando recomenda-se que se faça “falar e ler”, antes de abordar o estudo teórico das regras gramaticais. Assim também, é da realidade musical que deve sair a regra: “não se deve dar às crianças definições abstratas de termos musicais” antes de fazê-las cantar muito e de ter multiplicado as suas experiências musicais. Mais ainda: só lhes deve ser proporcionado o conhecimento dos símbolos gráficos da linguagem musical quando já tiverem adquirido uma prática suficiente dessa linguagem.

Portanto, o papel do pedagogo consistirá precisamente, em contribuir para que essa necessidade surja o mais precocemente possível, e de modo mais generalizado e duradouro e que essa aprendizagem seja feita o mais cedo possível, em contato direto com a própria música. É preciso sentir-se conquistado pelo poder dos sons antes mesmo de tomar consciência da existência de uma “vida nos sons”. Nesta vertente, a verdadeira pedagogia de formação musical, tem que ser precoce, como qualquer pedagogia fundamental.

É evidente que o caminho é longo e os percalços para se alcançar a qualidade educativa é difícil, principalmente ao nível do primeiro grau, por falta de formação dos professores, falta de animação pedagógica, de tempo, de recursos e, sobretudo, por falta de sensibilização para os problemas da pedagogia musical. Nada está sendo feito além da eterna repetição dos inevitáveis. Para uma eficiente pedagogia da atividade musical se exige tempo e sem dúvida, competência, criatividade, estímulo e uma atitude positiva do professor trabalhando a música como função gestual e corporal integradora (descoberta e domínio de si mesmo através de movimentos coordenados e controlados, particularmente batendo palmas).

6.1.3 Teatro – escola cenário oportuno para as expressões da linguagem teatral

A linguagem teatral, pelo seu modo de ser, faz brotar em crianças maiores e até em nós adultos, aquela antiga sensação das brincadeiras de quando éramos

pequenas - o faz-de-conta. O encantamento do faz-de-conta vira teatro e deixa-se conduzir com um novo significado, isto é, representar com parceiros, uma história fictícia para outros. Desse modo, as crianças maiores realizam um jogo que é o teatral caracterizado por certo jeito de jogar, de propor ou de organizar uma atuação que passa a ser coletiva com a intenção de interpretação teatral.

Nesse contexto, tornar sensível a criança aos signos da linguagem teatral é também criar contextos significativos para a conversa sobre conceitos e fatos da história do teatro, bem como sobre aqueles que exercem o ofício teatral, como o ator, o dramaturgo, o diretor, o encenador, o cenógrafo, o figurinista e tantos outros que mantêm viva essa magia. Para Porcher (1982, p.136) o teatro além de produzir entendimento intelectual, trabalha o conhecimento das expressões:

A expressão corporal: visa favorecer a lateralidade da criança no espaço, permitir-lhe um conhecimento melhor, para fins de expressão, desse instrumento maravilhoso que é o seu corpo, o seu esquema corporal, o controle desse instrumento, o aperfeiçoamento das suas possibilidades.

A expressão oral: O profundo interesse que os alunos revelam, numa aula bem conduzida, por uma leitura em voz alta, por um poema bem recitado, chega a ser impressionante. A palavra, mesmo sendo primordialmente um meio de comunicação e de expressão, assume também logo, para a criança, um aspecto inegavelmente estético.

Este ponto de partida consiste em criar um clima, um ambiente e circunstâncias, que permitirão que essa expressão se manifeste. Cabe ao professor orientar-se em qualquer processo que se inspire numa pedagogia do teatro ou que o inspire a entender para que fazer teatro e como fazê-lo. É preciso compreender que o teatro é mais que uma simples expressão dramática popular, ou seja, todo indivíduo, independentemente do seu nível de instrução e da camada social na qual se insere, já utilizou essa linguagem ao longo de sua vida.

Porcher (1982, p. 22) traz algumas noções para o foco do entendimento e afirma que é verdade que o teatro nunca foi tão lúcido como hoje, que a veemência e a gravidade das suas questões nunca foram mais essenciais.

Nada de colonialismo cultural: o que nós esperamos de vocês é que nos ajudem, mediante uma adequada contribuição metodológica, a reencontrar as nossas raízes culturais e a gerar deste modo, um teatro que seja inconfundivelmente nosso, que nos diga respeito, que nos questione verdadeiramente.

O que se pretende instigar é a maestria de se trabalhar com essa linguagem sociocultural tão abrangente. Mas, como o fazer-teatro dentro e fora do espaço escolar exige outros desdobramentos, precisamos saber que o professor deve

planejar voltado para uma metodologia global, um trabalho de formação lúdica, prazerosa e recheado de técnica, o que nos leva a pensar os seguintes elementos como necessários e fundadores da atuação com a linguagem teatral nas escolas:

1 - Apreender a estrutura da linguagem teatral nos seus elementos constitutivos, lendo e produzindo a ação dramática, o espaço cênico, a personagem, a relação palco-plateia.

2 - Atuar na ação improvisada utilizando-se de diferentes recursos cênicos – máscaras, figurinos, maquiagem, iluminação, sons, objetos, etc. – e textos de diferentes gêneros – dramáticos, narrativos, poéticos, jornalísticos, etc.

3 - Ressignificar o mundo e as coisas do mundo poetizando-os através do imaginário dramático.

Há inúmeras distorções em se fazer teatro na escola, por brincadeira, e não como atividades extracurriculares, ou fazer as “apresentaçõezinhas” como cumprimento do papel do professor. Aí, pergunta-se que papel?

Teatro é arte e como toda arte é uma linguagem e como toda linguagem, tem a função de comunicar e estabelecer mudanças, na revelação dessas alienações, desenferuja e desperta as necessidades do indivíduo. Desce à raiz dos desejos, libera todos os apetites profundos e indica as fontes em que eles podem ser saciados. Com técnica para atingir os objetivos: descontração, tomada de consciência de si mesmo, auto conhecimento, criação do espaço.

Além disso, teatro é uma linguagem artística em que um ator, ou conjunto de atores, interpretam uma história ou atividades, com auxílio de dramaturgos, diretores e técnicos, e têm como objetivos, apresentar situações que despertam sentimentos no público. O teatro é por si, instrumento de transformação e Boal (1999), exprime de maneira clara esse pensamento quando diz:

Creio que o teatro deve trazer felicidade, deve ajudar-nos a conhecermos melhor a nós mesmos e ao nosso tempo. O nosso desejo é o de melhor conhecer o mundo que habitamos, para que possamos transformá-lo da melhor maneira. O teatro é uma forma de conhecimento e deve ser também um meio de transformar a sociedade. Pode nos ajudar a construir o futuro, em vez de mansamente esperarmos por ele. (1999: p. 296).

Mesmo que se apresente como imitador da realidade, o teatro é uma linguagem que envolve diversas linguagens: plástica (cenários, figurinos, adereços, iluminação, imagem); sonora (ruídos, músicas, trilhas, voz do ator); verbal (texto,

letras de músicas e falas) e cinestésica (o corpo do ator e seus movimentos, gestos e ações no espaço-tempo). E a palavra declamada é apenas o início do processo.

Todo mundo atua, age, interpreta. Somos todos atores. Até mesmo os atores! Teatro é algo que existe dentro de cada ser humano, e pode ser praticado na solidão de um elevador, em frente a um espelho, no Maracanã ou em praça pública para milhares de espectadores. Em qualquer lugar... até mesmo dentro dos teatros. (BOAL, 2012, p. 9).

6.1.4 Artes visuais/plásticas – As paredes da escola são painéis para várias tintas e vários pincéis repletos de mãos.

As áreas que normalmente lidam com a visão como meio principal de apreciação; costumam ser chamadas de Artes Visuais. Consideram-se artes visuais as seguintes: pintura, desenho, gravura, fotografia e cinema. Além dessas, são consideradas ainda como artes visuais: a escultura, a instalação, a arquitetura, a novela, o web design, a moda, a decoração e o paisagismo.

Compreendendo qual o enfoque daremos as artes visuais na escola no seu aspecto pedagógico é preciso analisar como ela está inserida fora desta e como se relaciona com a nossa vida. Porcher (1982, p. 103) esclarece:

Entendemos por desenho o conjunto das atividades humanas que desembocam na criação e fabricação concreta, em diversos materiais, de um mundo figurativo, de um mundo de figuras. Estas figuras podem ser feitas de formas carregadas de emotividade e afetividades (desenho industrial). Elas exigem, para a sua fabricação, da colaboração da mão, do olho, de instrumentos, de técnicas e de matérias.

Observa-se que existe em toda forma de ensinar um caráter racional, lógico instrumental, que para se realizar precisa de uma elaboração técnica, pois o desenho constitui uma atividade total que envolve o conjunto das potencialidades do indivíduo. A arte é uma relação ativa da sensibilidade individual com o mundo, ela não é um ato de conhecimento, ela brota através do gesto, mas não é apenas um puro gesto da mão, mas a coordenação do olho, da inteligência até a mão, que podemos ressaltar não haver formas estereotipadas, uma vez que ela não reproduz o mundo como ele é reproduzido pela percepção cotidiana prática.

Para Porcher (1982, p.105) Cabe ao professor de artes visual-plásticas, afastar qualquer aprendizagem concentrada a priori quer numa técnica, quer numa representação secamente figurativa do mundo, isso ameaçaria aprisionar o aluno num sistema de gestos estéreis, de ritos vazios, de convenções inibidoras e de pseudomodelos geradores de visões estereotipadas.

Nas palavras do autor, cabe compreender que o aprisionar é uma palavra importante para o processo de ensino-aprendizagem do aluno, pois a educação artística deve tornar-se libertadora, através da aquisição de recursos sem os quais, justamente, a liberdade nunca passa de uma reivindicação vazia. E por ser essencialmente uma relação com o mundo, o desenho (referido aqui como uma das artes visuais e não a única) não será definido como uma atividade absolutamente isolada.

Associar o desenho à aprendizagem da leitura ou à redação, bem como às investigações históricas, geográficas e científicas é tornar essas aquisições mais fáceis e sólidas, graças aos recursos da linguagem concreta, direta e sensível. (PORCHER 1982, p. 103).

Como desenvolvimento cognitivo, o desenho para Piaget é mais do que qualquer outro terreno da atividade infantil, é um ato da inteligência, desenhar é um ato inteligente. Isto quer dizer, notadamente, que para as crianças, ele representa uma das maneiras fundamentais de apropriar-se do mundo e, em particular, do espaço. Desenhar é ver, saber e fazer, mantendo constantemente em jogo as inter-relações constitutivas nesses aspectos. Aprender a aprender, em matéria de desenho, é aprender a ver e isto só é possível aprendendo a fazer.

Qualquer boa pedagogia é uma pedagogia de ação. E para o professor que tem esse olhar voltado para a liberdade de encontrar talentos é uma prática fundamental em sua atividade pedagógica em sala que é desenvolver e aguçar as visões que se transmutam em formas, cores, texturas, pela corporeidade da linguagem visual. A prática do pensamento visual torna-se perceptível ao obter formas, por meio da matéria e da experimentação, nos diferentes modos da linguagem visual: pintura, desenho, gravura, escultura, modelagem, caricatura, histórias em quadrinho, colagem, fotografia, cinema, instalação, vídeo, tevê, informática, etc. Para o aluno, é o manuseio e a seleção de materiais, instrumentos, suportes, técnicas e suas especificidades como recursos expressivos que o fará ter contato com as formas.

A linguagem visual também pode ser revelada à criança através de um sensível olhar pensante. O olhar já vem carregado de referências pessoais e culturais; contudo, é preciso instigar o aprendiz também, para um olhar cada vez mais curioso e mais sensível às sutilezas como, por exemplo: a dimensão, o tamanho, a materialidade traduzem outra percepção que ficará marcada,

vividamente, nas memórias significativas. Propor atividade que estimulem a conhecer os ofícios do pintor, escultor, gravador, desenhista, projetista, cineasta, designer, videomaker e tantos outros, poderá fazer parte dos prazerosos debates e conversas sobre arte, revelando aspectos ocultos (inconsciente, por exemplo) da sua personalidade para através disso, se expressar, no sentido profundo da palavra.

Podemos assim, dizer sem exagero, que nas artes visuais, aqui representadas pelo desenho, a interdisciplinaridade se encarna de modo exemplar: o de ocupar uma posição central no posicionamento escolar. Eis porque a psicologia projetiva utiliza muito os desenhos de crianças, como objetos nos quais é possível ler uma personalidade.

A partir desses elementos, podemos dizer que todas as linguagens aqui elencadas, se trabalhadas de forma interdisciplinarmente pedagógica, são possíveis de serem vivenciadas com qualidade na escola, pois já estão intrínsecas nela. Contudo, o “novo” precisa ser planejado, elaborado de forma significativa, tanto para o professor quanto para o aluno, pois ambos se constituem em ato de cumplicidade e é nas artes que se agregam virtudes, juntamente com o corpo escolar.

São duas composições que se integram para um processo educacional que contribua para dar outro gosto a um mesmo contexto. Esse aspecto focado na confiança é o aguçar das percepções e do sentir entre outros, que dá mais bagagem ao aluno e o estrutura melhor, inclusive para a própria vida. Aliás, as linguagens artísticas dão acesso à vida, à humanidade - é um olhar diferente e mais consciente da realidade na qual se está inserido.

6.2 A Arte como ferramenta de aprendizado multidisciplinar

Para contemplar todo o processo de diagnose, elaboração e execução das atividades integradas foram realizadas avaliações minuciosas dos resultados conquistados pelas ações propostas para realização da articulação entre as linguagens artísticas e a Língua Portuguesa, em um processo colaborativo.

Diante dos relatos nessa proposta de trabalhar as linguagens artísticas, compreendemos que a interdisciplinaridade é uma questão de atitude sensível de professores frente às maneiras de se adquirir o conhecimento, que leva a construir um salto entre as possibilidades fragmentadas que o ensino tradicional oferece e uma dimensão mais ampla de formação integral do sujeito, que se configura no

aprofundamento do papel da escola e das concepções de ensinar e aprender daqueles que a fazem.

Isso nos leva a propor a substituição de concepções fragmentadas e estáticas por uma dimensão de ensino integrada, articulada e dinâmica que nos aponta, inclusive a importância de agregação dos saberes do senso comum dos alunos ao planejamento, sendo que esse elemento se configura como verdadeira amálgama dos diversos aspectos que integram os saberes escolares, simplesmente por produzir a identificação que o aluno precisa para se envolver na aprendizagem com motivação própria.

Ao se trabalhar a dança, o teatro, a música e as artes visuais sob a forma de sarais, apresentações, jogos, festivais e exposições, percebemos que as turmas evoluíram significativamente no tocante à leitura em na sala de aula. Motivados, eles se viram como protagonistas das ações e as próximas atividades serão eles que impulsionarão, o aprender a fazer será de fato, pois a escola assume uma nova cara, acolhedora, prazerosa, integradora, com sentido. Assim, o trabalho em Língua Portuguesa com os gêneros textuais transmutados para as linguagens da arte, reportados em sala de aula, traz uma ponte estimulante entre o instrumental linguístico e o empírico para o aprendizado normalizado da língua materna.

Para lastrear o disposto acima, a autora Ivone Mendes Richter (2002) enfoca a “arte” como parte da identidade cultural do ser humano e defende que o espaço incontestável para a realização destas ações é a escola, face à heterogeneidade de concepções, por tal, atingem-se os objetivos de fortalecer a pluralidade cultural em todos os contextos. E, no tocante a interdisciplinaridade, ela inspira a pensar além, quando esclarece:

O prefixo utilizado que pode dar enfoques diferentes, se pensarmos no prefixo “multi”, do termo multidisciplinar, estamos pensando num trabalho entre muitas disciplinas, sem que cada uma perca suas características ou fronteiras; já o prefixo “inter”, do termo interdisciplinar, indica a inter-relação entre duas ou mais disciplinas, sem que nenhuma se sobressaia sobre as outras, mas que se crie uma relação de colaboração, com o desaparecimento de fronteiras entre as áreas do conhecimento (RICHTER, 2002, p. 85).

6.3 Como planejamos?

Observa-se que a comunidade escolar tem inconscientemente, anseios relacionados no que tange as práticas interdisciplinares, em função de uma suposta pouca relevância em determinados conhecimentos teóricos. Entretanto, se estes

forem também, apresentados de forma prática e criativa, sua importância na formação acadêmica será sentida de imediato dentro de qualquer contexto didático e, por força de bons resultados auferidos, serão cobradas avaliações, evidenciando assim, uma constante dinâmica no ensino aprendizagem.

Nesse sentido, é inspiradora a concepção de Ferreira (2001. p 34):

Para a execução será necessária a presença de muitos elementos: os instrumentos, a plateia, os aparelhos eletrônicos etc.... Todos os elementos são fundamentais, descaracterizando, com isso, a hierarquia de importância entre os membros... Para que a sinfonia aconteça será preciso a participação de todos. A integração é importante, mas não é fundamental. Isto porque na execução de uma sinfonia é preciso a harmonia do maestro e a expectativa daqueles que assistem.

O planejar é sem dúvida um ato de regência, que dá o tom e desdobramentos da aprendizagem de acordo com a condução do maestro. Assim, planejar conteúdos conjuntamente entre as diversas áreas e a Arte, oferece suporte salutar para desmistificar o preconceito que hierarquiza disciplinas, concebendo-as como mais importantes que outras.

A semântica, vocábulos, tempo de verbos entre outras nuances da língua são evidenciados de forma fácil já que para transfigurar um texto, se faz patente aprender “mesmo” algumas regras. Uma peça teatral poderá ensinar, coordenadas geográficas numa linguagem lúdica que é mais rica e acessível, a transmutação do chumbo em ouro (histórias de alquimistas) quando encenadas, podem fixar a tabela periódica rapidamente em mentes ávidas. E como a Arte reside no conhecimento empírico de cada ser, a escola poderá além de melhorar o ensino aprendizagem: estimular talentos, ocupar com atividades úteis as mentes jovens num vasto mundo de possibilidades.

Considerando encerrada esta etapa da proposta e pelo que foi possível obter através da ação efetiva e pragmática da linguagem artística no contexto disciplinar da Língua Portuguesa sugerida nessa dissertação, consideramos a importância de ter os resultados apreciados e compartilhados com todos os integrantes da comunidade: alunos, professores de outras escolas, pais e pessoas interessadas nas articulações da Arte com outras disciplinas. Tal intento foi efetivado por meio de produção de DVD, intitulado “*Linguartculando*” que consta no apêndice deste trabalho, com gravação das atividades realizadas durante essa pesquisa, e editado

com a inclusão de entrevistas realizadas junto a profissionais da educação, cujas reflexões e considerações deram o tom das nossas próprias reflexões.

O sucesso pretendido ao se trabalhar de forma interdisciplinar, não quer dizer partir de outras disciplinas e integrá-las à Arte, ou colocar a Arte a serviço de outras disciplinas. A Arte não é um meio, é um fim em si. Ela não serve nem é servida. Arte é Arte. Dessa forma, acredita-se que a nossa formação nos levou a trilhar o trabalho multidisciplinar, não apenas em nossa formação acadêmica, graduações ou por estudos teóricos, mas também, por uma questão instintiva, aberta às pluralidades das linguagens, à exposição aos paradigmas da contemporaneidade, aos desafios do ensinar e aprender.

No início da pesquisa, acreditávamos que para o professor agir com interdisciplinaridade, precisava ter o domínio de conteúdos de diversas disciplinas com as quais iria trabalhar. Hoje não corroboramos essa premissa - compreendemos metaforicamente, que um professor interdisciplinar seja aquele que sabe montar/costurar uma colcha de retalhos com diversas cores e formatos e nessa, aplicar a moldura “sianinha”. Este efeito ondulado e surpreendente é que dará vida ao todo e delinea a atitude necessária de cada professor: É preciso estar em movimento, inquietamente atuando, fazendo de sua ação uma práxis permanente, que relaciona a teoria do como ensinar às ações práticas que promovem efetiva aprendizagem dos seus alunos.

Assim acontece, nas diferentes disciplinas aparentemente fechadas em sua própria caixa. Contudo, ao serem atreladas às identidades pungentes e essenciais do hoje: tornam-se pulsantes, porque estão vivas e falam a mesma língua.

[...] a cognição se desenvolve por meio de conexões entre pessoas, objetos, conceitos, preconceitos, instruções, símbolos, metáforas, enfim, uma intrincada rede de associações, em que o aprendiz é sujeito ativo engajado na construção de sua própria rede de conhecimentos. A função mais importante do professor é a de facilitador ou mediador dessa construção (KLEIMAN, 1999. p. 47).

A metáfora de Kleiman ilustra a nossa ideia de que paralela às amarras da educação, a ideia de se trabalhar múltiplas linguagens no cotidiano escolar, conexões vitais entre pessoas, lugares e ações resultarão em “peças de alfaiataria” - com caimento perfeito - e quando forem traçadas e trabalhadas com “bordados e brilhos” serão urdiduras finíssimas, para revestirem não só a sala de aula, mas todos os palcos da vida.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa analisou que se perde muito tempo com aulas conteudistas, “chatas” e que ainda seguem padrões efetivamente tradicionais, tanto no tocante aos conteúdos repetitivos sem um planejamento pedagógico, quanto naquilo que é voltado para as novas diretrizes que norteiam o atual processo de ensino–aprendizagem, que preconiza ser o aluno o protagonista, consciente e crítico no que é de fato significativo para seu aprendizado e que isso seja utilizado em diversas situações como preconiza a Escola Nova e a Pedagogia Crítica.

As aulas de Arte e de Língua Portuguesa se entrelaçam em suas essências e num sentido amplo são inúmeras as dificuldades que ambas enfrentam frente à pluralidade de distrações que desviam o foco dos alunos que estão chegando ao nono ano do Ensino fundamental sem ter conseguido, em sua maioria, alcançar as competências exigidas para prosseguir em uma nova fase. Porém, a realização dessa pesquisa aponta elementos para se trabalhar linguagens artísticas de forma interdisciplinar colaborando com o desenvolvimento cognitivo, psicomotor e afetivo dos educandos em quaisquer áreas do conhecimento.

Analisar a Arte como linguagem é tornar plural a sua efetivação e se expressar através das múltiplas linguagens artísticas é sem dúvida comunicar-se com o mundo em que vivemos de forma profícua. Em situações de produção de saberes, leva a compreender que, além do professor, outros agentes do processo de ensino e aprendizagem podem fazer parte das tomadas de decisões, cabendo ao professor conhecer qual caminho trilhar para nortear seu aluno na descoberta e produção de suas habilidades artísticas.

A análise das linguagens artísticas desenvolvidas pelos alunos à luz de critérios de técnica e mediação comprova que o ensino de produção é permeado pela criatividade e que o procedimento proposto por Porcher (1983) é um encaminhamento metodológico eficaz para o ensino das linguagens como fator educacional, pedagógico e social. Isso porque tal perspectiva conduz o aluno a descobrir pouco a pouco nuances das suas habilidades, suas especificidades, de modo a adquirir o domínio de técnicas que o favoreçam em outras disciplinas necessárias na composição de conhecimentos correspondentes ao grau em que se processa a sua educação, além do desenvolvimento do senso crítico e criativo. Assim, seduzir o aluno a construir seus próprios textos, transmutando-os para

quaisquer novas linguagens são aptidões que jamais seriam conquistadas dentro de um contexto tradicional do ensino da Arte e da Língua Portuguesa.

Se, em apenas um dos projetos vivenciados na escola, os alunos evoluíram em suas habilidades orais, motoras, perceptivas, afetivas, imaginemos o que aconteceria se todas as situações possibilitassem acesso a propostas de Interdisciplinaridade efetiva e não meramente aparente, para estes alunos? A mudança atravessaria os muros da escola!

No decorrer dessa pesquisa procurou-se atender a algumas falas que circulam na sala dos professores, em momentos de intervalo e nos momentos de formação continuada: “Para quê esses meninos ficam dançando e fora da sala de aula o tempo todo?” e “O professor de Arte fica só enrolando aula: os meninos não fazem nada”, são exemplos. O mito de que o aluno só aprende se estiver em sala de aula, quieto, em silêncio, copiando, na maioria das vezes nem sabe o que de fato está copiando é trabalho mecânico e sem sentido para a perspectiva de uma aprendizagem inexorável.

Nosso primeiro intuito foi diagnosticar as dificuldades dos alunos ao manifestarem suas habilidades e sua participação em sala, como por exemplo: nas leituras orais, na produção e apreciação de diversos textos, em seminários e quaisquer atividades em que sua exposição fosse o foco principal, percebemos que os alunos dos 9º anos ficavam acanhados quando eram solicitados para apresentarem trabalhos ou lerem em voz alta para a turma.

Em face de tais situações de desconforto dos alunos, a proposta foi trabalhar colaborativamente a disciplina de Arte com a disciplina Língua Portuguesa, para dirimir tais dificuldades já que os professores das turmas eram os mesmos que ministravam as disciplinas afins. Felizmente, após criterioso trabalho de planejamento colaborativo com as linguagens artísticas, começaram a surgir avanços, fruto da intervenção realizada; as técnicas de jogos teatrais trabalhadas nas aulas de arte foram o link para ler os textos que eram apresentados em Língua Portuguesa, caracterizando-se como um fator primordial na aquisição das habilidades demonstradas, graças inclusive à interação entre professores e alunos, que instaurou um processo dialógico profundamente construtivo para a produção de sentidos, que tornaram as aulas mais participativas e dinâmicas.

Dessa forma, a professora de Língua Portuguesa interessou-se pelo desenvolvimento de atividades integradas com sugestões de alunos na leitura para que ela pudesse desenvolver habilidades artísticas que ajudassem de forma processual na aprendizagem da Língua Portuguesa. Essa mediação da professora foi pertinente e eficaz. Com a ideia amadurecida, a professora de Artes começou a trabalhar técnicas voltadas para percepções que aguçam os sentidos, colaborando com o desenvolvimento da atenção para ouvir o outro e a si mesmo.

Uma questão pontual foi a importância da mediação das professoras no processo de aprendizagem de produção e desenvolvimento das habilidades. Esta ação possibilitou a atenção do aluno face aos resultados apresentados, tanto durante as oficinas de teatro e de música, quanto ao se fazer a transmutação do texto anteriormente apresentado pela professora de Português: o que a priori era considerado uma tortura, tornou-se um “querer fazer”, ou seja, obtivemos um significado palpável para o aluno. Com a realização de intervenções nos conteúdos estudados, a partir do diagnóstico realizado, minimizaram-se os principais problemas de forma imediata.

Os momentos de aprendizagem, proporcionados pelas oficinas de teatro, dança, música e artes visuais, dando como exemplos: a participação de alunos na construção dos murais de avisos, através da pintura ilustrativa, a montagem de coreografias das temáticas, trazidas para sala de aula, o recital de poesias produzidas por eles em sala nas aulas da professora de português e preparado pela professora de artes através das oficinas de entonação de voz.

O trabalho com exercícios de concepção postural para apresentação os seminários e os comentários do professor com divulgação em diversos suportes, além da participação nos projetos estruturantes da Secretaria de Educação da Bahia são provas de que, a ação pedagógica pautada em processo colaborativo muito contribuiu para os resultados positivos dessa pesquisa. Nesse caso, percebemos que a falta de uma mediação eficiente do professor durante a educação básica é uma das causas do insucesso de milhares de estudantes no decorrer de sua formação continuada. Isso nos faz considerar que professores, devam trabalhar de forma integrada buscando vencer suas dificuldades no ensino, encarando desafios que contribuam para a formação dos alunos como protagonistas.

Durante muito tempo acreditou-se que ser alfabetizado era apenas saber escrever o nome. Na atual conjuntura da sociedade é considerado analfabeto aquele que não sabe compreender as diversas linguagens de comunicação, pois a palavra é atributo nosso, cabendo a nós compreendê-la e relacioná-la com as situações. Acreditamos que quaisquer ações que objetivem isso farão surgir escolas que trabalhem de forma integrada, compreendendo assim que a linguagem é plural. As ações já elencadas comprovaram que existem vários caminhos que chegam ao mesmo lugar e, mesmo repletos de percalços, vale a pena aplicar de forma mais dinâmica, a interdisciplinaridade no processo educativo.

Compreende-se, que as experiências aqui elencadas, foram atividades produzidas em equipe. Isso nos dá a certeza que, a partir desse trabalho envolvendo mais professores, traçando conjuntamente métodos que atinjam os objetivos centrais da educação que são: conhecer, fazer, conviver e ser, se fará um caminho mais produtivo para o sucesso da aprendizagem.

As ações citadas foram propostas e articuladas com as disciplinas de Arte e Língua Portuguesa. Um bom começo para se iniciar os conhecimentos artísticos, suas particularidades e os recursos necessários para uma socialização de tais habilidades. Cientes que muitos alunos que participaram ativamente das atividades nas oficinas, desenvolveram significativamente a linguagem oral e a linguagem expressiva, de forma a divulgar seu trabalho para além dos muros da escola, construindo, para além dos ideais de educação, tem-se a convicção de que a escola, enquanto instância de formação, só se efetiva quando coletivamente constrói possibilidades reais de engajamento e protagonismo para cada estudante que dela faz parte.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Celso. Como desenvolver as competências em sala de aula. In: _____. **Na sala de aula**. Petrópolis - RJ: Vozes, 2013. P. 146-194
_____. **Professores e professoautos**: reflexões sobre a aula e práticas pedagógicas diversas. 9. ed. Petrópolis - RJ: Vozes, 2014
- BARBOSA. Ana Mae Tavares Bastos. **A imagem no ensino da arte: anos oitenta e novos tempos**. São Paulo: Perspectiva, 1994. Disponível em: <http://www.webartigos.com/artigos/o-ensino-de-arte-no-brasil/14770/#ixzz3xWffK2V8>
Acesso em: 12 jan 2016.
- BRASIL, Ministério da Educação e Cultura. **Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LEI Nº 9.394**. Brasília, 1996.
- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Arte**, Brasília, 1998.
- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Língua Portuguesa**, Brasília, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/portugues.pdf> Acesso em: 10 Jan 2016.
- BRIDI, Maria Aparecida; ARAÚJO, Silvia Maria; MOTIM, Benilde Lenzi. **Aprendizagem significativa e a construção do conhecimento em Sociologia**. In: _____. **Ensinar e aprender Sociologia**. São Paulo: Contexto, 2014.
- BLOOM, Benjamin S. et al. **Taxionomia de objetivos educacionais**. 6 ed. Porto Alegre: Globo, 1977. Disponível em: <http://periodicos.unesc.net/seminariocsa/article/download/659/650>. Acesso em: 12 jan 2016.
- BOSI, Alfredo. **Reflexões sobre a Arte**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2004.
- BOAL, Augusto, **Jogos para atores e não atores**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.
_____. **Teatro do oprimido e outras poéticas políticas**. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira. 2005. Edição revista; (ISBN 85-200-0265-X)
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris, MACHADO, Veruska Ribeiro, CASTANHEIRA, Salete Flores. **Formação do professor como agente letrado**. São Paulo: Contexto, 2010.
- CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo: Editora Ática, 2000.
- DELORS, Jacques (Coord.). Os quatro pilares da educação. In: _____. **Educação: um tesouro a descobrir**. São Paulo: Cortez, p. 89-102. Disponível em: http://www.educacional.com.br/articulistas/outrosEducacao_artigo.asp?artigo=artigo0056 Acesso em: 12 jan 2016.
- FAZENDA, Ivani. **Práticas Interdisciplinaridades na escola**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 1993.

FERRAZ, M. Heloísa C.; FUSARI, Maria F. de Rezende. **Metodologia do Ensino da Arte**. São Paulo: Cortez, 1993.

FERREIRA, S. L. **Introduzindo a Noção de interdisciplinaridade**. In: FAZENDA, I.C.A.(org.). *Práticas interdisciplinaridades na escola*. 2 ed. São Paulo: Cortez, 1993.

FISHER, Ernst. **A necessidade de arte**. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: paz e Terra, 1997.

_____, Paulo e SHOR, Ira. **Medo e ousadia: o cotidiano do professor**. 4 ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

HUMMES, Julia Maria. Por que é importante o ensino de música? Considerações sobre as funções da música na sociedade e na escola, **Revista da Abem**, v 12, n. 11, 2004, p.17-25.

KLEIMAN, Angela (Org.). **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas, S.P.: Mercado de Letras, Coleção Letramento, Educação e Sociedade, 1995.

_____. **Abordagens da leitura**. Scripta Belo Horizonte, vol.7, no 14, PP, 13-22.

KOCH Ingedore Villaça, ELIAS Vanda Maria. **Ler e compreende: os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2009.

MARCUSCHI Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MILANEZ, V. **Pedagogia do oral: condições e perspectivas para sua aplicação no português**. Campinas, SP: Sama, 1993.

MORIN, Edgar. *Ciência com consciência*. Trad. Maria D. Alexandre e Maria Alice Sampaio Dória. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

PORCHER, L. **Educação Artística: luxo ou necessidade?** 3. ed. São Paulo: Summus, 1982.

RICHTER, I. M. **Multiculturalidade e interdisciplinaridade**. In: BARBOSA. A. M. (Org.) **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. São Paulo: Cortez, 2002.

SILVA, Lucas Vieira de Lima. Interdisciplinaridade: Conceito, História e Obstáculos para sua Implementação na Escola, **Cadernos de Cultura e Ciência**, Crato, v. 3, n. 1, 2008, p. 1-17.

SOARES, Magda. **Linguagem e Escola – Uma Perspectiva Social**. São Paulo: Ática,1995.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. Trad. Cláudia Schilling. 6ª Ed. Porto Alegre: Artmed,1998.

VIGOTSKI, L. S. **Psicologia da Arte**. São Paulo: Martins Fontes, 2001. 377p.

ANEXO A: PARTICIPAÇÃO EM PRODUÇÕES ARTÍSTICAS¹¹

TEATRO



Fig. 1 - Alunos ensaiando no pátio do colégio.



Fig. 2 - Alunos reunidos para assistirem a apresentação do Projeto Parada Obrigatória sobre Bullying.



Fig. 3 – Apresentação teatral sobre Bullying no pátio do colégio.



Fig. 4 - Esquetes teatrais sobre eu conto "A minha história"



Fig. 5 - Professora trabalhando a oralidade com os alunos em uma atividade extraclasse.



Fig. 6 - Apresentação dos alunos. "O Rei Leão"

¹¹

Fonte: Arquivo pessoal.



Fig. 7 - Alunos indo ao teatro do SESC- Petrolina-PE.



Fig. 8 - Alunos recebendo os ingressos para o teatro.



Fig. 9 - Conhecendo o teatro



Fig. 10 – Registrando o evento teatral “ A Revolta dos Brinquedos”

DANÇA¹²



Fig. 11 – Apresentação da dança italiana Tarantela no pátio do colégio.



Fig. 12 – Apresentação de dança no Projeto Parada Obrigatória sobre Bullying.

¹² Fonte: Arquivo pessoal.



Fig. 13 – Apresentação da dança “Três Raças” na Primeira mostra de inovações pedagógicas



Fig. 14- Apresentação da “NegraCor” nos Projetos Estruturantes no Teatro João Gilberto – Juazeiro – BA.



Fig.14- Técnicas de preparação corporal.



Fig.15- Conhecendo as possibilidades do corpo.



Fig. 16 – Ensaio preparatório de temáticas.



Fig. 17 – A técnica da maquiagens e seus efeitos



Fig. 18 – Adereços e suas características



Fig. 19 – Alunas e professora comemorando a classificação da dança.



Fig. 20 – Efeitos visuais com técnicas corporais.



Fig. 21– Apresentação da dança “NegraCor” para professores.



Fig. 22 – Apresentação em sala na Oficina de Dança.



Fig. 23 – Apresentação da Dança NegraCor para a comunidade escolar



Fig. 24 – Apresentação da Dança Multiculturalidade Rítmica nas festividades religiosas da comunidade.

MÚSICA¹³



Fig. 25 – Alunos apresentando músicas dos anos 80



Fig. 26 – Ensaio com instrumentos de sopro e partitura



Fig. 27 – Apresentação em Desfile de 7 de Setembro



Fig. 28 – Oficina de Música



Fig. 29 – Aula de técnicas fonológicas – a voz como instrumento musical.



Fig. 30 – Alunos e músico da comunidade vivenciando ritmos, compassos e suas variáveis

¹³ Fonte: Arquivo pessoal.



Fig. 31 - Alunos ensaiando a música "Gentileza" de Marisa Monte.



Fig. 32 – Alunos em fim de semana: ensaio da música "Tempos Modernos"



Fig. 33 – Alunos no último ensaio do coral



Fig. 34- Alunos e professora rumo ao estúdio de gravação.



Fig. 35 – Ensaio geral do coral na UNIVASF



Fig. 36 – Apresentação dos Projetos Estruturantes do Coral ENCANTE e da dança DANCE.



Fig. 37 - Encerramento das oficinas de música.



Fig. 38- Estudantes do IF SERTÃO-PE., encerrando oficinas de música

ARTES VISUAIS¹⁴



Fig. 39 – Alunos conhecendo cores e formas em um trabalho coletivo



Fig. 40 – Pintura realizada por alunos tema : “Preservação”



Fig. 41- Transmutação de gêneros textuais: letra de música em pintura



Fig. 42- Alunos Visitando a galeria de grandes artista exposta em sala.



Fig. 43 - Professora explanando o passo a passo da dinâmica coletiva.



Fig. 44 - Alunos pintando - o fazer com as mãos



Fig. 45- Alunos executando a máscara - o fazer com as mãos



Fig. 46- Apresentação de obras no encerramento da Oficina -

¹⁴ Fonte: Arquivo pessoal.

Anexo B: PROJETOS ESTRUTURANTES¹⁵

Os programas e projetos que transformam

Apenas planejar como deverão ser efetivadas mudanças significativas no âmbito escolar, será um meio de transformar para melhor a didática atual, pois já se tem recursos primordiais - os programas oferecidos pelo governo da Bahia e eventos culturais muito relevantes para a comunidade estudantil nos projetos abaixo elencados:

OS PROJETOS ESTRUTURANTES - constituem uma categoria de ação composta por um conjunto de projetos que, além de implementarem políticas educacionais, buscam a reestruturação dos processos e gestão pedagógicos, a diversificação e inovação das práticas curriculares, como consequência e foco principal, a melhoria das aprendizagens, algumas serão aqui elencadas: Programa Mais Educação (PME); Artes Visuais Estudantis (AVE); Festival Anual da Canção Estudantil (FACE); Tempos de Artes Literárias (TAL); Encontro de Canto Coral (Encante); A Arte de Contar História (s); Mostra de Dança Estudantil (DANCE).

Importante destacar que a **articulação dos Projetos Estruturantes**, a partir do **planejamento coletivo**, potencializa os processos de ensino e as aprendizagens os/as nossos/as estudantes, em todas as etapas e modalidades educacionais. Para tanto, os programas e os projetos precisam dialogar entre si e com os componentes curriculares, identificando as possibilidades de nexos e convergências, estabelecendo consonância com o Projeto-Político-Pedagógico e, desse modo, otimizar o trabalho coletivo. O momento do planejamento possibilita uma construção necessária à articulação dos Projetos Estruturantes, cujo aprimoramento acontecerá no decorrer de todo o ano letivo. Nesse sentido, o presente documento, **Síntese dos Projetos Estruturantes**, trata das informações básicas sobre cada projeto, seus objetivos, operacionalização, público alvo, possibilitando uma aproximação panorâmica, que poderá ser aprofundada acessando cada projeto no Portal da Educação.

O PROGRAMA MAIS EDUCAÇÃO - PME instituído e implantado no país em 2008, pelo Governo Federal, administrado pelo Ministério da Educação-MEC. É uma estratégia de indução da ampliação da jornada escolar e da organização curricular na perspectiva da Educação Integral no país. O PME tem como prioridade contribuir

¹⁵ Fonte: Secretaria de Educação do Estado da Bahia.

para a formação integral de crianças, adolescentes e jovens, articulando, a partir do projeto escolar, diferentes ações, projetos e programas nos estados.

O objetivo principal do PME é ampliar tempos e espaços de aprendizagens e para isso vem promovendo o debate sobre a educação integral, descortinando a real condição de funcionamento das unidades escolares situadas nos diversos cantos do país, tanto em seus aspectos pedagógicos como de suas estruturas físicas.

Objetivos

- Melhoria do aprendizado e diversificação dos espaços de aprendizagens;
- Elevação da qualidade da escola e integração das atividades ao projeto político-pedagógico das redes de ensino e escolas participantes;
- Fomentar a parceria entre escola e comunidade, na perspectiva de fortalecimento da cultura e dos saberes local;
- Ampliação do tempo e do espaço educativo, na perspectiva de uma educação integral emancipatória.

O PROJETO ARTES VISUAIS ESTUDANTIS (AVE) é parte integrante do desenvolvimento de políticas culturais com a juventude estudantil, para a promoção das diversas linguagens artísticas no currículo escolar, por intermédio da criação e exposições das artes visuais estudantis nas escolas da rede estadual de ensino da Bahia. O AVE consiste em uma experiência singular e plural, desenvolvida no ano de 2008, demarcando um novo tempo na história da educação baiana, no processo educativo e na formação cultural dos estudantes. Trata-se, portanto, de um projeto pioneiro, de caráter cultural, educativo e artístico, concebido a partir de uma perspectiva ampliada, pois concebe a arte como objeto de ampliação do conhecimento e de prazer, o estudante como produtor do conhecimento artístico, assim como instrumento de mudanças culturais e artísticas.

Objetivos

- Explorar o potencial educativo, estimulando a criação de obras de artes visuais no ambiente escolar, assim como a valorização das expressões culturais regionais;
- Promover um ambiente educacional prazeroso, no qual a cultura, a arte e a educação se expressem em sintonia, contribuindo para transformar a escola em um ambiente vivo e significativa para os jovens;
- Estimular a produção artística, o processo de embelezamento e de estetização da escola e da vida; promover exposições dessa produção de artes visuais nos contextos escolares, nas cidades das distintas regiões do Estado da Bahia;
- Influir sobre o mercado da arte, estimulando os novos cultores e produtores;
- Interagir com outras culturas e influir na formação cultural;

- Interagir com a juventude, por intermédio das linguagens artísticas, e chegar mais perto de seu universo, promovendo valores essenciais para a motivação do viver e para o rompimento com o modelo rígido de ensino e de aprendizagem ainda presente na educação.

O FESTIVAL ANUAL DA CANÇÃO ESTUDANTIL (FACE) é uma experiência pioneira no campo da arte musical, sendo desenvolvida desde o ano de 2008. Tal experiência foi concebida a partir de uma perspectiva abrangente, na expectativa de promover o desenvolvimento do ensino da música nos contextos escolares da rede estadual da educação, a partir da criação de canções e realização de festivais, em suas distintas fases, ou seja, festivais escolares, regionais e estadual, capazes de promover a participação e o envolvimento de todos os sujeitos comprometidos com os processos educacionais (estudantes, professores, diretores, coordenadores e técnicos desta Secretaria). Esta prática cultural constitui-se como ponto de partida para a implementação da Lei nº 11.769/2008 que institui o ensino de Música nas escolas, para o desenvolvimento das linguagens artísticas e musicais no currículo escolar e essenciais para a vida cultural baiana. O Face consiste em uma experiência singular e plural, constituindo-se como um lugar dos saberes e das revelações do potencial estudantil que tem demarcado um novo tempo na história da educação baiana, no processo educativo e na formação cultural dos estudantes, ao proporcionar noções elementares sobre o reino da música para que estes possam expressar a sua inventividade.

Objetivos

- Desenvolver os saberes estéticos, artísticos e musicais no currículo escolar, para uma formação em sua plenitude/
- Desenvolver a criação musical nos contextos escolares, contribuindo para a autoria estudantil;
- Explorar, por meio da música, o potencial educativo, possibilitando a elaboração de ideias, emoções e valores essenciais para a motivação do viver;
- Estimular a musicalidade brasileira e a valorização das expressões culturais regionais;
- Consolidar um ambiente de saber, de festividade, de entretenimento e de prazer, tornando significativo o cotidiano escolar, lugar da manifestação de sentimentos e de valores humanizantes;
- Estreitar os elos entre as distintas instâncias da Secretaria, os Núcleos Regionais de Educação (NRE) e as escolas, por meio de uma relação pautada na produção artística e na mobilização da comunidade escolar;
- Interagir com outras culturas e influir na formação cultural.

O PROJETO TEMPOS DE ARTE LITERÁRIA (TAL) é uma experiência pioneira, de caráter educativo, artístico-literária e cultural, que vem sendo desenvolvida desde 2009, configurando-se como o maior projeto de arte literária com a juventude estudantil, demarcando um novo tempo na história da educação baiana, no processo educativo e na formação literária e cultural dos estudantes da rede estadual de ensino. O referido projeto foi concebido a partir de uma perspectiva abrangente, para promover o exercício da leitura e a produção textual, contribuindo para a apropriação do conhecimento, a criação literária e a visibilidade de bens literários estudantis, de modo que possibilitassem o desenvolvimento das lutas com e pelas palavras, em seus sentidos histórico e social, assim como para a ampliação das percepções sobre o mundo, com vistas à formação do novo homem, nesses tempos de democratização social e literária e, conseqüentemente, a possibilidade de criação de novos horizontes estudantis.

Objetivos

- Estimular a produção literária nos contextos escolares e a valorização das manifestações culturais regionais;
- Contribuir para a formação da intelectualidade e espiritualidade (ético e artístico) e, com isso, abrir caminhos literários para a participação social;
- Compreender a arte literária como objeto de ampliação do conhecimento do saber e de prazer;
- Promover um ambiente educacional prazeroso no qual a cultura, a arte literária e a educação se expressem em sintonia, contribuindo para a transformação dos contextos escolares;
- Estimular o gosto pela leitura e literatura, a arte de ler, de interpretar e de escrever, respeitando os distintos gêneros e estilos das diversas escolas literárias;
- Criar espaços apropriados para os encontros e rodas literárias nos ambientes escolares;
- Promover o desenvolvimento das linguagens literárias e de valores essenciais para a motivação do viver e, assim, contribuir para o rompimento com o modelo rígido de ensino e de aprendizagem ainda presente na educação;
- Influir sobre o mercado da arte literária, estimulando os novos cultores e produtores.

O PROJETO A ARTE DE CONTAR HISTÓRIA (S) é parte integrante das políticas culturais para a juventude estudantil, para o desenvolvimento da história da Bahia nos currículos escolares da rede estadual de ensino. O projeto propõe a realização de videoconferências com personagens da sociedade baiana, sejam

intelectuais, artistas e/ou representantes legítimos da sociedade, com o intuito de abordar os traços de formação, o desenvolvimento da sociedade baiana e, em particular, da cidade de Salvador, sua história e sua cultura, a partir de novas abordagens, de modo que possibilitem recontar os acontecimentos históricos e culturais, especialmente fatos e personagens que ficaram no esquecimento.

Objetivos

- Abordar as diversas visões da história e da cultura da Bahia e, assim, desenvolver o estudo da História no Currículo Escolar, contribuindo para a difusão desse tipo de conhecimento na rede estadual de ensino, a partir da experiência;
- Sistematizar essas distintas abordagens e, posteriormente, reproduzi-las e distribuí-las como material didático essencial para o desenvolvimento dos estudos históricos e culturais da Bahia;
- Celebrar datas e os acontecimentos históricos significativos da sociedade baiana;
- Contribuir para o esclarecimento desses acontecimentos históricos e culturais da Bahia;
- Desmitificar as visões distorcidas desses acontecimentos históricos e culturais.

O PROJETO DANÇA ESTUDANTIL (DANCE) foi desenvolvido na rede estadual de ensino em 2014, trata-se de experiências em políticas culturais com a juventude estudantil, para avivar o debate e incrementar as práticas culturais nos campos da história, da arte, do patrimônio, da juventude e da democratização desses saberes, com vistas ao desenvolvimento da dança nos contextos escolares. A arte, a cultura e a dança, em particular, são expressões da pluralidade de mecanismos simbólicos e de inclusão artística e cultural. A dança é entendida como um processo artístico educativo, um jeito de comunicação e de expressão das distintas formas de manifestação da vida cultural. Assim como acontece com as outras formas de apreensão de saberes, a dança, como área de conhecimento, com suas teorias, conceitos e sentidos distintos, expressa, através do corpo, a pluralidade cultural das sociedades. A dança nas escolas constitui-se como o lugar das distintas linguagens artísticas voltadas para a ação emancipatória. A compreensão da dança, como expressão do nosso patrimônio cultural, é entendida como meio de pensar e viver a vida presente. A educação por meio da dança permite-nos o conhecimento de si, do outro e do mundo, de nossa experiência cotidiana individual e social, assim como a “valorização” da vida cultural. Cabe ressaltar que, por ser este projeto de cunho pedagógico e estudantil, a Secretaria da Educação preza pela qualidade das criações coreográficas, tendo por objetivo principal o protagonismo estudantil e o

despertar dos estudantes, para o desenvolvimento de estilos e técnicas de dança que avancem os padrões estabelecidos pela indústria cultural. A partir deste projeto, pretende-se incrementar, nos contextos escolares, o desenvolvimento da dança e de ações essenciais para o exercício do direito à cultura, para a valorização do corpo, das expressões culturais e dos valores estéticos, para a formação de uma nova mentalidade cultural em nossa sociedade.

Objetivos

- Entender a dança como uma das linguagens essenciais do processo de produção do conhecimento e, em especial, das linguagens artísticas;
- Explorar o processo educativo, estimulando a dança e a criação coreográfica nos ambientes escolares;
- Possibilitar, a partir da dança, a compreensão das questões ligadas ao pertencimento, às distintas expressões das identidades e da diversidade de manifestações culturais e estéticas;
- Promover o interesse pelos distintos tipos de dança (clássica, moderna, contemporânea, indígena, afro, samba e dança de rua);
- Compreender a importância das diferentes linguagens artísticas para o entendimento das experiências cotidianas e do mundo;
- Aprimorar a estética do olhar, por meio da dança, para o exercício das formas de percepção da vida cultural que nos rodeia;
- Entender as distintas linguagens artísticas (visual, fílmica, literária, musical, dança, entre outras) como parte do nosso patrimônio cultural;
- Vivenciar a experiência do belo e do lúdico nas escolas estaduais e na sociedade baiana;
- Garantir a apropriação da história a partir da experiência coreográfica.

O PROJETO ENCONTRO DE CANTO CORAL (ENCANTE) – O projeto Encontro de Canto Coral Estudantil (Encante) propõe a implantação do Canto Coral nos contextos escolares da rede estadual de ensino, para o desenvolvimento das atividades de iniciação à percepção musical, técnica vocal e dicção, com o intuito de exercitar a experiência musical, vocal, bem como promover a realização dos encontros de corais, fazendo jus ao próprio nome. Tal projeto busca ser implementado inicialmente, em escolas da rede que possuam ações que desenvolvem o canto coral, de modo que possuam as condições básicas, ou seja, professor de música, espaço apropriado e computadores. Nesse sentido, faz-se necessário adesões prévias.

Objetivos

- Fomentar o desenvolvimento da arte musical nos contextos escolares, a produção de saberes, criando espaços e estímulos para as expressões artísticas e musicais da juventude estudantil.
- Desenvolver as linguagens musicais associadas às outras linguagens artísticas nos contextos escolares, na busca de valorização das expressões culturais e regionais.
- Despertar as potencialidades dos saberes artísticos e musicais, por meio do canto coral, assim como das forças vitais para o crescimento afetivo, mental e espiritual, para a formação do homem em sua plenitude, tornando-o mais receptivo para o viver consigo mesmo e com os outros.
- Desenvolver noções básicas sobre a percepção, a expressão musical e a sensibilização da estética cultural.
- Promover a implantação de canto coral na rede estadual de ensino e, conseqüentemente, propiciando os encontros de cantos corais estudantis.
- Entender as distintas linguagens artísticas (visual, fílmica, literária, musical, coreográfica, patrimonial, cênica, entre outras) como parte do nosso patrimônio cultural.
- Vivenciar a experiência do belo e do lúdico nas escolas estaduais e na sociedade baiana.